

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

TÓPICOS HISTÓRICOS SOBRE
O MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB

ORGANIZADORES

CRISÓLITO MARQUES

DEMÓCRITO JÚNIOR

ELIEL SOARES

ISRAEL ARAÚJO

JOSÉ PEREIRA SOBRINHO



$m^2 = E$
diction
MC² EDIÇÕES
mc2edicao.com

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

TÓPICOS HISTÓRICOS SOBRE
O MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

TÓPICOS HISTÓRICOS SOBRE
O MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB

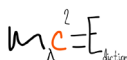
ORGANIZADORES

Crisólito da Silva Marques
Demócrito da Fonsêca Júnior
Eliel Ferreira Soares
Israel da Silva Araújo
José Pereira Sobrinho

APOIO



REALIZAÇÃO



MC² EDIÇÕES
mc2edition.com

NOSSA TERRA, NOSSA GENTE

TÓPICOS HISTÓRICOS SOBRE O MUNICÍPIO DE CUITÉ-PB

©2020 Todos os direitos desta edição são reservados ao **Grupo de Apoio ao Patrimônio Histórico de Cuité (GRAPHIC)** e à editora **MC² Edições**.

Editora

Mayra Clara Albuquerque Venâncio dos Santos

Revisão

Demócrito Humberto da Fonsêca Júnior

José Pereira Sobrinho

Maria Verônica de A. Gomes

Luciana Silvestre da Silva

As ilustrações são imagens vetorizadas a partir de desenhos originais do artista cuitense Amaro Berto Machado Júnior

G892n

GRAPHIC

Nossa terra, nossa gente: tópicos históricos sobre o município de Cuité / GRAPHIC. Cuité-PB: MC² E-diction, 2020.

240 f.

ISBN: 978-85-54385-00-2

1. História de Cuité. 2. Cultura do interior da Paraíba. 3. Cuité-PB. IV. Título.

981

SUMÁRIO

Prefácio - Uma nova história de Cuité, um painel largo e abrangente <i>Áécio Cândido</i>	7
--	---

1º Momento

<i>Primeiros passos, lendas e trajetórias</i>	11
---	----

Tópico 1 - Nossas raízes, nosso espaço: situando e comentando o nosso passado	12
--	----

Tópico 2 - Tarairiús: uma presença indígena na região de Cuité	30
---	----

Tópico 3 - A lenda do Olho d'Água: versão de Demócrito Júnior	47
--	----

Tópico 4 - As luzes do progresso: a energia elétrica em Cuité-PB.....	50
--	----

2º Momento

<i>Fragmentos da nossa cultura</i>	61
--	----

Tópico 5 - Memórias e identidades: a Festa das Mercês no município de Cuité: transformações e desafios	62
---	----

Tópico 6 - Expressões teatrais na cidade de Cuité: breve histórico	74
---	----

Tópico 7 - Pelos bares da cidade	93
---	----

Tópico 8 - <i>Falanganas de milacrias</i> : a culinária cuiteense	103
--	-----

Tópico 9 - Personalidades populares	111
--	-----

Tópico 10 - O Museu do Homem do Curimataú como locus de identidade cultural	117
--	-----

3º Momento

<i>Política e educação</i>	128
----------------------------------	-----

Tópico 11 - Tópicos históricos sobre a política de Cuité: “mapas”, atos e fatos	129
--	-----

Tópico 12 - Educação: memórias, fatos e representações	172
---	-----

4º Momento

<i>Passado, presente e futuro</i>	202
---	-----

Tópico 13 - Nótulas etnográficas sobre a cidade de Cuité – meio século de mudanças: de 1968 a 2018	203
---	-----

Tópico 14 - A Cápsula e o Scanner do Tempo: novas sementes para a historiografia de Cuité: de 2018 a 2068	219
--	-----



Ilustração da primeira igreja matriz de Cuité. Amaro Berto M. Júnior.

O maior patrimônio de um povo é a sua história.
Israel Araújo

Prefácio

Uma nova história de Cuité, um painel largo e abrangente

Aécio Cândido¹

Cuité tem muita história e pouca historiografia. É o que parece. Muita história, porque uma cidade de 250 anos, para os padrões brasileiros e, sobretudo, para os padrões do interior do Nordeste, de colonização tardia, é uma velha cidade. E o tempo produz história – ou não? De pouca historiografia, porque os livros sobre a cidade (os de meu conhecimento, é importante dizer, acrescentando que minha ignorância não é nada desprezível) são dois: o pioneiro, de Pe. Luiz Santiago, publicado em 1936, e o de José Pereira Sobrinho, dado à luz em 2001².

Nas últimas décadas, algumas biografias foram escritas e estas, falando de pessoas, findam por falar da cidade e de tudo que a torna viva. Refiro-me a dois livros desta categoria: *A dignidade como patrimônio* (2007), uma biografia do Dr. Diomedes Lucas de Carvalho, dentista que clinicou na cidade durante décadas, escrita por Ivan Lira de Carvalho, seu filho, e *Nós dois* (2008), uma autobiografia de Elza Santos Furtado, “dona Elza”, esposa de Cláudio Furtado, duas vezes prefeito de Cuité. Há outras, certamente, mas, como já disse, minha ignorância é incomensurável.

A Nova História, há pelo menos quatro décadas, deu novo fôlego ao estudo das realizações humanas. Bebendo com sofreguidão na antropologia e na sociologia, o registro histórico ampliou seu leque de interesse: fatos culturais e fatos sociais do cotidiano das gentes passou a ser alvo da atenção do historiador.

1 - Aécio Cândido é engenheiro agrônomo, doutor em Sociologia, professor da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), aposentado, poeta, publica quinzenalmente uma crônica ou um artigo de opinião no jornal *De Fato*, de Mossoró (RN). Também é membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte.

2 - Os títulos das duas obras mencionadas pelo autor nesse parágrafo são, respectivamente, *Serra de Cuité: sua história, seus progressos, suas possibilidades*; e *Terra nossa*.

A História já não é, desde aí, apenas o registro biográfico da vida de grandes homens, seus feitos heroicos e sobretudo as guerras que empreenderam. Pois é surpreendente como a história parece o registro de uma enfiada de guerras. Parece que o instinto belicoso de cada um de nós precisa ser alimentado pela belicosidade dos outros. Mas isso era em outro tempo.

A História é hoje o registro daquilo que faz a vida e o prazer de viver: as pequenas atitudes do cotidiano, a luta diária para cuidar da sobrevivência, a variedade de afazeres, as maneiras de se divertir, a invenção e o cultivo das brincadeiras, a amplidão da arte, as inovações técnicas e a reinvenção de cada jeito de fazer, as esperanças da religião e da política. Tudo que é humano é do interesse do historiador.

O que fazem as pessoas para preencher o seu dia? Trabalham, conversam, divertem-se, rezam, elaboram e partilham sonhos, planejam e realizam o bem e, algumas vezes, planejam e realizam o mal. Se há uma coisa que nos aproxima a todos como humanos, em qualquer época e em qualquer lugar do mundo, é a luta de cada um de nós para não deixar vácuos no dia.

Na chã da Serra de Cuité, e nas grotas de seu entorno, nos últimos 250 anos, muitos homens e mulheres viveram e criaram seus filhos, pensaram no futuro e ouviram histórias do passado. Antes deles, mas sem história escrita, gerações e gerações do índio, nosso ancestral, também ocuparam o mesmo território. Como sobreviveram nesses anos todos aqueles que viveram nessa chã de água pouca e salobra?

O jeito de viver dessa gente, aquilo em que acreditaram e que deram sentido a suas lutas, os sonhos e esperanças que tiveram cimentaram uma identidade para esse recanto da Paraíba.

Há algum tempo, surpreso com o desconhecimento de gente jovem e de gente velha a respeito de alguns fatos antigamente correntes na vida da Serra, comecei a pensar que Cuité precisava cuidar em fazer novos registros de sua história. A vida que girou por algumas décadas em torno do motor de agave e da casa de farinha, por exemplo, virou coisa desconhecida para muita gente. Mesmo o léxico dessas atividades desapareceu: *caçua*, *carimã*, *manipueira*, *rodete*, *bulbilho*, o que é isso?

Dois ciclos econômicos, se assim podemos dizer, introduziram a cidade nas engrenagens do mercado: o agave e a mandioca. Nunca se teve por aqui recursos naturais fartos para alimentar uma economia extrativista. Não tivemos uma economia extrativista de monta. A terra não nos deu, por vontade própria, na sua epiderme, carnaúba, madeiras nobres, seringueira, piqui, babaçu ou outras palmeiras de que se pudesse viver; e nas suas entranhas, nem xelita, nem columbita, ouro, prata ou diamantes, nem mesmo rochas

mais prosaicas como o calcário e o granito. Nem mesmo ferro, que em outras paragens pariu sobrados, ruas calçadas e igrejas de grande luxo.

A terra não nos deu minas nem matas. O pouco que tivemos, tivemos que desentranhar da terra, mas não porque estivesse lá. Tudo que tiramos dela tivemos antes que lançar nela, e cuidar, para depois receber de volta. A Serra de Cuité foi uma terra de agricultura, basicamente de milho, feijão, fava, batata, jerimum, maxixe, macaxeira, melancia, coisas de cada ano, de cada quadra de chuva. E de fruteiras: jaca, pinha, caju, cajá, maracujá, manga, mamão, goiaba, graviola. Tudo coisa para a sobrevivência, para o passadio do dia a dia. E mais o algodão e a mamona, um pouco de café plantado na sombra dos cajueiros e o capim para alimentar o gado. De coisa dada pela terra, por sua livre vontade, só o umbu, nas grotas escarpadas.

O livro que você tem às mãos neste momento dá conta de boa parte da nossa história cotidiana. Ele reúne 14 estudos, frutos das pesquisas de mais de uma dezena de autores cuitenses. São vários os temas aqui tratados, com verve e perspicácia: o espaço territorial, o imaginário coletivo, expresso em algumas lendas, a história da energia elétrica, do teatro, da festa da padroeira, de alguns bares, como espaço de sociabilidade, da gastronomia, de algumas figuras populares, da política, da educação, e do museu local como produtor de uma identidade.

Há informações preciosas: em 1872, havia 611 escravos em Cuité, numa população de mais de 11 mil almas. É bom lembrar que o território de Cuité, à época, era bem maior do que é hoje. Mas a informação é importante e me permite uma divagação. Há poucos dias, em Natal, uma senhora elegante, exemplar típico da *high society* local, declarou, para quem quisesse ouvir, que a escravidão era uma mentira, que ela nunca existira no Brasil e recomendava a todos que não lessem livros de História. Essa senhora fazia-se porta-voz de uma moda em alta no país, a moda da ignorância pedante, arrogante, aquela que pretende dobrar o interlocutor, porque se julga num nível bem superior ao dele. Como toda moda, espero que passe logo.

Algumas figuras populares da cidade entram por vários estudos. O que é uma figura popular? Em geral, alguém se torna popular não por algum feito singular e grandioso que realiza, mas pelo que tem de característica mais intrínseca: o exotismo, a simpatia, o comportamento talhado por uma mania. A popularidade advém do que ela é, não do que ela fez. A galeria de tipos populares que Demócrito Júnior recupera em seu texto é admirável.

Uma curiosidade: há um termo proveniente do inglês, e adotado por outras línguas, que serve para designar aqueles neologismos criados deliberadamente. É *Jabberwocky*. Provém do nome de um animal imaginário que dá título

a um poema de Lewis Carroll no livro *Alice no País das Maravilhas*. Demócrito Júnior nos apresenta Dona Nenem Santa Cruz, autora de celebrados guizados de galinha e também de vocábulos improváveis: “falanganas” e “milacrias” são termos seus. O registro me faz lembrar Pau Vêi, citado de passagem no texto de Demócrito, que criou nos seus delírios simpáticos dois campos de estudo filosóficos, o da Orlógica e o da Ortológica, para se somarem ao da Lógica, campo tradicional de estudo desde os tempos do grego Aristóteles.

Um dos estudos, *Expressões teatrais na cidade de Cuité: breve histórico*, compila uma série de informações, com certeza, desconhecida de muita gente. Para mim, o teatro em Cuité nascera com Áurea Dantas. Não foi. Foi com Dona Chicota. Áurea iniciou-se no teatro brincando nos dramas e bailados dirigidos por Dona Chicota, informa-nos Osmael Márcio de Oliveira.

O progresso da cidade, impulsionado pela energia de Paulo Afonso, a política local, com sua sucessão de prefeitos e de lideranças partidárias, e a educação, todos estes temas são aqui apresentados em estudos bastante completos e abrangentes.

Alguns dos estudos aqui reunidos, no entanto, ressentem-se de uma revisão técnica, para articular melhor os dados de pesquisa, podar excessos e promover pequenos ajustes na redação. Isto, porém, não compromete o resultado final do conjunto. A história de Cuité está recebendo pela primeira vez, certamente, a visita organizada de olhares argutos, resultando numa abordagem sistemática e ampla. Os responsáveis: uma geração de jovens historiadores, formados em boas universidades, com passagens por cursos de pós-graduação.

“O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia, / Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia / Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”, canta Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa. O espírito desses versos pode ser aplicado a Cuité.

Escanchada no dorso da Serra da Borborema, espremida num recanto do estado, Cuité não foi passagem de comerciantes, tropeiros ou romeiros. Não esteve no meio da rota de nenhum grande negócio. Quem nos visitou ao longo dos 250 anos em que existimos tinha alguma coisa a resolver conosco. Há terras com história mais longa, mais agitada e talvez mais bonita, mas essas histórias não são a história da minha terra. Boa parte da história de Cuité, que se agitava na cabeça desses jovens historiadores, começa a ser contada aqui. E essa história é mais bonita do que as outras.

Aécio Cândido

Natal, 03 de novembro de 2018.

1º Momento

Primeiros passos, lendas e trajetórias

Tópico 1

Nossas raízes, nosso espaço: *situando e comentando o nosso passado*

Crisólito Marques¹

Israel da Silva Araújo²

Maria Verônica de A. Gomes³

Cuité é um município brasileiro situado na porção centro-norte do Estado da Paraíba, na mesorregião do Agreste paraibano, mais precisamente na microrregião do Curimataú Ocidental. Limita-se ao norte com o Estado do Rio Grande do Norte; a leste com Cacimba de Dentro, Damião e Barra de Santa Rosa; ao sul com Sossego; e a oeste com Nova Floresta, Picuí e Baraúnas.

Sua área territorial é de aproximadamente 741,8 km², e a sede municipal tem altitude média de 667 metros acima do nível do mar. Sua população absoluta é de 20.348 habitantes, segundo a estimativa do Censo 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O clima é do tipo tropical chuvoso, com verão seco; a estação chuvosa se inicia entre janeiro e fevereiro, com término em setembro, podendo se adiantar até outubro.

O município encontra-se inserido nos domínios da bacia hidrográfica do rio Jacu. Os principais cursos d'água são os rios: Jacu, Japi, Pinta-Cachorro, Campo Comprido, do Trapiá e Bonsucesso; além dos riachos das seguintes regiões: Tamanduá, União, Maribondo, Gama, Cachoeira, Barandão, Alegre, Serra do Negro, Cachorro, Grossos, Fe-

1 - Possui graduação em História pela UEPB (2010), especialização em História do Brasil e da Paraíba pela FIP (2013), especialização em Gestão Cultural dos Estados do Nordeste pelo Ministério da Cultura, Fundação Joaquim Nabuco e Universidade Federal Rural de Pernambuco (2012) e mestrado em História pela UFPB (2016).

2 - Possui graduação em História pela UEPB (2009), especialização em Gestão Pública CESREI (2011), especialização em Educação pela UFCG (2012). Está na Direção do Museu do Homem do Curimataú. (UFCG/CES). É Membro do Conselho de Políticas Culturais do Município de Cuité, articulador cultural do CES, Campus Cuité.

3 - Possui graduação em Licenciatura em Geografia pela UEPB (2011), mestrado em Geografia pela UFPB (2014). Atualmente é docente pela Secretaria do Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Urbana e Pequenas Cidades.

chado, Tanque de Areia, Fortuna, Saco de Areia, Recanto da Cachoeirinha, Caiçara, Santa Rita e dos Cavalos.

Vista aérea de Cuité.
Vê-se parte do perímetro urbano da cidade, majoritariamente desenvolvido no alto da serra. Na imagem também destacam-se o monumento *nome Cuité*, a lagoa e a universidade.



Foto disponível na internet. Autor desconhecido.

O nome Cuité vem do uso que os nativos faziam do fruto da coitezeira, utilizado para fabricar cuias, gamelas e cochos. No dialeto indígena, *cuy* quer dizer vasilha e *etér* significa grande, real ou ilustre. O Pe. Luiz Santiago afirma que os indígenas que habitavam as terras, que hoje é o município de Cuité, foram aldeadas pelo Pe. João de Barros na década de 1690. Este padre participava da Companhia de Jesus e foi membro da equipe do Pe. Antônio Vieira.

O Olho d'Água da Bica foi um ponto de convivências daqueles indígenas e, atualmente, é um patrimônio cultural dos cuiteenses. Até hoje jorrando águas que matam a sede de quem teve por seus antepassados a negativa ação de exterminar os indígenas que ali viveram, fazendo sobrar apenas a Lenda da Princesa⁴, já que desses indígenas quase nada se guardou em Cuité. Segundo Pe. Luiz Santiago, eles eram da tribo dos Cariris, já de acordo com Juvandi (2009) eram da tribo do Tarairiús⁵. E, recentemente, foram descobertas igaçabas, que podem guardar novas possibilidades de origens destes nativos.

Na questão da demarcação territorial, ainda de acordo Santiago (1936), em 08 de dezembro de 1704, o Conde de Alvor solicitou

4 - Leia a versão de Demócrito Júnior da “Lenda da Princesa” (Tópico 3 deste livro), na pág. 49.

5 - Veja mais informações sobre as nossas raízes indígenas no texto *Tapuias Tarairiús: indícios indígenas na região de Cuité*, na pág. 31 deste livro.

o território de Cuité com o nome de “Olho d’Água de Cuité”, recebendo a concessão no governo de Fernando de Barros e Vasconcelos. Contudo, Pe. Luiz Santiago atribui a origem urbana de Cuité a Caetano Dantas Correia, que em 31 de outubro de 1784, requereu a terra sob o nome de “Lagoa do Cuité” e, a fim de povoá-la, edificou uma capela em homenagem a Nossa Senhora das Mercês. Onde, na companhia do irmão, Simplício Dantas Correia, passaram a promover festas naquela localidade.

Caetano Dantas Correia doou meia légua de terra, tirada daquela faixa que tivera requerido, no entorno da capela, com o objetivo de construir o “patrimônio da santa”. Entretanto, foi comprovada uma doação dessa terra em 17 de julho de 1768 (data oficial da fundação de Cuité), alguns anos antes do coronel ter requerido a terra da Lagoa do Cuité. Ou seja, Caetano tomara posse informalmente e fez a doação 16 anos antes da posse oficial.

Uma informação interessante sobre essa doação está destacado no texto da professora Maria Izabel Dantas, que na sua tese, intitulada *Sabor do sangue: uma análise sociocultural do chouriço sertanejo*, de 2008, pontuou destaque à família dos Dantas na construção da receita do chouriço. E em um dos relatos sobre o tema, um descendente de Caetano Dantas fala sobre a doação de terras na “Serra de Cuité” como demonstração prática e real da conversão de sua família ao catolicismo:

[...] A família Correia era de cristãos novos. Estes, eram pessoas que tinham feito a conversão ao catolicismo, mas que, naquela época dele, existiam as perseguições. Associada a perseguições políticas, a religiosa. [...]. Quanto à história dos frades que vieram viajar para Acari, coincide com a doação da terra de Cuité à Igreja Católica por Caetano Dantas Correia e Josefa Pereira, a sua mulher. Sabe-se de boca pequena que foi uma orientação de um sobrinho dela que ia ser padre, ou já era padre [...] (DANTAS, 2008, p. 42).

Tais argumentos nos possibilitam acrescentar mais algumas linhas sobre a história de Cuité, pois, até então, não se tinha indicações na literatura de como e porque seu fundador motivou-se a fazer a doação de terras para o “patrimônio da santa”. O fato é que o povoamento urbano do município de Cuité se deu justamente em torno da capela de Nossa Senhora das Mercês (foto abaixo), que atualmente é padroeira da cidade.



Primeira igreja de Cuité. Marco zero da cidade. Acervo do Museu do Homem do Curimatáu.

Na data de 25 de agosto de 1801, a capela passou à sede de freguesia, desligando-se da freguesia de Caicó no Rio Grande do Norte, através de decreto assinado pelo então bispo de Olinda, Dom José Joaquim de Azevedo Coutinho, tendo sido Manoel Fernandes Pimenta o seu primeiro vigário.

Esse ano de 1801 tornou-se importante para esta região, pois fora ter sido o ano em que foi criada a freguesia de Nossa Senhora das Mercês da Serra do Cuité, desmembrando-se assim da freguesia de Nossa Senhora de Santana, Vila Nova do Príncipe, no ano de 1815 foi criada a Vila Real de Brejo de Areia, através de Alvará Régio, apenas instalada em 1818, cujo território abrangia as povoações de Alagoa Grande, Bananeiras, Guarabira, Pilões, Pedra Lavrada e Cuité.

Somente ao mês de outubro de 1827, foi criado o distrito de paz

de Cuité, pela Lei nº 15. O termo judiciário de Cuité foi criado pela Lei nº 04, de 27 de maio de 1854. A partir desta data a povoação de Cuité foi elevada à categoria de vila e seu território abrangia as áreas ocupadas atualmente pelos municípios de Barra de Santa Rosa, Picuí, Nova floresta, Frei Martinho, Nova Palmeira, Cubati e Pedra Lavrada.

Entre os anos de 1800 a 1827, Cuité foi elevado à categoria de distrito, mas sua comarca foi criada somente em 25 de junho de 1872, sob a denominação de Comarca da Borborema. Porém houveram duas supressões, duas restaurações e uma transferência de comarca. A primeira supressão ocorreu em 1881, restaurada em 1883, a 2ª suprimida novamente em 1889, restaurada em seguida, e em 1900 houve a transferência. Quatro anos depois, o município e a comarca de Cuité foram anexados ao município de Picuí, com o nome “Serra de Cuité”.

Na data de 18 de dezembro de 1936, através da Lei Estadual nº 99, Cuité foi considerado município, com a denominação de Serra de Cuité. Desmembrando-se de Picuí e sendo constituído de dois distritos: Serra de Cuité e Barra de Santa Rosa, este criado pela mesma lei que criou município, que fora instalado em 25 de janeiro de 1937, através do Decreto-lei estadual nº 1.164, de 15 de novembro de 1938. O município passou de Serra de Cuité a ser chamado apenas de Cuité, e o distrito de Barra de Santa Rosa passou a chamar-se Santa Rosa.

A partir de então, a cidade de Cuité, igualmente a muitas outras cidades Brasil, passou por muitos momentos dinâmicos, com relação a sua economia, política, cultura e sociedade, de acordo com o momento histórico vivido no país e mais particularmente na região Nordeste, ou ainda, no Estado da Paraíba.

Nas primeiras décadas do século XX, o município já conquistava “melhorias” na prestação de serviços. Por exemplo, em 1922 recebeu um ponto de telégrafo para comunicação institucional e para aqueles que possuíam condições financeiras para utilizá-lo.

Outros exemplos, quem nos traz é o senhor José Moreira, que além da arte de cortar cabelos e barbas, era artista da caneta e do pensamento; e nos deixou uma lista de sua impressão materializada em um cordel exemplificativo o comércio e serviços que havia em Cuité na década de 1940. Segundo ele, em Cuité havia chegado um tempo de bonança, vejamos:

*Cuité tá bem elevado
Já tem juiz e vigário
Um doutor de medicina
Fiscal estacionário
É um lugar de simpatia
Tem nove barbearia
Com 21 operários (...)*

*Tem até fábrica de rede
E rádio propagandista
Quatro alfaiataria
E máquina fotografa
A estufa de Zequía
E no sítio de Isaía
A assembleia comunista*

*Dois campos de futebol
E hoté mobiliado
E tem dois cimitéro
Para os seres sepultados
Oficina de barrica
Dentro da Rua da Bica
Um bangalô acabado (...)*

[Poema atribuído a José Moreira de Andrade]

Segundo Dinamérico Soares, no livro *Poetas cuiteenses de todos os tempos* (1999), José Moreira era poeta e barbeiro, e gabava-se de grande orgulho por um dia ter feito o cabelo e a barba do cangaceiro Antônio Silvino, em uma passagem sua por Cuité.

A obra do poeta possibilita termos uma noção de como a cidade estava em crescimento na década de 1940: segurança, juiz, vigário, médico, vigilância civil, instituição política e morbidades da saúde. Ele ainda nos informa dos estabelecimentos que existiam, seja do alinhar-se, alfaiataria, barbearia, até mesmo a questão dos hotéis, cemitérios, entre outros modos e lugares que nos dão uma visão do cenário da época. No cordel também vemos o predomínio religião católica, quando o poeta se refere à assembleia comunista refere-se à igreja Assembleia de Deus, a primeira a instalar-se no município, cujos adeptos tiveram muito trabalho para ganhar espaço; a mesma foi bastante combatida pelos católicos.

Inovações foram transformando a paisagem da cidade. Como a construção de banheiros públicos (Olho d'Água da Bica), instalação da luz à motor, a construção do grupo escolar, os casarões e casas e outras ações que demonstram o caminho a que a cidade queria tomar, como a construção da praça central e seu inesquecível coreto.



Banheiros públicos do Olho d'Água da Bica - década de 1940
Acervo MHC.



Usina de energia
década de 1950
Acervo MHC.



Prédio público
Prefeitura/Escola - década de 1940/50 - Acervo MHC.



Casarão na antiga Praça Barão do Rio Branco - década de 1950
Acervo MHC.



Passeio na Praça Barão do Rio Branco - década de 1950
Acervo MHC.



Pose para fotos na Praça Barão do Rio Branco - década de 1960 - Acervo MHC.

A praça foi construída na década de 1940 e foi mais um avanço que proporcionou ares modernos à cidade. Sua beleza arquitetônica e seu coreto trabalhado em *art déco* inspiraram a comunidade. Ali se tornou o cartão postal de Cuité, um espaço para se tirar fotos, passear e realizar eventos diversos (retretas, festas da padroeira etc). Infelizmente esse monumento, apesar de sua importância, acabou cedendo lugar a outros símbolos de modernização vinte anos depois.

Estas transformações da infraestrutura urbana e nas relações econômicas, culturais e sociais eram impulsionadas principalmente pelo desenvolvimento das produções de farinha e algodão. Porém, nas

décadas seguintes estas culturas e outras como feijão, milho e hortaliças foram secundarizadas em relação à produção de sisal (PRODER/SEBRAE-PB, 1996).

A partir de meados da década de 1940, a fibra do agave consolidou-se como um dos principais produtos de exportação do Nordeste. Segundo Pereira (2008, p. 17) o Ciclo do sisal se desenvolveu nas fazendas do interior do Nordeste e “permitiu a intensificação da economia no Curimataú Paraibano, permitindo também o desenvolvimento econômico de Cuité”.

Com a funcionalidade e tecnologia dos motores desfibradores trazidos para Cuité pelo Pe. Luiz Santiago no final da década de 1940, a cultura do sisal toma grandes proporções em produção e lucratividade. Gradativamente o município foi tomado pela “febre” do sisal, também conhecido regionalmente como ouro verde. O aumento da produção e da área produtiva exigiu maior demanda de mão de obra, pois o sisal passou a ser considerado uma ótima alternativa de lucratividade e geração de empregos. “Chegaram no município, trabalhadores de várias partes do estado, tanto do Brejo quanto do Sertão, a fim de trabalhar nas lavouras desta cultura” (PEREIRA, 2008, p. 30).

A dinâmica cotidiana do município de Cuité começou a apresentar, de forma mais clara, as consequências socioeconômicas deste avanço produtivo. Analisando os dados da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1960), é possível identificar os benefícios infraestruturais adquiridos em vinte anos de produção do sisal. O documento expõe as seguintes informações:

“Em todo o município, funcionavam 5 estabelecimentos grossistas e varejistas, explorando os ramos de tecidos em geral, gêneros alimentícios, chapéus, ferragens, drogas, perfumarias, miudezas e calçados. Daquele total, 67 estabelecimentos localizavam-se na cidade. Há no município 82 veículos rodoviários: 64 caminhões, 6 automóveis comuns, 4 jipes, 4 ônibus e 4 camionetas. Sua rede rodoviária estende-se por 227 quilômetros. Com vias de comunicação, o município dispõe de uma agência postal-telegráfica do departamento dos correios e telégrafos, e uma estação radiotelegráfica da Prefeitura. A sede municipal possui 26 logradouros, sen-

do 4 pavimentados a paralelepípedos e um a pedras irregulares. Desses, 5 são arborizados e um simultaneamente arborizado e ajardinado, que é, a Praça Barão do Rio Branco. Existem 998 prédios na cidade, disseminados por 22 artérias que contam 334 ligações elétricas domiciliárias (IBGE, 1960, p. 259).

Nas descrições acima, chama atenção um detalhe relativo aos veículos rodoviários: de um total de 82 veículos lotados no município, 64 eram caminhões. Um demonstrativo da intensidade do fluxo de transportes devido ao deslocamento das cargas de fibra, realizado não somente por meio destes caminhões, como também de mistos (caminhões com cabine dupla), carroças com tração animal, entre outros. No município havia também o Banco do Brasil, não relatado na citação acima, que era fundamental para as transações comerciais.

Para dar apoio aos processos de comercialização e escoamento da produção foram implantados novos serviços e equipamentos na cidade. Alguns tinham a função de viabilizar o transporte da produção, como exemplos: o primeiro posto de combustíveis da cidade e a pista de aviação – nomeada de Pedro Simões Pimenta, construída por volta de 1958.

Em relação aos novos objetos e serviços que dinamizaram o cotidiano social cuitense, podemos citar o primeiro cinema da cidade: o Cine Borborema, que foi inaugurado em 1948. Anos depois foi vendido ao Sr. Jovino Pereira da Costa e recebeu nova nomenclatura: Cine Atlas. Para a sociedade cuitense o cinema era tido como símbolo de modernidade e de requinte. Sobre a construção e práticas dos espaços de namoro em Cuité na década de 1970, eram poucos os “privilegiados” a frequentarem o cinema, tanto pela questão financeira quanto pela ordem disciplinar exigida pelos organizadores do local. Quem desobedecesse às regras comportamentais poderia ter suspensa sua entrada por um determinado período ou mesmo ser expulso do recinto.

O cinema não era o único local de acesso restrito à parcela social de maior status financeiro. Segundo Sobrinho (2005), as festas sociais, antes realizadas no mercado público, receberam um espaço sofisticado: o Cuité Clube, inaugurado em 1951. Nele foram realizadas grandes festas que geralmente reuniam a camada mais abastada da população cuitense, as famílias tradicionais – como Viana da Costa, Venâncio e

Fonseca –, as lideranças políticas e convidados de Campina Grande e da capital, João Pessoa.

Os carnavais, os aniversários da associação fundadora do clube, os desfiles, as apresentações de orquestras, os bailes de debutantes e os eventos beneficentes eram palco para exibição de riqueza e poder seguintes:



Desfile de Miss, 1970. Fonte: Acervo do MHC.



Posto de Combustível, 1970. Fonte: Arquivo do MHC.

Outro momento de relevância cultural e religiosa para grande parcela da comunidade cuiteense, que demonstrava uma forte dicotomia das classes no uso do espaço. Os produtores do sisal e seus convidados, de alto escalão, tinham direito a locais separados dos trabalhadores do campo e habitantes em geral durante as festividades em comemoração à padroeira local. Sobre este evento Araújo (2009, p. 28) diz que “fora ponto alto do reencontro das famílias cuiteenses que podiam dividir o espaço de uma barraca onde comendo e bebendo, ali injetavam-se impressões culturais daqueles que voltavam de centros urbanos como Campina Grande, João Pessoa, entre outros”.

Tratando-se de uma festa comunitária, teoricamente, todos os cidadãos poderiam circular livremente no espaço ocupado pelas atividades festivas. No entanto, a análise desta imagem nos apresenta uma realidade diferente. Na visão frontal da foto da direita, observamos senhores e senhoras bem acomodados à mesa, posicionados abaixo do pavilhão – onde acontecia o baile e os leilões beneficentes para Igreja –, servidos com fartura de bebidas e muito bem vestidos para época.



Carnaval no Cuité Clube, 1970.
Fonte: Arquivo do MHC.



Festa da Padroeira.
Fonte: Arquivo MHC.

Mesmo em tons de preto e branco, a imagem revela a nobreza dos tecidos (alguns aparentam ser veludo) das roupas femininas e a elegância dos ternos e chapéus (supostamente de camurça) dos senhores. Enquanto ao fundo da imagem, separados pelo cercado de madeira que contorna o pavilhão, estão senhores, senhoras e crianças. Grande maioria dos homens vestem camisas desnudas de ternos e seus chapéus se assemelham a chapéus de palha. Todos estão de pé e aparentemente aglomerados espacialmente de modo pouco confortável – apertados na multidão. Ou seja, estes possivelmente eram pessoas de baixo poder aquisitivo, que não poderiam dar lances durante o leilão e arrematar objetos para colaborar com as finanças da Igreja, em vista disso, não desfrutavam das mesmas regalias.

O período do sisal foi não somente de progresso como também de intensificação das desigualdades sociais. As melhorias e os investimentos do capital não se expandiram para todas as esferas da população. Não que em outro momento da história do município os bens tenham sido igualmente distribuídos. O fato é que, neste momento histórico a não socialização das riquezas foi mais evidente e perceptível entre grupos sociais, no uso dos lugares e no acesso ao lazer e aos serviços.

Porém, no final da década de 1960 os primeiros sinais da crise apareceram em escala regional. Diversos lugares produtores do agave, na região Nordeste, foram afetados por esta desvalorização. A produção sisaleira em Cuité resistiu à crise por quase uma década, mas não conseguiu fugir totalmente dela. A desvalorização da fibra em mercado mundial atingiu a comercialização da fibra cuiteense, e ano após ano a produção declinou e várias fazendas produtoras foram abandonadas, vendidas ou disponibilizadas para arrendamento e parceria.

Assim, um período de lucratividade e de crescimento é substituído por um período de crise econômica. A diminuição no fluxo do capital no município de Cuité desencadeou a extinção e/ou transformação de alguns hábitos tradicionais e culturais, que não resistiram à ausência de investimentos. O Cine Atlas, na década de 1980, foi vendido e poucos anos mais tarde fechou as portas, somente no início do século XXI foi reinaugurado como teatro. O Cuité Clube também perdeu seu papel de palco das festas luxuosas e começou a ser utilizado em outras atividades, principalmente para execução de programas sociais, reuni-

ões comunitárias e durante muitos anos como sede do Fórum Eleitoral da 24ª Zona Eleitoral.

Algumas festas tradicionais e eventos deixaram de ser realizados e perderam espaço para outras atividades, como exemplo os shows de bandas de forró. Somente algumas festas resistiram, como as religiosas de Natal, da padroeira e as festividades juninas.

Cabe destacar que o município de Cuité não entrou em estado de inércia com a decadência da cultura sisaleira. Mas passou a movimentar-se de acordo com novos ditames, em ritmo diferenciado e de um novo contexto político, econômico, social e cultural de menor importância para as relações capitalistas nacionais. E tornou-se um momento de transição, antecedendo as inovações socioespaciais que se iniciaram com a instalação do campus de educação superior da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

No ano de 2006 foi instalado o Centro de Educação e Saúde-CES em Cuité, por meio do Programa Nacional de Expansão da Educação Superior, que objetivava a expansão das instituições federais para suprir a necessidade de formação educacional e fortalecer o arranjo social, econômico e tecnológico do país.

No Estado da Paraíba, a UFCG se responsabilizou em executar o Programa de Expansão. Já se propunha o Curimataú para sediar um campus, mas era preciso que houvesse disponibilidade das forças políticas e sociais em receber a instituição e apoiar a UFCG. É neste momento que determinadas pessoas que tiveram acesso às informações da Secretaria de Projetos Estratégicos-SPE da UFCG sobre a possibilidade do Curimataú sediar uma instituição de ensino superior se unem e formam um grupo para lutar pela vinda do campus para Cuité.



Manifestação popular
em Cuité, 2005.
Fonte: CES-UFCG.

Esse grupo organizou um movimento muito bem articulado e criou estratégias que influenciaram na decisão de que Cuité seria sede do novo campus da UFCG, mesmo que representantes de Picuí tenham demonstrado interesse em receber o CES. Ele conseguiu mobilizar forças políticas e sociais por meio de abaixo-assinados, manifestações de ruas e declarações de órgãos, instituições locais e representantes políticos. E assim, passam de pessoas comuns a sujeitos da história.

A presença do campus universitário atribuiu à Cuité um serviço especializado (educação superior) que concedeu à cidade maior importância em nível regional e também uma nova funcionalidade. Incentivando as esferas privadas e públicas a investirem em novas atividades comerciais e de serviços, principalmente os serviços educacionais das mais diversas modalidades. Após o ano de 2006 foram implantadas cinco novas instituições da área de ensino básico, técnico profissionalizante e superior, são elas: as escolas particulares IDEA - Instituto Delta de Ensino e Aprendizagem e Millenium ofertam ensino básico do pré-escolar ao ensino médio; a escola CETES - Centro Técnico em Saúde que oferece cursos técnicos profissionalizantes; a Cognitiva Cursos e Consultoria, oferecendo cursos de Graduação e Pós-Graduação (Especialização e Mestrado) em Serviço Social, Pedagogia, Educação Física, Administração e Ciências Contábeis e; a Escola Técnica Estadual de Cuité está preste a ser inaugurada.

O CES não somente atrai novos investimentos, como também atrai pessoas pela oferta de formação educacional e emprego. A clientela é oriunda dos mais diversos locais do Brasil e em especial de outros municípios da Paraíba. Cerca de 79% da comunidade do CES é oriunda de outros municípios brasileiros (CES, 2014).

Os alunos e os profissionais se interagem com a população cuitense, favorecendo a intensificação do processo de trocas culturais, a geração de eventos harmoniosos e conflituosos e a ampliação das relações socioterritoriais em que a cidade está envolvida. Além disto, esta comunidade vem colaborando para a ampliação do fluxo de pessoas, de veículos e de informações, para as transformações demográficas e para o aumento da demanda nos setores de serviço e de comércio.

O aquecimento no setor imobiliário é outro exemplo de fenômeno decorrente deste processo migratório. A fixação, mesmo que

periódica, de parte dos membros do CES à Cuité tornou crescente a procura por moradia. Tal fato, associado à baixa oferta de imóveis e terrenos destinados a locação e comercialização, possibilitou ao setor imobiliário elevar produção e os preços destes bens e serviços; gerando a expansão da área urbana e uma alta valorização imobiliária nas mais diversas áreas da cidade. Até o ano de 2006 três áreas loteadas estavam registradas na Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Urbano de Cuité, ao ano de 2014 já eram dezenove.



Cuité, disposição dos loteamentos habitacionais da área urbana. Fonte: Secretaria Municipal de Infraestrutura e Serviços Urbano, 2014. Imagem: Google Earth, 2006. Adaptada por Maria Verônica de A. Gomes.

O setor imobiliário tem investido maciçamente na produção de loteamentos habitacionais – que ofertam tanto os lotes de terras quanto as residências já construídas – e nos condomínios fechados, que inserem em Cuité novos padrões de moradia. Acentuando a presença de espaços de exclusão da população mais pobre de acesso aos direitos básicos na vida cidadina, ampliando a segregação socioespacial nesse novo período de sua (re)produção da área urbana da cidade.

A soma desta parcela demográfica ao contingente demográfico cuitense tornou ainda mais visível a necessidade de investimentos que

estimulem o crescimento e a diversidade de atividades de comércio e de serviços locais, como também de investimentos em infraestrutura urbana.

A expansão territorial urbana está ocorrendo com rapidez e não dispõe do controle e da organização necessários por parte dos órgãos públicos. Até mesmo os bairros mais valorizados pelo mercado, por concentrar a população local de alto poder aquisitivo, estão crescendo sem infraestrutura que responda suficientemente às necessidades da sociedade.

De acordo com nossa visão da realidade momentânea, concluímos que os investimentos do poder público e do mercado não estão sendo suficiente de acordo com demandas criadas, pois ainda são pontuais e majoritariamente atendem às necessidades mais básicas. O maior crescimento foi de empreendimentos que destinam-se ao lazer, como as piscinas de aluguel, as casas de shows e bares; visto que os eventos musicais e shows aumentaram significativamente nos últimos anos como decorrência da presença de uma população jovem.

Outra questão a ser considerada é que, a presença de uma população flutuante não garante, por si só, o crescimento econômico do município e região. Como afirma Santos (2008, p. 87) para que os fatores demográficos tornem-se impulsionadores do crescimento, seria necessário “que eles se desenvolvessem ao mesmo tempo que a infraestrutura econômica (sobretudo transportes) e paralelamente à capacidade da cidade de se beneficiar dos investimentos de capitais regionais ou exteriores à região”.



Outdoor do condomínio fechado Cuité Ville, em 2014.

Desse modo, para que haja maior crescimento e desenvolvimento em Cuité é preciso que o Estado, na criação e na manutenção das estruturas urbanas, viabilize melhorias econômicas e sociais e que a organização espacial se processe nos seus níveis político-administrativos municipal, estadual e federal. Como também, que haja maior injeção de capital privado na realização de diversas atividades do mercado.

Diante todo contexto apresentado, enxergamos Cuité como palco de eventos históricos que se caracterizam pelas transformações de políticas, econômicas, sociais e espaciais. Em um elenco de causas e efeitos que constroem as particularidades e especificidades do lugar e da sociedade que o habita.

REFERÊNCIAS

_____. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. 1960. Vol. 7 Disponível em: <<http://historiadecuite.blogspot.com.br/2011/04/cuite-na-enciclopedia-dos-municipios.html>>. Acesso em: mar./2013.

AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros. *Picuí do Seridó: dos primórdios até 1930*. João Pessoa: A União, 2010.

ARAÚJO, Israel da Silva. *Memórias em Discurso: construção e prática dos espaços de namoro no município de Cuité – PB (década de 1970)*. Monografia de Conclusão de Curso em História. Campina Grande: UEPB, 2009.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>>. Acesso em: nov./2015

MARQUES, Crisólito da Silva. *Fé e poder andando juntos: estudo sobre a vida sacerdotal, política e social do padre Luiz Santiago na cidade de Cuité – PB*. Campina Grande, UEPB, 2010.

PEREIRA, Jônatas Rodrigues. *Período áureo do sisal em Cuité-PB*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, 2008.

SANTOS, Juvandi de Souza. *Cariri e Tarairiús? Culturas tapuias nos sertões da Paraíba*. Tese de doutoramento defendida pelo na UFRS. 2009.

SANTOS, Milton. *Manual de geografia urbana*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SEBRAE/PB/PRODER. Série: Diagnóstico socioeconômico de Cuité. Vol. 19. João Pessoa, 1996.

SOBRINHO, José Pereira. *Cuité em detalhes*. Publicação independente, 2005.

UFCG. Dissertação de Mestrado em Geografia. João Pessoa: UFPB, 2014.

Tópico 2

Tarairiús

Uma presença indígena na região de Cuité

Maria das Graças da Silva Araújo¹

Fala-se muito sobre Cuité e suas redondezas terem sido habitadas por indígenas em algum passado remoto. E não só isso, temos também fortes indícios a esse respeito: pinturas rupestres, lendas² que nos acompanham há gerações e, não bastasse, o próprio nome da cidade é uma referência a essa suposição. No entanto, poucos são os registros oficiais que garantem essa premissa e o pouco que se tem não está organizado ou reunido em um só lugar.

A proposta dessa pesquisa é iniciar uma base de informações que dê suporte ao resgate dessa parte da nossa história para que a mesma possa ser protegida do esquecimento, repassada, lembrada e homenageada com a mesmo zelo que damos às histórias dos nossos contemporâneos.

Estudos recentes realizados pelo pesquisador e arqueólogo Ju-
vandi de Sousa Santos – em sua tese de doutorado *Cariri e Tarairiús? Culturas Tapuias nos Sertões da Paraíba* – forneceram os dados fundamentais sobre a presença do grupo indígena Tarairiús na região, e esse estudo será o nosso ponto de partida.

Este texto foi organizado em tópicos que vão abrindo trilhas para o entendimento desse sujeito quase invisível de nossa história: os Tapuias Tarairiús. Vamos fazer uma síntese sobre os caminhos os quais percorreram esses indígenas na Paraíba (que ocuparam também o Rio Grande do Norte e o Ceará), até chegarmos aos registros sobre a presença desses povos em Cuité e, especialmente, sobre as evidências encontradas no Sítio Cabaças I, citadas por Santos (2009).

1 - Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Historiadora e pesquisadora.

2 - O Tópico 3 deste livro, *A lenda do Olho d'Água: versão Demócrito Júnior* (pág. 49) traz a “Lenda da Princesa”, uma famosa estória atribuída à época em que supostamente os indígenas viveram em Cuité.

Tapuias Tarairiús: um povo de língua diferente no interior dos sertões

Os indígenas Tapuias Tarairiús, que habitaram o Ceará, o Rio Grande do Norte e a Paraíba, sofreram com a ocupação de suas terras por parte dos colonizadores. Reagiram às tentativas de lhes tirarem o direito à liberdade, de submetê-los à servidão, à opressão colonialista, mas foram vencidos pelos portugueses e demais europeus que por aqui se instalaram. Gaspar Barléus comenta sobre os Tapuias:

É célebre no Brasil holandês o nome dos tapuias, por causa do seu ódio aos portugueses, das guerras com os seus vizinhos e dos auxílios mais de uma vez prestados a nós. Habitam o sertão brasileiro, bastante longe do litoral... Vagueiam à maneira de nômades e não se deteem sempre em aldeamentos ou territórios fixos, mas, mudam de morada, conforme a quadra do ano e a facilidade da alimentação. Teem compleição assaz robusta em tão grande número dêles quase a mesma para todos... (BARLÉU, 1940, p. 260).

Essa classificação origina-se das crônicas e documentos resultantes dos primeiros contatos, nos quais se reproduziam preconceitos e hipóteses vagas que geraram uma percepção distorcida da humanidade indígena na América, que falava praticamente a mesma língua: o tupi (PUNTONI, 2002, p. 61). Gândavo escreveu em sua História Província de Santa Cruz, publicada em 1576, que “a língua que usam por toda a costa é uma”.

No entanto, existia uma divisão entre os Tapuias, devido ao ódio inconciliável entre os grupos espalhados por toda a extensão do litoral. Isso deu aos colonizadores europeus melhor oportunidade para coordenar uma política territorial favorável à fixação da população de portugueses, holandeses e franceses da nova colônia e forçou alguns grupos indígenas a adentrar os sertões³.

A diversidade da língua criou um sistema de classificação e con-

3 - Para Figueiredo Filho (apud SANTOS, 2009, p. 35), “Sertão é a zona do interior, afastado da faixa litorânea”.

dição de tregua um meio único na “identidade linguística”. Portanto, a relativa homogeneidade linguística e cultural permitiu aos colonizadores elaborar sua concepção em categorias que por muito tempo iriam persistir. “Tapuia” passou a designar um conjunto de tribos que, apesar de heterogêneo, era percebido pelo esquema classificatório como portador de identidade. O termo era ainda utilizado de forma pejorativa. O primeiro a usá-lo foi também foi Gândavo, que assim denominou uma tribo específica de indígenas que habitavam perto do “rio Maranhão, da banda do Oriente” e que seriam da mesma nação dos Aimorés, “ou pelo menos irmãos em armas”.

Os jesuítas também perceberam outras peculiaridades entre os Tapuias, mas a distinção linguística foi a mais importante para o trabalho de catequese. Conhecer os indígenas e sua cultura era necessário e de fundamental importância, tendo como objetivo principal entender para transformar e substituir suas culturas pelos evangelhos.

Nas palavras do Anchieta, “a grande distinção originava-se da observação de que os povos que habitavam ao longo da costa ‘têm uma mesma língua que é de grandíssimo bem para a sua conversão’, a língua tupi para os jesuítas uma ‘língua universal’, idealizada por eles para facilitar a comunicação e a catequese (missão da igreja enviada pela coroa portuguesa). Observou também Anchieta: “pelos matos há diversas nações e diversíssimas línguas, a que estes indígenas chamam Tapuias”. Para os colonizadores e missionários o povo indígena que falava Tapuya era definido como hostis e bárbaros e os chamavam de línguas travadas, consideradas destoantes e muito difíceis de pronunciar.

O tupi foi a única língua estudada nos primeiros 300 anos. O Pe. José de Anchieta escreveu e publicou *Arte da grammática da lingua mais usada na costa do Brasil*, que contém detalhes sobre o tupi. Os estudos atuais demonstram que esses povos pertenciam aos seguintes grupos culturais: Jê, Tarairiús, Cariri e a grupos isolados e sem classificação. Entre eles podem ser citados: Sucurus, Bultrim, Arius, Pega, Panati, Corema, Paiacu, Janduí, Tremembé, Icó, Carateú, Carati, Pajok, Aponorijon, Gurgueia, que lutaram ora contra, ora a favor dos colonizadores de acordo com as estratégias que visavam à sua sobrevivência.

Os Tapuias de Eckhout foram identificados com Tarairiús e, sobre eles, Inge Schjellerup comenta que:

O povo Tarairiús era considerado a tribo mais feroz em comparação com os Tupinambás, pois não queriam se integrar à forma de vida européia. Durante à época colonial holandesa, vários Tarairiús foram levados para a Holanda para obter informações militares úteis, como por exemplo, onde as várias comunidades no interior de índios Tupis e de outros Tapuias estavam localizadas. (SCHJELLERUP, 2002, p. 141)

Ao que se refere ao modo de vida e costumes do povo Tapuias Tarairiús, nos relatos de Heckmans, tratava-se de um povo nômade, coletor e caçador. Não demorava mais de três dias no mesmo lugar, sempre indo de uma outra região. Nos meses de novembro, dezembro e janeiro desciam para as praias em busca do caju, devido à seca e o ambiente árido dos sertões.

Quanto às características físicas, os Tarairiús eram robustos, de grande estatura, apresentando ossos fortes; cabeça de grandes proporções e espessa; cor atrigueirada; cabelos pretos pendentes ao pescoço, cortados acima das orelhas de forma igual, de fibra grossa e áspera; andavam nus, com exceção das ocasiões de festas ou quando estavam em guerra (cobrindo o corpo com penas de araras, como forma de identificar o rei. Cabelo cortado em forma de coroa e suas unhas dos polegares eram mais cumpridas que as demais). Os seus comandantes e amigos tinha as outras unhas cumpridas, menos as dos polegares, pois isso era considerado uma ofensa ao chefe.

Eram extremamente velozes, e na guerra eram bons em perseguir os inimigos, pois corriam com a capacidade de vencer um cavalo, geralmente matavam os inimigos capturados. Sobre o modo de vida dos Tapuias, no *Diálogo Sexto dos Diálogos das Grandezas do Brasil de 1618* consta que:

Êstes tapuias vivem no sertão, e não têm aldeias nem casas ordenadas para viverem nelas, nem menos plan-

tam mantenimentos para sua sustentação; todos vivem pelos campos... e assim da caça, que tomam em grande abundância pela frecha, se sustentan...

Não usavam barbas ou cabelos, esses à medida que cresciam, eram arrancados. Eram muito obedientes e submissos aos chefes, principalmente quando saíam para guerrear (o *rei* do grupo ia sempre a frente).

Não construíam casas, e seus acampamentos era bastante rústicos, compostos por abrigos feitos de paus e folhas; geralmente a permanência era de pouco tempo. Quando tomavam banho nos rios, pela manhã, esfregavam o corpo com areia grossa, e, em seguida, tornavam a banhar-se, fazendo movimentos de contração nos músculos para afastar a moleza.



Homem Tapuia, de Albert Eckhout
Imagem: Bayona (2008).

Usavam pente feito de dente de peixe, como um raspador, esfregando a pele, até sangrar, diziam que essas fricções os tornavam mais dispostos para longas viagens.

Não eram catequizados e tinham em seus feiticeiros a maior confiança, consultando para saber se teriam sucesso nas guerras, notícias dos amigos se seriam mortos, sobre onde levantar acampamento, ou sobre a caça ou a pesca. Essas práticas e rituais assustava os colonizadores e soldados, que entendiam aquilo como culto ao diabo. Eles tinham os Tarairiús como incultos e ignorantes.

As mulheres eram de baixa estatura, bem diferente dos homens. De cor atrigueirada, cabelos preto e compridos, andavam nuas e cobriam apenas as partes íntimas com folhas. Usavam colares e enfeitavam-se de penas coloridas, coladas ao corpo com cera de abelha.

Tinham rostos bonitos, eram submissas e serviçais. Normal-

mente casavam-se em regime monogâmico e, em caso de adultério, o homem tinha o direito de espancá-la até a morte.

À noite faziam fogueiras para aquecer suas redes e, às vezes, dormiam no chão ao relento. Ao levantarem acampamento, tocavam fogo em tudo, como sinal para quem os procurassem.

Os homens quando desejavam casar, tinham que mostrar que eram viris, seja matando algum inimigo, ou, em casa, provando sua força de trabalho carregando pesadas árvores escolhidas para esse fim. Aprovados nos testes, eram lhes dada uma mulher para casar e o mesmo era submetido à seguinte cerimônia: abriam-se furos dos dois lados da face e enfiavam pedaços de ossos e pauzinhos brancos, semeando pedaços de cachimbo de 3, 4 ou 5 polegadas, que era o modo certo de ser casado, pelo costume e como prova de masculinidade. Quem trazia duas cabeças do inimigo provando que os tinha matado, também tinha direito ao ritual.



Mulher Tapuia, de Albert Eckhout
Imagem: Bayona (2008).

O rei (chefe do grupo) podia ter até 25 mulheres. Acerca do casamento do rei, sempre havia muitos gritos e choros por parte das mulheres e crianças, como sinal de júbilo e honra. A festa durava de quatro a cinco dias. No final da tarde, o noivo dançava com o corpo pintado com urucum jenipapo e com muitas penas coloridas, terminado as cerimônias do primeiro casamento, o homem podia tomar outra mulher como esposa, mas sem rituais como o primeiro.

As armas eram feitas de madeiras duras, como a do pau-brasil: arcos e setas, azagaias, louças, machado de mão, facas e outros apetrechos líticos (SANTOS, 2009).

Em relação aos seus mortos, praticavam o endocanibalismo, por

entenderem que o melhor lugar de se guardar os seus parentes mortos era dentro deles mesmo. O ritual se dava da seguinte maneira: lavavam bem o corpo do morto, depois colocavam para assar, depois de assado, todos comiam suas partes em meio a grande lamúria e gritos. O que sobrava, principalmente os ossos, eram queimados, pisados até virar pó, e colocado na farinha para também ser consumido. O mesmo acontecia quando uma criança nascia morta. A mãe a comia por achar que o melhor lugar para ela e dentro do seu corpo, de onde veio.

Esse era o cotidiano desse grupo étnico, que ao olhar dos cronistas e colonizadores do primeiro contato, pareciam monstruosos e hostis, mas eram apenas os nativos em suas terras e que seguiam a cultura dos seus antepassados. Para o colonizador, habitantes de um novo mundo no qual a oportunidade mercantilista e a chance de dominar, explorar, escravizar e trouxe extermínio.

Verificamos que entre os Tarairiús seguiram-se duas importantes leis naturais: a “lei do mínimo esforço” e a “lei da solidariedade”. A partir da visão que os colonizadores tiveram desses indígenas, é que se criou o estigma do ócio e da vagabundagem, essa ideia ainda faz parte da sociedade atual, ao que se refere ao indígena brasileiro. Os desbravadores brancos, que limpavam o terreno dos indígenas Tapuias nos séculos iniciais de nascimento da Paraíba, receberam do rei (monarca da coroa) e da igreja honrarias pelos “bons” serviços prestados (SANTOS, 2009).

Breve histórico dos Tarairiús na Paraíba

Os indígenas Tarairiús se agrupavam em 22 grandes tribos no interior do Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba.

[...] Para a conquista do sertão, os portugueses foram invadindo as terras ocupadas pelos Tarairiús. A guerra contra os Tarairiús começou nos anos 1630, e se estendeu até 1730, uma guerra de 100 anos. Foi a maior guerra indígena do Brasil. (BORGES, 2000.)

Os primeiros historiadores a relatar sobre os indígenas da Paraíba, os Carris, foram: Irineu Joffily e Maximiano Lopes. Joffily afirmava ser todos os indígenas do interior Cariris, exceto os do litoral que eram os Tupis. Após 30 anos de estudos, o etnólogo José Elias Borges Barbosa encontrou nos documentos e trabalhos de Elias Herckmans mais detalhes sobre os grupos indígenas que ocuparam a Paraíba. Segundo esse levantamento, não haviam apenas duas nações indígenas como apontavam outros estudos, mas muitas outras. Dentre os grupos que provavelmente habitaram o estado, destacam-se três: os Tupis, que habitavam o litoral (ao norte do Paraíba); os Tabajaras (vindos do São Francisco, ao sul do Paraíba); e o grupo dos Cariris.

Algumas definições encontradas sobre grupos menores:

Os **Tarairiús** ocupavam mais o interior e os sertões e eram aliados dos holandeses (fizeram guerra contra os portugueses). Foram por isso odiados, menosprezados e considerados selvagens. Suas fronteiras eram muito variáveis e haviam migrações imensas e constantes na Paraíba. Os Tarairiús estabeleceram-se basicamente no Curimataú, Sertão, Seridó e parte da região dos Cariris Velhos; agrupavam-se nas fronteiras da Paraíba com o Rio Grande do Norte e Ceará.

Os **Janduís** localizavam-se próximo às margens do rio Piranhas, seridó sabugi de Santa Luzia, Patos e Curimataú. Janduí era o cacique que comandava 22 grandes tribos no interior do Ceará, do Rio Grande do Norte e da Paraíba, junto com os **Carcarás**.

Os **Sucurus**, na submissão dos indígenas Janduís, em 1692, foram incluídos como etnia Tarairiús, embora sejam considerados Cariris por alguns autores. Habitavam quase que totalmente (inicialmente) na região de Bananeiras e Cuité, e depois no território compreendido entre os rios Curimataú e Araçagi. Posteriormente, estiveram em Monteiro-PB e nos limites do Estado potiguar, na região do Seridó.

As últimas notícias localizam esses indígenas aldeados na Serra de Bananeiras e na Serra de Ararobá (no atual município de Pesqueira), a 220 quilômetros do Recife-PE, onde vivem atualmente cerca de 6 mil indígenas Xucurus, em terras herdadas de seus antepassados e reconhecidas pelo Governo Federal.

Os **Ariús** habitavam as imediações do Vale do Açu até o Seridó, sempre beirando o rio Piranhas-Açu. Faziam incursões também na região de Patu-RN, que já pertenceu ao Estado da Paraíba, e na Serra do João do Vale, abrangendo Pombal e Catolé do Rocha. Uma parte dos Ariús foi aldeada inicialmente ao sul da Serra do João do Vale, na época era chamada de Serra da Cepilhada, onde ainda existiam cerca de 500 indígenas. Em 1757, foram transferidos para a missão de Mipibu, no Rio Grande do Norte (JUNIOR, 2008). Outros agrupamentos teriam sido distribuídos nos atuais municípios de Belém do Brejo do Cruz-PB e em Pombal (PB). Outra facção teria sido levada pelo colonizador paraibano Teodósio de Oliveira Ledo, em 01 de janeiro de 1698, para o aldeamento dos Cariris, em Campina Grande-PB (JÚNIOR, 2008).

Os **Panatis** habitaram uma boa parte do oeste do Rio Grande do Norte, no Vale do Açu (rio Piranhas), no combate aos portugueses. As últimas notícias a respeito deles falam em aldeamento na Missão de São José, em 1746, na cidade de Piancó-PB. Teriam habitado também a parte leste do Ceará e oeste da Paraíba (Pombal).

Os **Paiaçús** viveram na fronteira do Rio Grande do Norte com o Ceará, na região de Apodi e Ribeira do Patu.

Os **Canindés** viveram nas fronteiras do Rio Grande do Norte e Ceará, e na região do Curimataú.

Os **Jenipapo**, que ocuparam os limites do Rio Grande do Norte com o Ceará.

Os **Cavalcantis**, que viveram na região de Campina Grande (do grupo Ariús).

Os **Vidais**, que viveram na fronteira do Rio Grande do Norte.

Segundo Borges, existiam outros grupos menores. Os Tarairiús sempre procuravam as regiões das montanhas perto de vertente d'água, vegetação de caatinga, próximo à caça e de onde tivesse matéria-prima que pudessem fabricar seus utensílios.

Com a entrada dos portugueses no sertão, começou a guerra contra os Tarairiús, foi uma guerra de 100 anos. A guerra dos bárbaros, a guerra justa, a colonização das missões, a expulsão de seus territórios, a pregação, são fatores que contribuíram para o extermínio desses grandes guerreiros: os Tapuias Tarairiús. Borges (2000) acrescentou que quando os portugueses começaram a entrar para o sertão, começaram a

lutar contra os Tarairiús, que tinham sido aliados dos holandeses.

Segundo Serafim Leite, a guerra começa com os Tarairiús em 1608. A Guerra dos Bárbaros só atinge sua parte nevrálgica mais importante a partir de 1687, até o primeiro tratado, em 1694. Depois ela continuou, e houve outro tratado, em 1697, e mais tarde outro assinado em 1730. Praticamente essa guerra começou antes dos holandeses e se prolongou bastante. Foi a maior guerra indígena do Brasil.

Os indígenas da Paraíba ajudaram os holandeses exatamente em Valdivia, no Chile, só que foram derrotados lá e depois tiveram que voltar. Chegaram aqui vestidos com roupas dos araucanos. Alguns comandantes holandeses levaram alguns Tarairiús para combater os portugueses nas colônias da África. Isso aconteceu em Angola. Herckmans levou os Tarairiús para Valdivia, no Chile (alguns Tarairiús chegaram a combater os espanhóis e os indígenas mapuchos e araucanos).

Mesmo depois da guerra dos holandeses, quando foram feitas as pazes, o tratado de paz feito entre o Brasil e a Holanda não citava o perdão aos indígenas Tarairiús. E Janduí exigiu e os governos português e holandês tiveram que aceitar, dando perdão a Janduí, que era o cacique Tarairiús.

O governador André Fernandes Vieira não tolerava os indígenas, que tinham sido combatidos por ele. Tanto que aprisionou alguns deles aqui e mandou para Portugal, só os devolveu porque já tinha feito as pazes.

A Guerra dos Bárbaros foi uma série de eventos conflitantes entre reações militares do governo colonial e as variadas estratégias de guerra utilizadas por grupos étnicos, entre os quais os povos Tarairiús.

Estes povos indígenas estiveram envolvidos em um processo intenso de alianças, guerra e paz capazes de interpretações e ressignificações das suas práticas políticas e culturais (ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009, p. 5). Um verdadeiro genocídio que a sociedade tenta negar até os dias de hoje.

Cuité e seus registros indígenas e arqueológicos

Temos na origem do nome Cuité, o modo como os indígenas que possivelmente habitaram a região faziam uso do fruto do coitezeiro, utilizado por eles na confecção de cuias, gamelas e cochos. No dialeto indígena, Cuité é a junção de **cuy** (vasilha) + **eté** (real, grande, ilustre). No princípio, o nome da cidade ficou com “Coité”, como encontrado em relatos e registros mais antigos – como na solicitação de terras por parte de Caetano Dantas Correia, em 1834, no qual é citado por “Serra de Coité”, e por muito tempo foi assim chamado. Somente através do Decreto-lei nº 1.164, de 15 de novembro de 1938, que o seu nome foi simplificado para Cuité.

O município de Cuité está localizado na microrregião do Curimataú Ocidental que, por sua vez, localiza-se na mesorregião do Agreste paraibano, no Planalto da Borborema, em cotas altimétricas entre 650 e 950 metros em relação ao nível do mar. (SANTOS, 2009, p. 617).

Na região existem vários sítios arqueológicos e muitos paredões de rocha contendo pinturas rupestre com registro de grupos humanos que existiam na região antigamente e nos deixa dúvidas sobre a que povos, época ou tribos indígenas pertenciam.

O que caracteriza um sítio arqueológico é a presença de algo que sirva de demonstrativo da presença do homem naquele local: trata-se dos vestígios arqueológicos que podem ser ferramentas de pedra lascada, uma estrutura de fogueira na qual assaram sua comida, uma pintura rupestre, uma sepultura, ou mesmo uma simples marca de passos humanos. Desses vestígios talvez os mais exponenciais sejam as figuras rupestres (sítios com gravuras e pinturas); estes sempre chamaram a atenção dos colonizadores desde os primeiros momentos (SANTOS, 2009, p. 66).

No início dos anos 2000, o Programa de Conscientização Arqueológica da Paraíba (PROCA-PB), realizou um cadastramento em Cuité, com o objetivo de mapear os sítios arqueológicos (e suas características) existentes em nossa região.

Foram catalogados, segundo consta no referido relatório, sete sítios arqueológicos, são eles em Cuité: Olho d'Água da Bica, Barragem de Pedra Lavrada, Trapiá, Cabaças, Pedreiras do Rio, Boqueirão do Japi, e Pedra da Fortuna.

De acordo com o relatório, entre os sete sítios arqueológicos verificados, com exceção da barragem de Pedra Lavrada, todos apresentam características contraditórias para serem considerados sítios de pinturas rupestres em localidades tradicionais para a realização de gravuras.

Por questões provavelmente ritualísticas, o homem primitivo tinha um critério ou modelo seletivo na escolha dos monumentos para registro dos seus signos, geralmente essa organização seletiva, onde preferivelmente os sítios a serem pintados ocupavam parede de matacões e abrigos com a distância mínimas de 1,5 quilômetros de fontes hídricas, com pinturas sempre muito próximas a cursos e fontes de água. Esses são alguns dos fatores determinantes na formulação das pintura rupestres do Nordeste do Brasil.

Em Cuité, identificaram pinturas em locais com características diferentes das encontradas de práxis na rotina das pinturas rupestre do Nordeste: são elas pinturas em ocre, em paredão de boqueirão, em olhos d'água, nas margens de cachoeiras ou em localidades de poço de rio. Todos estes locais são tradicionalmente alvos para insculptores de grafia rupestre, no entanto diferem do modo de escolhas dos locais tradicionais para pinturas rupestres encontrados em outras localidades do Nordeste do Brasil.

Outra observação feita no referido relatório foi a respeito do fino artefato em pedras pré-históricas encontradas no roçado do Trapiá, entre eles, uma ponta de lança em quartzo transparente e contas em berilo, citados no relatório como de excelente técnica e qualidade. Porém, devido a extensão territorial do município, o número mínimo de expedições e a longa distância entre os testemunhos sítios arqueológico identificados, apenas um relatório parcial foi possível, deixando uma lacuna a ser preenchidas com outras pesquisas, estudos e mapeamento da nossa região.

O referido relatório encontra-se no Museu do Homem do Curimataú, em Cuité, disponível para consulta do público em geral.

Nossa região é rica em sítios arqueológicos, porém falta incentivo por parte das políticas públicas e dos órgãos competentes para que os profissionais e a ciência possam explorar essa riqueza histórica guardada pelo tempo a serem descoberta e trazer a tona nosso passado e assim explicar nosso presente.

Em fevereiro de 2015, no bairro Antônio Mariz, mais conhecido como Tambor, o operário Josenildo Ribeiro da Silva, encontrou urnas funerárias em formatos de potes de argila contendo restos mortais (ossadas humanas), utensílios e adornos indígenas, em escavações provenientes da reforma na residência.

Diante da ocorrência, o proprietário tomou as providências cabíveis junto à polícia, que depois da perícia e registro da ocorrência, passou o material para a prefeitura. Os historiadores cuitenses comunicaram ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional IPHAN-PB, que recolheu o material e interditou o local para estudos e pesquisa. Atualmente o material encontra-se em análise no Iphan-PB.

O que havia no local? Seria um cemitério? Um aldeamento? Que grupo indígena ocupou aquela área? Todas essas questões serão respondidas através dos estudos sobre o material recolhido.

Possivelmente mais de um grupo indígena passou na nossa região. Ou seria a nossa região uma rota de passagem para o litoral ou sertão? Essas são hipóteses que só novos estudos e pesquisas podem nos dar respostas.

Em Cuité, “A Lenda da Princesa” (pág. 51), bem como as inscrições nas pedras do Olho d’Água sempre causaram fascínio e curiosidade aos moradores da nossa região, que é a nossa memória viva sobre esses possíveis antepassados.

O Sítio Cabaças: pesquisas e resultados

A pesquisa e as escavações realizadas no sítio Cabaças I, em Cuité, foram mencionadas na tese de Santos (2008), principal fonte desta pesquisa. De acordo com ele, o Sítio Cabaças encontra-se em uma propriedade denominada de Roçado do Trapiá, pertencente ao Sr. Benedito Sebastião de Lima, distante da região urbana de Cuité 16 km. Segundo ele também, o sítio-aldeia encontra-se danificado devido o uso para agricultura e criação de gado: essa atividade causou modi-

ficações no solo. Apesar disso, vários fragmentos arqueológicos foram encontrados na superfície, embora que sem condições de uma datação, especialmente por conta do carbono C14, resquícios que comprova a presença de grupos humanos, mas não de indígenas.

Para o autor do estudo, vários fatores contribuíram para a escolha das escavações no sítio Cabaças I: vestígios arqueológicos na superfície, relatos de moradores sobre a presença de antigos indígenas na região, fontes de matérias-primas diversas nas proximidades, área propícia para acampamento, entre outros fatores.

Para as escavações, ele seguiu as etapas necessárias e técnicas da arqueologia. O sítio arqueológico foi uma aldeia-acampamento dos antigos habitantes da região: os Tarairiús. Também foram achados fragmentos de materiais arqueológicos mais recentes nas escavações do sítio Cabaças I, tais como: grés, vidro, metal e faiança (louça), e esclarece uso e hábitos da população residente no início do século XX, no entorno do sítio.

O Cabaças I segue um modelo comum no Brasil, observado por Bueno (2005): material arqueológico de superfície em grandes extensões com vestígios a uma profundidade nunca superior a 20 centímetros; as informações obtidas com a datação descreve a ocupação da área como aldeia por um período de cinco séculos; acerca de 280 metros do sítio Cabaças I, temos o rio Cabaças, um dos mais importantes do município; existe um sítio de arte rupestre, denominado de Cabaças II, com figuras em tonalidade vermelha, mesmo pouco visível.

Segundo o resultado das análises e do material arqueológico encontrado no sítio Cabaças I, o local foi aldeia do grupo humano Tapuias Tarairiús no período do contato, acerca dos dados coletados e as datações com TL. Não foi possível afirmar se eles permaneceram direto no mesmo local pelos cinco séculos, pois o estudo descreve esse grupo como seminômade, apesar das grandes aldeias.

As datações obtidas através do método absoluto da TL, por análise de fragmentos de cerâmica, demonstram que o grupo humano Tarairiú ocupou a área por séculos e que de fato tal grupo existiu.

Conforme os questionamentos, hipóteses e análises, o sítio Cabaças I fornecia condições necessárias para permanência e sobrevivência

dos Tarairiús: a vegetação de caatinga, próximo ao rio Cabaças, com cacimbas feitas no leito do rio no período de seca; caça e pesca; e material para fabricação de utensílios, o que é demonstrado pelos fragmentos de louças encontrados feitos com as técnicas dominadas pelos Tarairiús, além do material lítico, encontrado em lanças (foram encontradas pontas de lanças pequenas, que provavelmente eram utilizadas para caçar animais, e maiores, que acredita-se que eram fabricadas para guerrear).

Acerca de seu extermínio, Santos (2009) diz que a datação obtida de 282 anos AP. (± 20 anos), serve de demonstrativo do período em que esse grupo humano foi extinto na região, de acordo com os relatos literários. Sendo a mais antiga datada do século XIII AP. foi verificado nas datações feitas no amostras de cerâmica obtidas, a mais recentes do século XVIII, período em que se tem notícias das últimas atividades desse grupo humano nos sertões da Paraíba. Extintos e/ou mesclados a população local.

Considerações finais

A respeito das análises feitas referentes à pesquisa no sítio arqueológico Cabaças I, segundo Santos, obtivemos dados suficientes para comprovar cientificamente a existência desse grupo étnico em terras da Paraíba e, especialmente, comprovar os relatos historiográficos sobre os Tarairiús”.

Poucas são as dúvidas de que um grande aldeamento Tarairiús por cinco séculos aqui existiu, bem como, possivelmente, aldeias de outros povos indígenas que podiam ter vivido nos entornos das serras da nossa região, porém um estudo mais profundo se faz necessário nesse sentido.

Nossos antepassados esquecidos, os indígenas das caatingas e do Curimataú, deixaram muito da sua cultural e permanecem com nossa gente até os dias atuais. A resistência em permanecer e lutar para se manter em seu território, conhecimento de ervas medicinais e a capacidade de conhecer e viver na caatinga, a busca pela sobrevivência em outros locais no período da seca, a volta quando a chuvas voltam, a arte com o barro, com o cipó, a música, a dança, a farinha de mandioca e seus derivados

que foi incorporado ao cardápio do nordestino e tantos outros costumes e como resultado da mistura étnica que surgiu o caboclo.

As informações aqui reunidas a respeito do povo guerreiro Tarairiús, quem eram como viveram e lutaram contra o extermínio e ocupação de seus territórios, servem de alerta para a preservação do nosso meio ambiente e a proteção os sítios arqueológicos onde se guarda a história do nosso passado e o que somos no presente.

Parte dos artefatos, resultados desses estudos sobre o grupo indígena Tarairiús, foram doados ao Museu do Homem do Curimataú e encontram-se em exposição por tempo indeterminado.

Com o resultado das pesquisa contidas nesses textos, desejamos que este não seja apenas mais um material para consulta, mas que se evidencie como contribuição para outras pesquisas acadêmicas, para chamar atenção acerca desse tema e para reafirmar o nosso respeito e compromisso com a história, tradição e rito, não só com os povos indígenas do Brasil, no contato e no pós-contato, mas com todos os cidadãos indígenas, como direito e pertencimento de suas culturas.

REFERÊNCIAS

BARLÉU, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil, sob o governo de João Maurício, Conde de Nassau. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1940.

BORGES, Elias. As nações indígenas da Paraíba. Palestra proferida sobre os 500 anos do Brasil, no Instituto Histórico e Geográfico Paraíba, 2000. Disponível em: www.ihgp.net. Acesso em: nov./2018.

CHICANGANA-BAYONA. Os Tupis e os Tapuias de Eckhout: O declínio da imagem renascentista do índio. *Varia Historia*, vol. 24. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG, Brasil. 2008.

SCHJELLERUP, Inge. Quem eram eles? Povos nativos nas pinturas: Tupinambás e Tairaius. IN: Albert Eckhout 1644-2002. Copenhagen: Nationalmuseet, 2002, p.141.

JÚNIOR, Valdeci S. Os indígenas tapuias do rio grande do norte antepassados esquecidos. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte Grupo de pesquisa: História da Região Oeste do Rio Grande do Norte. Mossoró-RN, 2008.

PUNTONI, Pedro. A Guerra dos Bárbaros: Povos Indígenas e a Colonização do Sertão Nordeste do Brasil (1650-1720). São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp, 2002.

A lenda do Olho d'Água: *versão Demócrito Júnior*

Demócrito Humberto da Fonsêca Júnior¹

*Há muito tempo, nas mentes dos mais antigos, “gira” a **Lenda da Princesa**. Escutei-a quando era pequeno, na escola, nas conversas de rua. Encontrei sua descrição no “Livro do Município” organizado pelo MOBREAL, em 1985. Percebi que os professores poderiam trabalhar essa lenda na escola fazendo apresentações, desenhos, enfim, trabalhos diversos, mas o texto era muito curto, nesse intuito acrescentei detalhes (festa, descrições dos personagens) para ampliar essas possibilidades.*

Meus colegas liam, achavam interessante e me diziam “você incrementou, mas não alterou nada, ficou muito bom, Júnior”. Assim busquei publicá-la e, até então, foi possível no “Jornalzinho Mundo Criança” da escola O Pequeno Doutor, publicado na edição abril/maio de 1994. Depois no livro “Livre pensar literário: nova coletânea”, organizado por Edir Barbosa e Bruno Ramos, publicação de Viçosa, Minas Gerais (2010), e hoje no livro do nosso município.

Espero que gostem e fiquem à vontade para utilizar nas aulas, no teatro ou onde acharem pertinente.

* * *

Há muito tempo, na velha Cordilheira da Borborema, na altura da *Serra do Coité*, existia uma nação indígena denominada *Sucurus*². Viviam da coleta de frutas, plantavam e caçavam pássaros e pequenos roedores.

Uma das maiores tradições deles era a “Festa do Caju”, onde se reuniam várias tribos para a troca anual de alimentos e objetos típicos. Além disso, dançavam e bebiam a “Cajuína” (bebida extraída do caju que acreditavam dar muita força e resistência).

1 - Graduado em História UFPB (1991), foi professor de escolas públicas e particulares em Cuité e região. Poeta, contista participou e foi premiado em vários concursos e festivais de poesias pelo Brasil. Proponente/membro de comissão de melhorias de estímulo à preservação da Memória e da Cultura (lei de comemoração da data Fundação de Cuité, institucionalização do Hino de Cuité, da lei de preservação do patrimônio etc.), idealiza e organizador do prêmio Demócrito Humberto da Fonseca Júnior (2013/14/15); atualmente leciona na Escola Orlando Venâncio dos Santos e na EE Profª Terezinha Carolino de Souza (Jaçanã-RN).

2 - No texto sobre a presença indígena em Cuité, há referências aos Sucurus (págs. 33 e 38).

Esta tribo situava-se abaixo de um despenhadeiro, onde jorrava de suas pedras água pura e cristalina, ladeada de enormes gameleiras e jatobás, atingindo com suas copas o cume da pedreira. Assim, era a vida pacata dos felizes Sucurus.

Entre os guerreiros da tribo, destacava-se o índio **Tarenê** (*tara*, valentia e *enê*, beleza), por seu espírito de luta e liderança. Tudo em harmonia, até que um dia a tribo recebeu a inesperada visita de uma linda princesa, que a todos encantou. Sua pele era clara, cabelos como o ouro de suas jóias, olhos azuis e brilhantes, nariz afilado, boca pequena e bem vermelha e um vestido prateado. A moça parecia vir de uma terra distante e misteriosa.

Ao deparar-se com Tarenê, cruzaram os olhares e sentiram-se atraídos pelo feitiço do amor. A princesa com a voz trêmula, falou: “Meu nome é **Iná**”, venho das terras de além-mar.

O jovem e virtuoso guerreiro apaixonado, queria casar com a jovem princesa. O grande chefe Sucuru ao tomar conhecimento não deu permissão para o pretendido desejo, pois quebraria uma tradição de um longo tempo entre os Sucurus. Tarenê ficou muito triste e aborrecido, e recolheu-se para meditar sobre o seu destino.

Chovia bastante, noite escura, a princesa Iná dormia quando Tarenê entrou. Não contendo as lágrimas, contemplou-a e... não podia voltar atrás, com a pedra que trazia nas mãos, matou-a. Juntou ao seu corpo suas jóias e suas vestes e, tomando-a nos braços, sepultou-a numa caverna próximo à tribo. O guerreiro desesperado subiu numa grande pedreira e jogou-se abismo abaixo, na certeza de um dia encontrar-se com a amada na eternidade.

A tribo espantada, consultou o feiticeiro sobre o mistério da morte da princesa e do guerreiro. Em silêncio, ele começou o ritual no sopé daquela grande pedra, perto do veio d’água onde o mortal Tarenê caiu, e na pedra escreveu uma mensagem enigmática. Rompendo o silêncio, disse: “Aquele que a decifrar desencantará e casará com a princesa e possuirá todo o seu reino e sua riqueza. Serão inundadas todas as terras indígenas e sobreviverá apenas os dois que viverão para sempre.”

Até hoje, no Olho d’Água da Bica, na Serra de Cuité, continua

gravada na grande pedreira esta mensagem, sob a proteção dos ferrões dos milhares de marimbondos, aos quais a natureza vem se incumbindo dessa árdua tarefa durante séculos.

Esta é a ***Lenda da Princesa*** da cidade de Cuité. Cada cidade, cada região, possui suas lendas. A nossa, do Olho d'Água, nos lembra dos indígenas e do colonizador, daqueles que primeiros viveram neste lugar e os que fixaram para não mais sair. Interessante uma coisa: o Olho d'Água permanece até hoje jorrando suas águas e ajudando a todos, e cada vez que visitamos aquele lugar, essa lenda se reaviva.

REFERÊNCIAS

FONSÊCA JÚNIOR, Demócrito Humberto da. *A Lenda do Olho d'Água. Mundo Criança*. Cuité: Escola "O Pequeno Doutor", Publicação abril/maio, 1994.

MOBRAL. *Livro do Município de Cuité*. João Pessoa, Gráfica J. B. Ltda. 1985.

RAMOS, Bruno; BARBOSA, Edir. *Livre pensar literário: nova coletânea*. Edir Barbosa, Bruno Ramos, organizadores. - Viçosa, MG: Os Organizadores, 2010.

Tópico 4

As luzes do progresso:

a energia elétrica em Cuité-PB (1950-1975)

Diogo Ramon Fonseca de Oliveira^{1,2}

A instalação da energia elétrica na cidade de Cuité se deu em dois momentos distintos: o primeiro ocorreu em 1928, quando foi adquirido, para a então *Vila de Cuité*, um gerador que faria o fornecimento de energia. O segundo momento ocorreu em 1966, quando o fornecimento de energia elétrica passou a ser feito pela usina hidrelétrica de Paulo Afonso, na Bahia.

Inicialmente, os projetos para a implantação da energia elétrica em Cuité partiram da iniciativa privada, e começou a ser pensada ainda no ano de 1927, quando foi criada uma sociedade formada pelos senhores Jeremias Venâncio dos Santos, Ulisses Viana, Pedro Viana da Costa, Basílio Magno da Fonseca, entre outros.

Esses projetos empreendidos pela elite local para conseguir implantar a energia elétrica em Cuité eram sempre muito dificultosos, tendo em vista que a cidade não era um grande centro populacional de destaque, a exemplo de Campina Grande, que já se destacava no cenário nordestino pela considerável convergência de comerciantes.

No período anterior à aquisição desse gerador, a então Vila de Cuité vivia completamente às escuras. Antes de anoitecer, as famílias se recolhiam em seus domicílios para o jantar e esperavam o cair da noite para dormirem. Em algumas residências, era muito comum as famílias se reunirem à mesa depois do jantar para ouvir versos de cordel ou conversar sobre o dia a dia, isso era feito a luz do candeeiro.

1 - Graduado em História pela Universidade Federal de Campina Grande e professor da rede privada e pública de Cuité-PB.

2 - Esta é uma versão resumida, de caráter didático, montada a partir do texto acadêmico original (monografia apresentada no curso de História na Universidade Federal de Campina Grande, de Diogo Ramon Fonseca de Oliveira). Caso o leitor tenha interesse na versão completa desse trabalho, solicitar pelo e-mail diogoramon2009@hotmail.com.

A solução para esse problema de iluminação surgiu com a criação dessa sociedade. A população aguardava com muita expectativa a chegada desse benefício, apesar de algumas residências não receberam a energia proveniente do gerador, pois o uso da eletricidade tinha um certo custo para aqueles que dela quisessem desfrutar, sendo acessível apenas para as famílias mais abastadas.

A compra desse gerador foi efetuada em uma empresa localizada na cidade de Recife-PE, denominada de Firma Sociedade Anonyma White Martins, que vendeu o gerador ao preço de R\$ 45.600,00 (quarenta e cinco contos e seiscentos mil réis). Inicialmente, o gerador foi enviado para Campina grande, para só depois ser montado na cidade de Cuité.

Com a compra desse gerador, foi inaugurada, no dia 26 de fevereiro de 1928, a usina de energia elétrica de Cuité. A sede de funcionamento da usina ficava localizada em um prédio na Rua 17 de Julho, onde atualmente fica a oficina mecânica do senhor Maurício Medeiros.

Posteriormente essa sociedade foi desfeita, e um dos membros, o senhor Jeremias Venâncio dos Santos, passou a comprar as ações dos demais membros da antiga sociedade, ficando dessa forma como único dono da empresa de luz. A partir disso, o gerador fica popularmente conhecido como “o motor de Jeremias”. Com isso, tinha-se a garantia de que o gerador não seria retirado de Cuité, levando em conta algumas cláusulas do contrato de compra e venda do gerador que:

Em consequência dos dispostos na cláusula precedentes os “compradores” caso falem ao pontual pagamento das referidas prestações, ficando desde logo constituído em móra e obrigados a restituir “In continenti” os artigos adquiridos sob as penas da lei, ficando à vontade da “vendedora” consentir (...).

e,

(...) A fallencia dos compradores também resolve o contracto, podendo a “vendedora” reivindicar da massa os materiaes condicionalmente vendidos.

Nesse sentido, o contrato de compra e venda feito entre a empresa pernambucana, denominada de “A vendedora”, com os sócios da então vila de Cuité, denominados no contrato de “os compradores”, estabelece que o material vendido é propriedade exclusiva da empresa, até que sejam quitada todas as prestações, reivindicando a posse do gerador caso os compradores faltem com o pagamento ou decretem falência.

A chegada desse gerador em Cuité foi vista pelos citadinos como uma grande inovação, mesmo a energia que era produzida, se comparada aos dias atuais, não ser de boa qualidade, a luz que era produzida, tanto nas residências como na rua, era bastante fraca, iluminando precariamente só mesmo o ambiente.

Apesar de ser um investimento muito dispendioso instalar a energia do gerador em uma residência, seu uso era bastante limitado, tendo em vista que o gerador era ligado às 18 horas e desligado às 22 horas. Ou seja, a população só podia usufruir da energia por um período de quatro horas.

O responsável por ligar e desligar o gerador era o senhor Manoel Carneiro de Araújo, popularmente conhecido como “Manoel Motorista”. Mecânico de profissão, o mesmo era quem fazia a manutenção e operava o funcionamento do gerador. Natural do Brejo, Manoel foi contratado exclusivamente para gerir o funcionamento do gerador.



Local onde funcionava a empresa de luz de Cuité. Era no interior desse prédio que estava instalado o gerador comprado na empresa pernambucana, e que fazia o fornecimento de energia da vila. Acervo: MHC.



Gerador na década de 1930. Ao centro e sentado, encontra-se o senhor Manoel Carneiro de Araújo, ou “Manoel Motorista”; a direita o seu neto e a esquerda o seu ajudante. Acervo: MHC.

Quando se aproximava das 22 horas, o senhor Manoel dava um sinal para que a população se preparasse para o desligamento do gerador, o mesmo dava um sinal apagando e acendendo as luzes por um breve momento, repetindo três vezes esse processo, com isso, a população já sabia que o gerador ia ser desligado.

Quando o gerador era desligado, o senhor Manoel motorista se dirigia para sua residência acompanhado com seu ajudante, levando consigo um candeeiro para iluminar o caminho, já que a cidade se encontrava completamente às escuras.

Apesar desse pouco tempo que os cidadãos tinham para desfrutar da iluminação do gerador, nem todos se recolhiam para dormir quando as luzes eram desligadas. Era muito comum alguns cidadãos, inclusive crianças se dirigirem até o “mercado das três portas”, um mercado público onde era realizado a feira.

Nesse local, o senhor Jeremias Venâncio dos Santos ligava seu rádio e colocava em uma das três portas para que as pessoas que estivessem por ali pudessem ouvir. Assim como o gerador, o rádio era uma grande novidade para a cidade, e esse aparelho gerava em alguns cidadãos um sentimento de curiosidade e admiração, por não entenderem como era possível uma caixa emitir voz. Havia ainda aqueles com um pensamento mais além, que diziam que ainda veriam uma caixa que além de emitir a voz, mostraria a imagem da pessoa.

No ano de 1953, o fornecimento de energia elétrica da cidade passou a ser de responsabilidade do município. Nessa ocasião, a empresa de energia, juntamente com o prédio e a rede elétrica, foram vendidos à prefeitura municipal, por 50 mil cruzeiros.

Mesmo com a empresa de energia passando a administração da municipalidade, não houveram melhorias no fornecimento elétrico da cidade, haja vista que não foram feitos investimentos por parte da administração municipal para proporcionar na usina de energia elétrica uma distribuição mais eficaz e de mais qualidade, e, mesmo passando de um serviço privado para um serviço público, ainda continuou sendo de uma minoria da população, pois os custos para o uso da eletricidade ainda não eram possíveis apenas para as famílias mais abastadas.

Com o serviço de iluminação sob a administração municipal,

os cidadãos não encararam essa mudança de forma positiva, tendo em vista que os serviços prestados pela empresa de luz à população se tornaram mais precários do que quando era privado, em um caso específico, como nos atesta um cidadão:

quando o partido que tava dominando... o poder que tava dominando, perdia as eleições, então esse motor chegava a passar até seis meses sem funcionar, desligado... Teve até uma vez que chegaram a jogar areia dentro do motor [...] pra ele não funcionar, outras vezes [...] tiravam peças, subtraíam peças, né... e se passava até seis meses sem funcionar... em resumo... o motor vivia mais quebrado do que funcionando... (José Pereira Sobrinho)

Nesse sentido, podemos perceber que o funcionamento do gerador também dependia dos interesses da elite política local. Nesse caso citado, o prefeito que não conseguiu a reeleição deixou o gerador inoperável até o fim de seu mandato como uma maneira de mostrar o seu desafeto pelos votos não alcançados.

Com o passar do tempo, os problemas relacionados à distribuição de energia do município vão se tornando cada vez mais precários, o motor de 100 HP não conseguia mais atender a demanda de fornecimento de energia, e além disso, o maquinário sofria constantes problemas mecânicos, deixando a população cuiteense vários dias sem energia.

Diante desse problema, surgiu na cidade de Cuité a necessidade de uma nova fonte de fornecimento de energia, mais eficaz e que pudesse atender à demanda exigida pela população, tendo em vista que a cidade teve um aumento populacional gradativo a partir dos anos 1960, com o advento do sisal. No entanto, a solução para esse problema foi vislumbrada a partir da possibilidade do município receber a energia proveniente da hidrelétrica de Paulo Afonso.

Inicialmente, assim como era o gerador, a energia de Paulo Afonso não abrangeria toda a população cuiteense, foi apenas com o passar dos anos, que os habitantes da zona urbana como um todo puderam desfrutar dos seus benefícios.

Esse desejo de uma fonte de energia mais eficaz surge no momento em que o antigo gerador não consegue mais atender a necessidade de fornecimento elétrico. Além disso, não era possível utilizar uma televisão ou uma geladeira juntos, por exemplo, devido ao custo impraticável.

Até por volta do início dos anos 1960, o desejo de poder usufruir de uma energia de qualidade ainda fazia parte dos sonhos de muitos cidadãos cuiteenses. Para os mais humildes, ter energia em casa ainda parecia impossível, não apenas pelo custo financeiro, mas por não acreditarem que a energia teria força de subir a serra.

A chegada do fornecimento de energia elétrica via Paulo Afonso não traria apenas melhorias no serviço elétrico municipal, também ampliaria o fornecimento elétrico, não se limitando apenas às ruas centrais, mas para os diversos bairros da cidade, alguns que pela primeira vez receberiam a tão desejada iluminação, e ainda, contribuiria para o desenvolvimento econômico da cidade.

Assim como foi com o gerador, a energia de Paulo Afonso também era um investimento caro, e dependia de um financiamento alto, mas esse tão desejado projeto da administração municipal foi enfim concretizado. Um acontecimento foi crucial para o sucesso dessa empreitada, que foi a chegada da hidroeletricidade de Paulo Afonso na cidade de Santa Cruz-RN, um importante centro populacional do interior potiguar, caracterizada pela relativa convergência de comerciantes e pela sua posição estratégica.

Esse contexto da hidroeletricidade de Paulo Afonso em Santa Cruz-RN deixou ainda mais próximo a concretização dos projetos empreendidos pela elite política local em trazer uma energia de mais qualidade para Cuité, que sofria, durante meses, com a sua falta. Outro fator importante a destacar era a influência do deputado cuiteense José Pereira da Costa, frente ao governo da Paraíba, para conseguir verbas para trazer essa eletricidade para Cuité.

A cidade de Santa Cruz está localizada a 45 quilômetros de distância de Cuité, e esse fator aumentou ainda mais a possibilidade da cidade desfrutar da energia proveniente de Paulo Afonso, haja vista que a proximidade das duas cidades facilitaria fazer uma interligação da rede elétrica diretamente para Cuité.

A concretização desse projeto da energia de Paulo Afonso na

cidade de Cuité se deu na administração do prefeito Cláudio Gervásio Furtado, e é considerado até hoje um dos eventos mais importantes do município, pois essa nova fonte de fornecimento de energia contribuiria muito para o desenvolvimento urbano e comercial da cidade.

As festividades da inauguração foram marcadas para o dia 31 de dezembro de 1966, momento que entraria para a história da cidade como um período que se seguiria com mudanças e desenvolvimento para o município, e também devido à grandiosidade do evento para a cidade de Cuité, contando com a presença da maior autoridade política do estado, o governador João Agripino, que teve influência atuante nesse processo.

As festividades para a inauguração da energia de Paulo Afonso em Cuité ocorreram na praça central, na época chamada de Praça Barão do Rio Branco. O dia da festividade era de dupla comemoração, pois tratava-se do dia 31 de dezembro de 1966, ou seja, além da chegada da tão desejada energia de Paulo Afonso, naquele dia comemorava-se também a passagem para o ano novo.

Em um palanque montado na praça central, estavam os representantes da administração municipal, além do governador João Agripino, o deputado estadual José Pereira da Costa também estava presente, pessoas que contribuíram direta e indiretamente para que esse projeto fosse concretizado.

Os discursos feitos naquela ocasião enfatizavam o quão difícil foi concretizar esse projeto da energia de Paulo Afonso em Cuité, e que daquele momento em diante os problemas relacionados à precariedade na distribuição de energia seriam enfim resolvidos, e, além disso, proporcionaria ainda um maior desenvolvimento urbano e econômico para o município.

Depois dos discursos, o momento mais esperado ocorreu, quando o prefeito Cláudio Furtado ativou uma chave, que estava numa caixa próximo ao palanque, que pressionada, liberaria a energia para a rede elétrica. Alguns cidadãos nos atestam que nesse momento, as principais autoridades políticas ali presentes ficaram disputando, brincando uns com os outros sobre quem ligaria a chave, mas a honra coube ao prefeito Cláudio Gervásio Furtado, que as 10 horas da manhã, do dia 31 de dezembro de 1966, tornou oficial a distribuição da energia de Paulo Afonso na cidade de Cuité.

Depois de concretizada a inauguração, as festividades da população continuaram pelas ruas da cidade. Já as autoridades políticas foram para um almoço na casa do prefeito, exceto o governador João Agripino, que devido algumas divergências políticas, foi para a residência do senhor Jaime Pereira, pois anos atrás na campanha para governador do estado, ele não recebeu apoio do então prefeito da cidade de Cuité, preferindo se reunir com seus aliados políticos locais.



Momento da chegada do governador João Agripino (centro) para a inauguração da energia elétrica em Cuité. À sua esquerda, de costas, o prefeito Cláudio Gervásio e à direita Jovino Pereira. Acervo: MHC.

Finalmente, a energia de Paulo Afonso conseguiu resolver os problemas relacionados à distribuição de energia na cidade, pois diferentemente do gerador, essa nova fonte de fornecimento de energia era mais acessível, e se expandiu para diversas ruas e bairros da cidade, proporcionando um estilo de vida nunca antes vivido na cidade.



Abertura oficial do evento de inauguração da energia elétrica. No palanque montado em frente à residência do prefeito, da esquerda para a direita ,podemos identificar o senhor Lulinha, locutor do evento, seguido pelo senhor Gentil Palmeira, vice-prefeito; ao microfone, o senhor Pedro Moreno Gondim, ex-governador, seguido pelo atual governador da época, João Agripino, e, por fim, com os braços para trás, o prefeito Claudio Furtado. Acervo: MHC.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernanda Karoline Martins Lira. *Urbe vigiada: Modos de morar e viver na cidade de Parahyba do norte 1910-1930*. Dissertação de mestrado defendida no programa de pós-graduação em história da UFCG (PPGH-UFCG) no ano de 2009.

ARANHA, Gervácio Batista. *Trem e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas*. Campina Grande: EDUEFG, 2006, p. 257.

ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925)*. In: A Paraíba no império a república. Estudos de história social e cultural. João Pessoa: Idea, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. Obras escolhidas, V. 3.

BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Cataline Alves. *As trevas da iluminação: Energia elétrica em Campina Grande (1940 – 1960)*. Dissertação de mestrado defendida no programa de pós-graduação em história da UFCG (PPGH-UFCG) no ano de 2013.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Universidade Federal da Paraíba, UFPB. Doutoramento em sociologia, 2007.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LIMA, Solange & CARVALHO, Vânia. *Fotografias - Usos sociais e historiográficos*. In: *O historiador e suas fontes*. PINSKY, Carla & DE

LUCA, Tânia (Orgs.). São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 29-57.

MALTA, Sergio Luiz. *Paulo Afonso e o desenvolvimento regional*. Campina Grande, EDUFCG. 1. ed, 2011.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, Metodologia, Memória*. 1. ed. 1º reimpressão, São Paulo, contexto, 2010.

MONDENARD, Anne de. *A emergência de um novo olhar sobre a cidade: as fotografias urbanas de 1870 a 1918*. Tradução: Eveline Bouteiller Kavakama. Projeto História. São Paulo: EDUC, n. 18, p. 107-113, 1999.

SOBRINHO, José Pereira. *Cidadão da minha rua*. Campina Grande: Gráfica Vitória, 2005, p. 36.

FONTES ORAIS

COSTA, Camélia Pessoa. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 23 de maio de 2014.

DANTAS, Aurea da Costa. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 18 de dezembro de 2013.

OLIVEIRA, Lucia Fonseca Ramos. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 10 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, Francisco Fernandes. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 12 de junho de 2014.

PALMEIRA, Gentil Venâncio. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 17 de novembro de 2013.

SANTOS, José Dias. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 28 de agosto de 2013.

SOBRINHO, José Pereira. Entrevista concedida ao autor. Cuité, 23 de maio de 2014.

2º Momento

Fragmentos de nossa cultura

Tópico 5

A festa das Mercês no município de Cuité: *transformações e desafios*

Crisólito da Silva Marques¹

O presente texto tem por objetivo fazer uma descrição da festa de Nossa Senhora das Mercês: a festa da padroeira da cidade de Cuité. A proposta aqui é mostrar algumas manifestações sociais, particularidades e identidades que foram gestadas ou “apagadas” dentro dessa festa, em meio à sociedade cuiteense. Busca-se também analisar a dualidade entre o profano e o sagrado contido em tal manifestação social. O tema, por não ter sido explorado antes dessa pesquisa, entra aqui neste livro como uma tentativa de preservá-lo em nossa memória.

A festa de N. Sra. das Mercês é realizada todos os anos, especificamente no mês de setembro, sendo o dia 24 desse mês, a data alta desta festa.

Tendo a festa de N. Sra. das Mercês como principal objeto de nossa pesquisa, procuraremos relatar dentro desta algumas manifestações sociais, particularidades e identidades que foram gestadas através da festa em tela ao longo de vários anos, onde se poderá ver algumas transformações ocorridas nesta sociedade, dentro deste ato de festejar. Será exposta também a forma que esta festa é colocada como um ato de sociabilização daquela localidade, no momento em que há uma união de pessoas para os preparativos, organização e celebração de tal festa.

A festa de N. Sra. das Mercês na cidade de Cuité é uma das maiores manifestações sociais que acontece a cada ano na região do Curimataú paraibano, contando com aglomeração de milhares de pessoas em seus dias principais, fazendo com que muitos venham de outras cidades para prestigiar o evento, como também filhos de Cuité que estão morando fora do município venham visitar suas famílias no período específico da festa.

Em relação à origem da adoração a N. Sra. das Mercês, pudemos constatar, de acordo com Lima Júnior (2008), que a mesma se deu

1 - Veja mais informações sobre o autor no rodapé do Tópico 1 deste livro, na pág. 13.

a partir do ano de 1218 na Espanha, por este motivo esta também ser chamada de N. Sra. das Mercêdes.

Foi fundada em 14 de setembro de 1218 por São Pedro Nolasco a Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos. Esta santa é considerada protetora dos cristãos cativos na África.

No Brasil, sua devoção chegou através de frades milicianos da Ordem no ano de 1639, vindos de Quito, no Equador, desembarcaram em Belém do Pará, desenvolvendo-se através de diversas confrarias, que tinham como seus principais adoradores os escravos, no qual intitularam N. Sra. das Mercês como padroeira da libertação.

Na cidade de Cuité, como vimos há pouco, a devoção se deu a partir da construção da capela, como ocorreu na maioria das cidades brasileiras que tiveram seus fundadores com bases católicas. Portanto, é em meados do século XVIII que chegam nestas terras, tendo a frente o sargento de milícias Caetano Dantas Correia com a imagem de N. Sra. das Mercês, que a partir de então começaria a adoração a esta santa naquelas terras.

É a partir de 1768 que começam a ocorrer as primeiras comemorações e adorações a N. Sra. das Mercês em Cuité, que até então era apenas uma vila. A comemoração foi oficializada no ano de 1801, com a criação da paróquia da cidade.

A referida festa acontece por meio de ações sociais e trocas de serviços entre os moradores daquela localidade, pessoas estas das mais diferentes classes sociais, que muitas vezes não estão ligados diretamente no seu cotidiano, porém, para o propósito da festa unem-se, havendo assim, trocas simbólicas entre elas que resultam na prática da festa ora em tela.

A relação que as pessoas têm ou tiveram com a organização da festa de N. Sra. das Mercês na cidade de Cuité mudou ao longo de alguns anos, pois o tipo de organização que se vê atualmente para a festa não é o mesmo que ocorria há 40 ou 50 anos, como nos relata o senhor José Pereira Sobrinho, quando diz que:

Nas décadas de 1960 e 1970, existia uma comissão... A igreja fazia a comissão da festa. Nessa comissão eram determinadas e divididas as atividades, e escolhida uma família para organizar a festa..., existiam as gar-

çonetes, que geralmente eram as senhoras mais chiques da cidade... (SOBRINHO, 2012.)

A partir deste depoimento, podemos notar que em alguns anos na organização da festa de N. Sra. das Mercês na cidade de Cuité houve uma espécie de distinção social para a sua organização, onde a partir de uma determinada comissão, se escolhia qual seria a família que iria organizar o evento festivo religioso. Esta família ao término da festa não sairia lucrando nada em termos econômicos, porém este ato de estar organizando tal festa lhes dava um certo status, uma posição social mais destacada em detrimento das demais.

Nota-se, nesse momento, um ato interessante ocorrido na festa em pauta, pois, se até então o discurso era de que a organização e a realização de uma determinada festa geraria trocas e transformações sociais, se vê, claramente, que neste momento histórico citado, havia o contrário do que se foi posto até aqui em relação a este acontecimento, pois, no momento em que há uma escolha, conseqüentemente há uma ou mais exclusão, deixando muitas pessoas ou famílias de fora, porém ansiosos para que chegassem o próximo ano, para verem qual seria ou se seria a sua família escolhida para tal faina.

Ainda em relação à organização da festa a décadas atrás, o senhor José Pereira sobrinho (informação oral) relatou que:

(...) então, à noite, umas dez horas, dez e meia da noite, o mais tardar, quando tava todo mundo já dentro da festa e entrava na via central do pavilhão as garçonetes em traje a rigor, né, acompanhada com os paraninfos... geralmente os paraninfos eram os senhores de destaque da cidade e também as garçonetes não eram moças qualquer, tinha que ser moça, virgem donzela, né, ter beleza e ser da alta sociedade. Elas serviam preferencialmente o paraninfo, serviam outras mesas, mas preferencialmente o seu paraninfo, então era dividido o pavilhão ele era dividido com as garçonetes né. E, tinha anos também que no final, na última noite de

festa era eleita a rainha da festa, que era uma daquelas garçonetes, a rainha. (SOBRINHO, 2012.)

Nesta segunda parte da fala do professor José Pereira, vê-se ainda mais corroborado, que naquele momento da organização da festa havia uma distinção social, uma diferenciação, pois, de acordo com o seu relato, como se pode notar, havia uma espetacularização, podemos dizer ainda uma teatralização feita para com as garçonetes e seus paraninfos, pois esta exaltação, no momento em que ele conta da entrada dos mesmos no pavilhão, como também da divisão do local da festa entre estes paraninfos e resto da população, onde de um lado do pavilhão ficaria os paraninfos e de outro lado o resto da população que tinha condições financeiras de entrar.

Esta diferenciação que ocorria entre estes paraninfos e o resto do povo que estavam na festa se dava principalmente pelo fato de que estes citados eram uns dos principais grandes colaboradores financeiros da referida festa, havendo assim, como pudemos notar no depoimento acima, que estes tinham, além de locais exclusivos na festa, havendo ainda serviço exclusivo para os mesmos, que no caso era feito pelas moças, as garçonetes.

Em relação a essas garçonetes, ainda de acordo com o depoimento de José Pereira, vemos que a escolha das mesmas também era algo exclusivo, pois para estar naquela posição social naquele momento havia alguns requisitos e padrões que as moças deviam ter e seguir, a exemplo das mesmas serem virgens, seguirem um determinado padrão de beleza da época e serem das classes mais abastadas daquela sociedade.

Portanto, de acordo com os padrões estabelecidos pela organização da festa, qualquer moça que não se adequasse a um dos pré-requisitos estabelecidos estaria fora, ou seja, não poderia ser uma das garçonetes da festa de N. Sra. das Mercês naquele ou em anos vindouros. Estas moças participavam de uma eleição, pode-se dizer que servia como uma espécie de premiação, na qual seria escolhida a rainha da festa daquele ano, consequentemente seria eleita a moça que mais es-

tivesse dentro dos padrões estabelecidos, estas moças ainda pousavam para fotos em vários locais da cidade, para que ficasse perpetuado assim, este momento em suas vidas.



Garçonetes do ano de 1951. Foto de José Pereira Sobrinho.



Garçonetes do ano de 1954. Foto de José Pereira Sobrinho.

Portanto, acredita-se que, como consequência desses fatos ora relatados, havia por parte das moças garçonetes, e das famílias que organizavam a festa, um sentimento maior de pertencimento dentro desse acontecimento, pois com certeza estavam, ou se sentiam, mais atores do que apenas espectadores da festa, pois promoviam o evento. Podia haver um certo sentimento de exclusividade por essa participação, mesmo que ao final de todo aquele “espetáculo”, todas as pessoas voltassem ao seu cotidiano normal, tanto a rainha da festa, como a pessoa que não participou da mesma, ou a família que estava à frente da organização e a que não pôde estar presente por motivos financeiros.

Como dissemos, as mudanças vão ocorrendo, decisão de realizar a festa nesse ou naquele local (na praça, então Praça Barão do Rio Branco, no Largo da Igreja, etc), escolha temática etc.



Pavilhão da festa na praça com enfeites temáticos.
Foto do acervo MHC.

Apesar de se voltar a vida normal quando do término da festa, mas pode ser sentido por estes atores os seus mais diferentes sentimentos deixados e gestados através desta festa, pois mesmo sendo algo efêmero, mas essa festa, esse momento deixa algo marcado nas vidas de seus interlocutores, porque, mediante o que afirma Duvignaud (1984, p. 147/148), a festa:

Produce uma “mística do dom”, ou seja, “um dom que provoca sua resposta e um outro dom, uma troca que se intensifica num espaço delimitado e concentrado”, provocando em seus participantes um conjunto de emoções, de vivências que favorecem o desenvolvimento do sentimento de participar de um corpo coletivo.

Esta afirmação resulta dizer que determinadas experiências e emoções só seriam sentidas pelas pessoas que de fato estivessem participando desse coletivo, dentro daquele local, daquele espaço, daquele “mundo imaginário” que seria a festa, sentindo, expressando novas emoções, gestando, ressignificando, atestando ou apagando determinadas identidades e simbologias sociais que ficariam para sempre marcadas em suas vidas, por motivo da sua participação naquele festejo, naquele encontro social, que mesmo efêmero, como dito anteriormente, ganharia um significado “eterno” para os seus participantes.

Em relação à conexão existente nas festas entre o profano e o sagrado, tanto nos dias atuais quanto em tempos anteriores, pode-se colocar a fala do padre da paróquia de Cuité, Luciano Guedes, que explanou sobre este tema quando entrevistado, dizendo que:

Esta questão do santo e do profano é uma característica também que a humanidade carrega de longas datas, porque se nós olharmos a história bíblica, a festa sempre apareceu também na cultura semita, no meio dos judeus e dos povos pagãos também, como uma mistura destas duas realidades, quando as pessoas iam ao templo fazer romaria, se dirigiam a um grande santuário, como era o caso da grande festa de Jerusalém, festa que Jesus ia também anualmente, era para rezar, era para agradecer, era para cantar os salmos e os hinos e as tradições do povo, da cultura religiosa e era também para fazer trocas comerciais, era para se encontrar com outras pessoas e naturalmente surgiam

destas trocas relações também conjugais, isto é muito comum na história. (...) Quando vemos as festas religiosas, vemos também o ser humano econômico, o ser humano político, porque na festa também há o espaço da projeção social, do prestígio, tudo favorece que se encontre estas necessidades dentro de um aglomerado humano que está festejando ou comemorando alguma coisa específica. (...) Então comemoração religiosa e comemoração profana, quer dizer, social, na história, no registro bíblico no registro dos autores que fazem a história de modo geral sempre vamos encontrar isto muito relacionado (GUEDES, 2012).

A fala do Pe. Luciano Guedes vem complementar o que já foi posto anteriormente sobre o significado da manifestação festa, agora em relação que existe nesse, ou em alguns desses eventos entre o profano e o sagrado. Segundo o Pe. Luciano, essa linha tênue que existe nessas festas está ligado intimamente aos âmbitos sociais, políticos e econômicos, pois no momento em que o ser humano vai a uma celebração religiosa, será impossível não haver nessa comemoração mais do que um festejo religioso, pois nesse momento há encontros, interesses, sentimentos, atrações, relacionamentos próprios do ser humano, que deixa muito próxima essa celebração sagrada do ato profano, desenvolvendo esse misto que transcorre ao longo de milhares de anos e que possivelmente continuará a ocorrer.

Com o desenvolvimento desse trabalho, nota-se que esse está tratando de algumas transformações sociais, formação e de algumas identidades criadas a partir da festa da padroeira de N. Sra. das Mercês na cidade de Cuité, em especial a partir da década de 1950 até os dias atuais.

O que antes era controle apenas de uma família e restrito à uma certa padronização, como era o caso das garçonetes e paraninfos, passou a ser organizada com a participação de muitas famílias da cidade, onde estas se uniam em torno desta festa para arrecadar donativos para serem leiloados, como também alimentos para servir de base para uma feijoada que acontecia sempre no último dia de festejo, sendo este dia o auge da festa entre os seus brincantes, pessoas revezavam-se nos mais diferentes postos da organização da festa, tornando-a assim uma manifestação especificamente social, encontrando-se nessa, pessoas de diferentes níveis, sendo estes sociais, econômicos, intelectuais, políticos e culturais, entre

outros, em um único intuito, o de realizar, fazer acontecer e também participar da festa de N. Sra. das Mercês na cidade de Cuité.

Seria humana e socialmente impossível que, no decorrer de mais de 200 anos de história de uma manifestação social, como é o caso da festa de N. Sra. das Mercês, que não houvesse mudanças em sua estrutura, em sua organização e em sua forma de participar, de brincar. Se assim ocorresse, com certeza, a comunidade que estivesse envolvida com essa festa estaria estagnada no tempo e no espaço, sem haver de forma alguma nenhuma interferência social e cronológica, mantendo o seu formato original, com os mesmos padrões éticos, morais e sociais que estavam contidos na sociedade do século XVIII e XIX que foram os respectivos séculos que iniciaram as festividades em homenagem a N. Sra. das Mercês.

Portanto, dentro desse novo contexto em que a festa de N. Sra. das Mercês esteve inserida no momento, leia-se em relação a sua organização e a forma de participação, pode-se dizer que esta viveu uma maior interatividade e participação que gerou um ciclo de relações sociais, criando assim um novo tipo de fenômeno sócio cultural que é particular de todas as festas, tendo o cuidado em olhar atentamente a linguagem da mesma, tentando desvendar os seus mais variados signos e códigos.

Constata-se que, sem dúvidas, houve uma série de mudanças dentro da festa de N. Sra. das Mercês nos últimos 30 a 40 anos, tanto no modo de organizar como no de participar, brincar, tornando-a muito mais popular e participativa, fazendo com que a comunidade crie vínculos com esta festa e se torne realmente participe deste evento que já é tradicional naquela comunidade. Tomando como base o sentido de tradição dado por Hobsbawm e Ranger (2002, p. 11), ou melhor, o conceito de “tradição inventada”, essencialmente o processo de formalização, ritualização e cristalização de hábitos construídos no passado, transmitidos por meio da repetição. Fixando-se no imaginário da sociedade, as tradições não necessariamente existiram desde os primeiros tempos; podem ter sido fabricadas, ou ser resultado de práticas às vezes recentes, mas estabelecidas em curto espaço de tempo.

Desse modo, “tradição inventada” é entendida como um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica,

automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM; RANGER, 2002, p. 9).

Assim, mesmo sendo associada a uma “tradição da cidade”, nota-se que, apesar da festa ter contado com uma grande participação da comunidade também da zona rural, envolvendo-se e trabalhando de forma voluntária, apesar de haver por parte do poder público local, um mínimo de apoio para este evento, e que comerciantes locais eram quem patrocinavam, notou-se que faltaram ações de políticas culturais específicas para que dessem um certo respaldo ou proteção para a festa, favorecendo-a.

Mas, outro modo de ver as lacunas dessas ações de políticas culturais, é que apesar da falta das mesmas para uma suposta manutenção da festa, esta não deixava de ser realizada, pois há mais de 200 anos ela existia dentro da comunidade cuitense, mesmo não tendo um apoio mais concreto e pertinente de poderes públicos nos âmbitos local, estadual e federal, deixando então uma grande interrogação e abrindo campo para que outros venham a estudar e pesquisar mais sobre este tema.

Fica então, dentre outras muitas interrogações, a de que se houvessem algumas ações de políticas culturais específicas para esta festa ela ainda estaria forte, ou seja, acontecendo do jeito que vinha ocorrendo? Ou será que ela não estaria com isto, presa a um padrão de organização, por motivo dessa regra que gestaria tal evento, reprimindo-a de “navegar” por vários outros cantos para a sua sobrevivência e manutenção?

Finalmente, pode-se lançar um olhar mais apurado sobre esta manifestação que ocorria anualmente no município de Cuité, embora ainda permaneça a programação religiosa, e ver que esta tinha uma vitalidade própria, claro que contando com a participação de todos os seus atores que aqui já foram explicitados, a exemplo da diversidade social que compunha a sua organização e realização, vê-se claramente que esta festa, mesmo não tendo ações de políticas culturais voltadas para ela, mesmo não tendo na cidade de Cuité leis específicas de tombamento de bens materiais, imateriais, pode-se considerar que esta festa era sim para alguns, ou podemos dizer ainda, vários cuitenses, um patrimônio imaterial, onde nela estavam contidos muitos símbolos, identidades, sentimentos e laços sociais ao longo de seus mais de 200 anos de história, na memória de muitos que viveram ou que puderam desfrutar de

momentos inesquecíveis no mês de setembro, no decorrer de muitos anos em suas vidas.

Portanto, espera-se que este trabalho, de certa forma, venha a engrandecer ainda mais os anais históricos e culturais, da história do Estado da Paraíba e do município de Cuité. Há ainda a expectativa de que possa servir de fonte de estudo para outros que desejarem adentrar nesta pesquisa ora explicitada e que, acima de tudo possa ser também indagado e questionado, porque se acredita que sempre estarão acontecendo novas buscas, novas fontes de pesquisas e sempre estarão sendo formados novos questionamentos, e, desta forma, estará acontecendo uma renovação no estudo histórico e cultural, para que assim seja visto cada vez mais com um olhar não de desconfiança e descrédito, mas sim, com a credibilidade e a honradez que possa merecer qualquer que seja o estudo científico, aqui ou em qualquer outro lugar deste país e do mundo.

REFERÊNCIAS

AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros. *Picuí do Seridó: dos primórdios até 1930*. João Pessoa: A União, 2010.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à Brasileira – Significados do festejar, no país que “não é sério”*. Universidade de São Paulo – USP, 1998.

BATAILLE, Georges. *Theoria da Religião*. Paris, Gallimard, 1973.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Paris, PUF, 1968.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Paris, Scarabée & Compagnie, 2^{ème} édition. 1984.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Record, 1995.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais: Origens das Principais Invocações*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *A Sombra de Dionísio – Contribuição a uma Sociologia da Orgia*. Michel Maffesoli. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

MARQUES, Crisólito da Silva. *Fé e Poder Andando Juntos: estudo sobre a vida sacerdotal, política e social do padre Luiz Santiago na cidade de Cuité – PB*. Campina Grande, UEPB, 2010.

SANTIAGO, Padre Luiz. *Serra de Cuité: Sua história, seus progressos, suas possibilidades*. Paraíba, dez. de 1936.

SILVA, Edivalma Cristina da. *A Festa é Para Todos: (Re)visitando a Festa de Nossa Senhora dos Remédios (Cruzeta/RN) Através da Relação entre Festa, Cotidiano e Práticas Religiosas*. Anais do II Colóquio Festas e Sociabilidades. Natal. UFRN. 2008.

SOBRINHO, José Pereira. *Cuité – Terra Nossa*. Paraíba. Gráfica Fênix, 2001.

SOBRINHO, José Pereira. *Cidadão da Minha Rua*/José Pereira Sobrinho. Paraíba. Gráfica Vitória, 2005.

Tópico 6

Expressões teatrais na cidade de Cuité: *breve histórico*

Osmael Márcio de Sena Oliveira¹

*“O teatro foi a coisa melhor do mundo que eu já pude
encontrar na minha vida...”*

Áurea da Costa Dantas

O teatro é uma das expressões humanas mais antigas, uma criação artística onde dois mundos, fantasia e realidade, se encontram. Margot Berthold (2010) atenta para a existência de um teatro primitivo, na qual alguns rituais e cultos às divindades ou as vestimentas de peles de animais usadas por caçadores já significavam experiências de representação.

O encanto mágico do teatro, num sentido mais amplo, está na capacidade inexaurível de apresentar-se aos olhos do público sem revelar seu segredo pessoal. O xamã que é o portador do deus, o dançarino mascarado que afasta os demônios, o ator que traz à vida a obra do poeta – todos obedecem ao mesmo comando, que é a conjuração de uma outra realidade (BERTHOLD, 2010, p. 1).

O seu berço são os espaços abertos, as ruas, as praças e assim o teatro vai sendo transformado e reinventado no seu percurso histórico, passando pelas festividades dionisíacas na Grécia Antiga, se caracterizando posteriormente em seus primeiros gêneros do teatro ocidental.

Nosso objetivo aqui é traçar partes da trajetória de experiências teatrais na cidade de Cuité-PB, trazendo à tona as vivências dos grupos e suas memórias sobre o teatro a partir da década de 1930 até meados dos anos 1990. Mostraremos também no final deste ensaio alguns dos

¹ - Possui graduação em História pela UFCG e é pós-graduando em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Membro da Cia. de Artes Áurea Dantas.

grupos que se formaram a partir dos anos 2000 e seus respectivos projetos e trabalhos desenvolvidos.

Para a construção do nosso trabalho, utilizamo-nos de fontes orais e da bibliografia sobre a temática. A história oral é um método bastante proeminente para a pesquisa histórica por nos revelar o “indescritível”, e nos apresentar meios de alcançar e enxergar realidades que não seriam possíveis talvez por outros caminhos.

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional (JOUTARD, 2000, p. 34).

Ao ouvirmos as experiências dos atores, atrizes, diretores, diretoras, estaremos privilegiando uma forma de enxergar um contexto histórico no qual estes participaram diretamente do processo, e assim presenciaram as rotinas, os ensaios, os imprevistos, enfim, foram testemunhas de sua época e através de suas lembranças nos expõe um valioso leque de possibilidades na pesquisa historiográfica.

Embora o trabalho com a história oral possa apresentar seus limites em relação à própria memória, já que esta envolve as possibilidades do esquecimento, as alterações e sua propensão para o mito e a lenda, tais questões possuem sua relevância ao nos “introduzirem no cerne das representações” (IBIDEM, p. 34), permitindo ao historiador ter acesso as perspectivas dos entrevistados bem como suas versões acerca dos fatos.

A memória é um campo de construção e reconstrução, onde as lembranças são retomadas por imagens estruturadas pela nossa vivência atual. Cabral Filho (2004) explica que nesse processo de construção, a memória adquire um sentido de herança, e ao ser transmitida, se torna mais ampla para os que a recebem.

A transmissão das lembranças, portanto, processam a construção da memória, mas este processo está relacionado ao momento em que as lembranças estão sendo expressas: as circunstâncias desse momento influenciam diretamente na estruturação da memória (CABRAL FILHO, 2004, p. 29).

Assim, o autor expõe acerca do caráter seletivo da memória, na qual esta é resultado de um trabalho de organização, pois sua construção está relacionada à situação ou contexto em que as lembranças são apresentadas. É nesse sentido que Ecléa Bosi (1998) também interpreta a memória enquanto um trabalho, um esforço de refazer as experiências do passado a partir de ideias e imagens do hoje. “A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1998, p. 55).

O teatro cuitense surgiu a partir de experiências amadoras no âmbito privado e de forma independente, que gradativamente, expandiram-se como elementos de entretenimento público. Iniciado na década de 1930, o teatro é umas das expressões culturais relevantes para a cidade de Cuité até os dias atuais, destacando-se na programação turística local.

O pioneirismo da cena teatral em Cuité é atribuído à senhora Francisca Emília da Fonseca Santos (Dona Chicota), que coordenava um grupo de meninas para fazer apresentações cênicas na cidade. As reuniões para leitura de textos e ensaios ocorriam na sua própria residência, bem como toda a produção dos “dramas” era responsabilidade da mesma.

Os espaços para as apresentações eram diversos, e variavam de acordo com a necessidade ou conveniência do espetáculo. Por não haver um teatro na cidade, as primeiras encenações foram realizadas num armazém localizado na Rua João Pessoa, pertencente à família da própria Dona Chicota. O mercado público da época, “Três Portas”, e depois a usina de beneficiamento de algodão também foram palco de seus dramas.

Palhamos (2010) explica que muitas cidades na Paraíba até o final do século XIX, devido a ausência de teatros, adaptavam prédios residenciais ou comerciais para as apresentações cênicas. As primeiras cidades a construírem suas edificações teatrais foram Mamanguape (Teatro Santa Cecília, entre 1857 e 1859) e Areia (Teatro Recreio Dramático em 1859, atual Teatro Minerva), antes mesmo da própria capital,

que só teve o Teatro Santa Rosa inaugurado em 1889.

O autor atribui o desenvolvimento do eixo Mamanguape/Areia devido a existência do Porto de Salema, por onde passavam os principais produtos provinciais, e a ligação exercida por Areia entre o litoral e sertão, além de ser uma grande produtora de cana-de-açúcar.

Ele também expõe que nas primeiras décadas do século XX, as cidades interioranas vão, gradativamente, adquirindo seus próprios teatros, como o “Santa Inês” de Alagoa Grande, “Teatro dos Artistas e Operários de Itabaiana”, “Cine-Teatro Apollo”, em Campina Grande, e o “Teatro de Rua Velha” de Araruna. No entanto, muitos municípios que não possuíam o espaço próprio para encenações teatrais, continuavam recebendo apresentações tanto locais quanto de fora, como Solânea, Serraria, Bananeiras, Cabedelo, Patos, entre outras.

Em Cuité, o teatro só vai ser inaugurado já no início dos anos 2000, mas o Cine Atlas a partir da década de 1960 passa a ser usado esporadicamente para apresentações teatrais. Posteriormente foi construído o salão paroquial da cidade que também passou a servir de espaço para diversas apresentações cênicas, e interessante que ambos os locais possuíam um palco.

Como já mencionado, Francisca Emília apresentava as peças em espaços em prédios adaptados para as encenações. Ela convidava pessoalmente o elenco para fazer parte das peças teatrais. Por ser uma cidade pequena, onde geralmente a maiorias das famílias se conheciam, ela contatava os familiares para pedir autorização da participação da criança no espetáculo. A senhora Áurea da Costa Dantas, uma das atrizes que atuou no grupo de Dona Chicota, nos conta como foi sua experiência inicial:

Eu tinha... uns 15 anos. Ai a professora era Chicota! Ela era quem ensinava a gente. Eu apresentava peças junto com outras, em comédia, em bailados, essas coisas... Assim eu apresentava.[...] Ela me chamou [...]um dia eu estava em casa e ela veio aqui, Chicota, chegou e me convidou pra tomar parte. Ai eu disse “tá certo”. Eu era doida, toda vez gostei de teatro. Ai aceitei. [...] Bem, ela dava a peça pra gente. A gente decorava, então, ensaiava e ela ensinava o que era pra fazer...como era... como num era. [...] Ela era muito boa...ensinava muito bem. (Áurea da Costa Dantas).

É interessante que a senhora Áurea enfatiza a postura didática de Francisca durante os ensaios, se referindo a essa enquanto uma eficiente orientadora. Após reunir o elenco, ela ensaiava em torno de dois a três meses, e nesse processo todo providenciava também o figurino, que podia conseguido através das meninas do elenco ou customizado pela própria Chicota. Sobre os figurinos, a senhora Diva Fonseca, filha de Francisca, nos fala a respeito da criatividade para obter os figurinos:

Ela fazia uns arranjos com roupas de casa mesmo. [...] Ela era dinâmica mesmo. Sabe por quê? Porque nesse tempo não tinha assim confecção feita pra você comprar [...] Passava três dias ajeitando roupa para os dramas, fazendo as coisas. [...] Ela não fazia parte dos dramas, ela era diretora [...] porque assim, tinha as partes variadas, aí tinha os bailados e tinha os dramas [...] comédias... Áurea era muito engraçada nas comédias.

A partir da fala acima, podemos observar que a senhora Francisca Emília não atuava nas peças teatrais, pois sua participação era na produção e direção dos espetáculos. No dia das apresentações, ela ficava nos bastidores exercendo a função do “ponto”, ou seja, acompanhava o texto e no caso de alguém esquecer alguma parte da fala, ela soprava discretamente o início da frase ou o que era para fazer na cena.

Um dos primeiros “dramas” dirigidos que se tem conhecimento foi “A Louca do Jardim”, comédia na qual a personagem, interpretada por Áurea Dantas, criava uma confusão em um grupo de amigas. Outras peças apresentadas foram: “Rosa de Teneburgo”, “As quatro velhotas”, “A Filha do Sineiro”, “O Bailado das Árvores”, “O Bailado da Serra da Borborema” e “Joaquina Pôemeza”. De acordo com Elita Fonseca na breve biografia sobre Dona Chicota no livro “Ao nosso querido Osvaldo”, a renda das bilheterias era em benefício da construção da atual Igreja Matriz de Cuité.



Francisca Emília da Fonseca Santos.
Acervo Diva Fonseca.



Dona Chicota e grupo que participou do Festival Dramático realizado em 20 de setembro de 1936.
Elenco: Ilze, Maria de Lourdes, Agueda, Maria Dulce, Mercês, Elizabeth, Lourdes, Adélia.
Fonte e acervo: Teatro Municipal de Cuité.

Naquela época a divulgação era realizada informalmente, de forma oral, ou algumas vezes, Dona Chicota escrevia uma espécie de “bilhete” informando dia, local e horário da apresentação. De acordo com sua filha, a senhora Diva Fonseca, como os “dramas” eram apresentados em espaços que não havia uma estrutura própria para teatro, em algumas ocasiões o público levava suas cadeiras de casa para assistirem as apresentações.

Ainda de acordo com a senhora Diva Fonseca, devido a dedicação aos serviços de casa, da família e da farmácia que possuía, aos poucos Dona Chicota foi deixando de dirigir suas peças teatrais. Posteriormente, Áurea da Costa Dantas, que havia participado do elenco de Francisca Emília, começou a organizar seu próprio elenco, passando a encenar, dirigir e produzir novos espetáculos em Cuité a partir da década de 1960. Na época, muitas das apresentações aconteciam no espaço do cinema da cidade, na qual se aproveitava a parte mais alta onde ficava o telão.

É interessante que, ao escolher determinada peça a ser apresentada, a senhora Áurea copiava manualmente o texto teatral a ser distribuído para o elenco, conforme ela nos fala: “[...] quando eu arranjava as peças que copiava, eu quem copiava todinho, aí é que eu começava a chamar as meninas.” (Áurea Dantas).

Ela participava ativamente da Igreja Católica, inclusive era

quem organizava e dirigia as encenações bíblicas ou peças com temáticas religiosas. O professor José Pereira nos conta como foi sua primeira experiência com o teatro, sendo intermediado por Áurea numa apresentação religiosa:

Eu era seminarista, e vim passar um final de ano aqui em Cuiaté, e tinha uma encenação do nascimento de Jesus Cristo, do Natal. O presépio era na Igreja, na missa, e São José saía com Nossa Senhora lá do começo da rua João Pessoa. Aí eu sei que na hora, o rapaz que ia ser São José desistiu, e eu ia passando e Áurea “Zé Pereira, pelo amor de Deus, eu tô precisando de um São José, e vai ser você!” Eu com vergonha, ela disse “você não vai fazer nada, a única coisa é que você vai vestir a roupa, colocar uma barba e o cajado e você vai subir a rua João Pessoa puxando o jumento e Eliane montada nesse jumento.” E assim foi feito.

No início da década de 1970, foi iniciada a construção do salão paroquial ao lado da igreja matriz, e Áurea Dantas começou a promover alguns espetáculos com o intuito de arrecadar fundos para a finalização da obra. Uma das peças apresentadas foi a comédia “Caduquices de Avô”, protagonizadas por José Pereira Sobrinho e Lourdinha Queiroz.

Nesse sentido, atentemos para esta relação que havia entre as primeiras experiências teatrais com a Igreja Católica, tanto Chicota quanto Áurea se engajaram em atividades que tinham uma ligação com esta instituição, embora não eram todas as peças que possuíam um caráter religioso. Pereira (2016) nos conta um pouco de como ocorreu o processo de preparação do espetáculo supracitado:

[...] eu vim passar umas férias aqui [...] e tava a construção daquele salão paroquial, e faltava dinheiro. E eu sei que Áurea mais uma vez enfrenta e vai preparar, ensaiar uma peça “Caduquices de avô”. Lá Áurea se encontra comigo e diz “E você vai ser o avô”. Interessante que era o papel principal, era eu e a empregada”. Uma peça demorada, grande [...] e eu sentia dificuldade “Mas não quero Áurea, eu tô de férias”... “Vamos, vamos”... Eu sei que era ensaio todo dia, e brigando porque eu não decorava. Finalmente se decorou aí e se apresentou. Saiu

aqui, foi em Cuité, Nova Floresta, fomos a Barra de Santa Rosa e chegamos a ir até Cacimba de Dentro, com nessa peça. E ela rendeu muito dinheiro para a construção. [...] Era uma dificuldade muito grande para arranjar patrocinadores, inclusive, para se deslocar era em caminhonetes, caminhões abertos. Aí arranjava o patrocinador e dava um caminhão, então íamos... Lá em Barra de Santa Rosa nós jantamos, distribuíam as pessoas nas casas já comunicadas, lá em Cacimba de Dentro, entendeu?

Assim como a senhora Francisca Emília, Áurea era quem produzia e organizava as peças teatrais, desde a escolha do texto, ensaios, figurino e até montagem do cenário. Devido às dificuldades financeiras para investir nas apresentações, a criatividade dava espaço para as mais diversas criações e adaptações no mundo do teatro. Ela diversas vezes levava lençóis e outros adereços próprios e do elenco para montar o cenário e figurino das apresentações teatrais.

Porque quando começou por mim, eu organizando, quem armava o palco era eu. Chamava as pessoas, mas era a minha orientação. Levava coberta pra fazer os bastidores, levava cordões para fazer tudo, tudo que precisava para armar o palco era eu. Quem me ajudava muito quando às vezes eu ia fazer que eu chamava era Zé Cândido.

Além da já citada “Caduquices de Avó”, Áurea Dantas também dirigiu e algumas vezes também atuou nas peças “A velha debaixo da cama”, “Estela”, “Dan a Pequena Mártir do Cristo Rei” entre outras. Em 2004, como uma forma de homenagear quem tanto contribuiu para a cultura cuitense, foi inaugurado o Teatro Municipal de Cuité com o nome de “Francisca Emília da Fonseca”, e o auditório do espaço foi nomeado de “Áurea da Costa Dantas”.

Já nos anos 2000, a artista escreveu, dirigiu e atuou ainda em duas comédias teatrais: “A Patroa Velhaca” e “A Bruxa”. A primeira retrata a vida de uma empregada que sofre com as cobranças dos comerciantes direcionadas a sua patroa que “vive no luxo”, mas não paga uma conta

sequer. Já “A Bruxa” conta a história de uma senhora que desejava entregar de presente uma “bacorinha” ao bispo, mas é questionada por um grupo de alunos se ela seria uma bruxa, devido aos trajes exóticos que vestia. As duas comédias já foram apresentadas diversas vezes, tanto no salão paroquial quanto no Teatro Municipal, e ambas aclamadas fortemente pelo público.



Áurea Dantas em diversos momentos e apresentações.
Acervo da Cia. de Artes Áurea Dantas.

Algumas experiências teatrais vão acontecer também no âmbito escolar, ora incentivado e organizado por professores e gestores, ora realizado pelos próprios alunos. Um dos profissionais que instigava o teatro dentro e fora de sala de aula era o professor e também juiz Jorge Ribeiro Nóbrega. Já em 1978, ano de sua chegada à Escola Estadual de Cuité, ele montou a peça “O julgamento de Mirtes” que foi apresentada pelos alunos no salão paroquial.

Ele era juiz e professor do Estado. E eu sei que ele chegou aqui e disse que gostava muito de teatro, ele tinha até algumas peças... uma das peças que eu me lembro era “Inocente ou culpado”, dele mesmo... “O julgamento de Mirtes” é dele também. (José Pereira Sobrinho).



Elenco do espetáculo “O julgamento de Mirtes” no Salão Paroquial. Dentre as pessoas representadas na fotografia temos: Saulo Antônio, Zé Francisco, Laelson Ribeiro, Dr. Jorge Ribeiro Nóbrega, José Pereira Sobrinho, Dinamérico Soares, Aristóteles Pessoa e Giovani Marinho. Acervo de Eliel Soares.

O professor José Pereira, que na época era o gestor escolar, nos conta que o grupo coordenado por Jorge Ribeiro chegou a ter um número de quase 50 alunos. Eles também estruturaram o palco do salão paroquial com algumas coxias e cortinas necessárias para as apresentações.

O salão paroquial estava acabado já, só não estava equipado, aí nós fomos pra lá, olhamos, e ele disse “Olhe aqui é fantástico para fazer as apresentações, e eu quero pelo menos duas peças por ano” e eu pensei “meu deus onde é que nós vamos conseguir isso?”... eu sei que nós equipamos o salão com luzes, coxias, tudo... a gente fazia festas e conseguia dinheiro... todo dinheiro era canalizado para essas atividades. [...] Ele apresentou aqui bem duas noites, salão cheio! (José Pereira Sobrinho).

Vale ressaltar que estes grupos de teatro amador eram sem fins lucrativos, uma vez que as bilheterias eram direcionadas para alguma campanha específica ou arcar com a produção dos espetáculos e para a manutenção dos próprios grupos, como a compra de equipamentos cenográficos, figurinos, etc.

Ainda tratando acerca do meio escolar, Fabiano Valério foi presidente do centro cívico da Escola Estadual de Cuité por duas vezes na década de 1980. Nesta organização estudantil, havia o cargo de diretor de artes, que era encarregado de cuidar principalmente da parte teatral, e assim organizavam esquetes com temáticas relacionadas ao cotidiano do estudante.

Lá no centro cívico do colégio estadual, chamava-se Centro Cívico Edite Bezerra da Fonseca, a gente também tinha um grupo de teatro, [...] fazia esquetes na escola, e era mais uma coisa assim ligada à participação dos estudantes e à feira de ciências. (Fabiano Valério)



Diálogo entre os atores
Aristóteles Pessoa e
Dinamérico Soares.
Década de 1980.
Acervo de Eliel Soares.

Outras expressões teatrais surgiram similarmente através de grupos de jovens da Igreja Católica. Fabiano relata que neste período o Pe. Donato Rizzi incentivava bastante a juventude para participação de atividades criativas por meio desses grupos.

Havia o grupo “JUPAC – Juventude, paz e amor em Cristo” que dentre outras atividades ligadas à Igreja, representavam cenas bíblicas em missas e eventos da paróquia e faziam apresentações nos encontros de Crisma. Outro grupo formado posteriormente foi o “FECAP - Fé em Cristo, amor e participação”.

Maurílio Macêdo, um dos fundadores do grupo, explica que o FECAP, além de realizar algumas atividades teatrais, também se envolveu com ações sociais, campanhas contra fome, etc. Ele também expõe que nessa época eram realizados uns encontros de jovens durante o carnaval na zona rural “Sítio Pelado”. Toda uma programação era montada com trilhas, acampamento, música, gincanas, e apresentações teatrais: várias equipes eram formadas durante o dia, em seguida escolhia-se um tema e cada grupo montava seu esquete para apresentar à noite.

Aí tinha grupo de escoteiros, grupo de teatro, grupo de jovens, ia toda qualidade. E lá toda noite, era de praxe, ter uma apresentação teatral. E não era só uma não, era cinco ou seis. A gente apresentava “Os escravos”, “Iemanjá”, dublagens de Reginaldo Rossi, Ney Matogrosso, pessoal fantasiado, tinha fantasias, tinha júri também. [...] A comunidade rural vinha assistir, e tinha a Missa no domingo. Aí quando chovia todo mundo ia tomar banho na chuva, tomar banho no açude, tomar água de coco, era uma coisa, uns carnavais sadios [...] Era uma semana diferente, mas uma semana muito voltada para o teatro na parte da noite. Quando dava cinco horas da tarde, a gente parava todas as atividades e cada um ia bolar o que ia fazer para a apresentação. (Maurílio Macedo)

Posteriormente, alguns destes jovens participantes se reuniram para formar um grupo teatral independente, e assim na metade da década de 1980 é fundado o grupo “TEAC - Teatro Amador de Cuité”.

A partir dessa experiência que a gente teve com esses grupos de jovens da igreja, e com essa participação no centro cívico estudantil, foi que veio a iniciativa da gente criar uma companhia de teatro independente [...] Nós fundamos o TEAC e começamos com uma peça que se chamava “O adeus que eu não disse”. (Fabiano Valério).

O drama “O adeus que eu não disse”, foi inspirado em um conto extraído da “Revista Cristã” e adaptado para texto teatral pelo próprio grupo.

Contava a história de um filho que se envolvia com drogas e tudo, depois retornava... aí eu fui pegando essa história e comecei a adaptar ela para o teatro. A gente colocou uma cena de um bar que não tinha, colocou a cena de um jardim que não tinha, então, pra dar emoção... Essa peça teatral ela foi o maior sucesso em Cuité e inicialmente tinha participantes do FECAP depois ele acabou e ficou somente o TEAC. E aí a gente fazia apresentações no Sossego, Coronel Ezequiel, Nova Floresta, Picuí, Nova Palmeira, Pedra Lavrada [...] Só que a gente não ia só com a encenação da peça em si “O adeus que eu não disse”, a gente ia com a proposta de levar animação e diversão também. Então a gente fazia um grupo de palhaços, de apresentações para crianças [...] tinha um mágico, Heronides era o mágico e aí a gente montava um domingo, uma matinê e fazia esse espetáculo antes da peça de noite.

Assim, além do espetáculo em si, o TEAC preparava uma programação que atendesse todo o público, fazendo apresentações infantis durante o dia, com palhaços e mágicos, e à noite apresentavam a peça. Salientamos também que a equipe se envolvia com ações sociais sempre que possível, como campanhas contra a fome e feiras de saúde na cidade. Assim como Áurea Dantas circulou por algumas cidades circunvizinhas na década de 1970, o grupo de Teatro Amador de Cuité também fez, sendo que conseguiram atingir um número maior de cidades com a apresentação.

Foram apresentadas pelo grupo as peças “Tudo porque te amo, pai” de autoria do próprio TEAC, “Hoje a banda não sai” e “O jul-

gamento de Mirtes”. Assim como as experiências anteriores, o grupo tinha que trabalhar com poucos recursos financeiros devido à falta ou insuficiência de apoio. Maurílio Macedo nos conta a respeito de como procuravam dar continuidade às atividades do grupo por meio da busca de patrocínios e criações do grupo:

Os equipamentos a gente mesmo que providenciava, mas a gente pedia ajuda aos prefeitos na época. Aí a ajuda às vezes era uma caçamba pra viajar. [...] Mas aí as roupas, as coisas a gente é quem fazia. Aí com o que a gente arrecadava das apresentações [...] aí com esse dinheiro a gente melhorava, os cenários e tudo mais...mesmo porque tinha cenários que não era fictício, por exemplo, feijão o pessoal fazia mesmo feijão na hora do almoço lá, do jantar, macarrão, e quebrava prato, quase toda encenação quebrava um prato, essas coisas assim. [...] Aí tinha alimentação...Às vezes conseguíamos um patrocínio da cidade onde a gente ia, então o prefeito da cidade dava um lanche, ou dava um almoço, ou fazia uma feijoada... uma coisa assim.

O Teatro Amador de Cuité idealizou um projeto que pouco tempo depois se tornou o maior espetáculo teatral da cidade, envolvendo um grande número de atores, figurantes e técnicos: “A Paixão de Cristo”. No início da década de 1990, durante a semana santa, o TEAC realizava as encenações na via sacra, dramatizando as cenas referentes a cada estação. Em 91, a apresentação já havia tomado uma maior proporção e foi concentrada no espaço próximo ao matadouro público. No ano seguinte, o grupo montou o espetáculo completo e apresentou no Olho d’Água da Bica.

Atualmente Cuité é conhecida por ter o “maior teatro ao ar livre da Paraíba”, no entanto, a “Paixão de Cristo” era apresentada inicialmente com cenários mais simples e limitados. Antes das construções dos castelos no Olho d’Água, foram utilizados enormes painéis pintados por artistas que se propuseram a ajudar na confecção cenográfica do espetáculo.

No primeiro ano da Paixão de Cristo, nós montamos o cenário com outdoors, a gente levou uns outdoors pra lá, e chamamos uns artistas da terra, e eles abriram, [...] como sendo os castelos... abriram e a gente encenou por lá. Aquilo foi sendo construído pela prefeitura, [...] foi projetando de uma maneira que fomos aproveitando todo o espaço. [...] construindo um castelo de cada vez, pedindo a uns amigos que tinham a ideia, que fizessem o desenho, a gente dizia como é que queria. (Fabiano Valério).

A “Paixão de Cristo” chegou a envolver em torno de 200 pessoas só no elenco, além das equipes que ajudavam no figurino, maquiagem, efeitos especiais, cenário, acessórios, etc. A participação no espetáculo era voluntária, não havendo pagamento de cachê para os envolvidos, uma vez que os recursos adquiridos eram direcionados para arcar com as despesas técnicas e de produção.

Ao longo dos anos o grupo buscou aperfeiçoar cada vez mais o espetáculo, assim como buscava firmar parcerias com empresas e governos para captar recursos e proporcionar melhorias, principalmente técnicas, na apresentação.

O TEAC apresentou a “Paixão de Cristo” até 2006, e oito anos depois o espetáculo foi resgatado pelo Governo Municipal sob a direção de Ismael Moura. Desde sua execução com o TEAC até os dias atuais, o projeto é um dos cartões postais da cidade, atrativo cultural e turístico cuiteense.

A partir dos anos 2000 vão surgir diversos grupos teatrais na cidade: Cia. cuiteense de teatro, Cia. de teatro Adorai, Cia. de arte e cultura Timbauê, Cia. de artes Áurea Dantas, Cia. de teatro do oprimido de Cuité, Cia. de artes Vira Volta, e Cia. de teatro Fênix. Todos estes grupos teatrais tiveram uma significativa relevância para o teatro cuiteense, movimentando a programação cultural da cidade e circunvizinhança.

A Cia. Cuiteense de Teatro tem sua origem no grupo religioso “Criancinhas de Deus”. Sob esta nomenclatura, o grupo apresentou em 2004 a peça “Os Jecas na cidade”. Dois anos depois foi fundada oficialmente como a Cia. cuiteense de teatro. Dentre seus principais espetáculos se destacam “As Beatas”, “As duas fia de Chica”, “Us Puliça” e “Meu filho é biba”. Em 2011, a companhia foi contemplada com um ponto de

cultura para a cidade, denominado de “Portadores de Eficiência” na qual foram promovidas diversas oficinas gratuitas para a população: teatro, violão, sanfona, artesanato, capoeira, dança, dentre outras.

A Cia. Cuiteense de Teatro também esteve à frente do I Encontro de Grupos e Espetáculos de Teatro de Cuité em 2010, contemplado pelo edital de microprojetos “Mais Cultura” do Governo Federal, coordenado por Crisólito Marques, membro da companhia.

Além deste, foram selecionados outros projetos como o “Olho d’Água da Bica: lenda viva” (Jéfferson Radan), “Reviva o Folclore” (Johnny Edson) e Ressurgiu o pastoril (Rayssa Muniz).

A Cia. de Artes Áurea Dantas (CAAD) surgiu a partir da Cia. de teatro Adorai, pertencente ao grupo de oração homônimo. Em 2010 o nome foi alterado para homenagear a senhora Áurea da Costa Dantas, uma das primeiras a movimentar o teatro cuiteense. A CAAD também apresentou o espetáculo “Nos passos do Luiz” em homenagem a Luiz Gonzaga, apresentado no ginásio do Centro de Educação e Saúde - CES/UFCG. As principais peças do grupo são “Genário e Luzia felizes com sua cria”, “Mas cadê Azaugiza?”, “As aventuras de Biu Preá” e o espetáculo de rua “Mateus criado de dois sinhô”. A Cia. de Artes Áurea Dantas também participou do 1º Encontro de Grupos e Espetáculos de Teatro de Cuité, na qual foi vencedora, e fez parte da programação estadual do Dia Mundial do Teatro e Dia Nacional do Circo promovido pela FUNESC – Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

A Cia. de arte e cultura Timbauê, fundada em 2008, estreou um ano depois com o espetáculo infantil “Joãozinho Peteleco”. O grupo também apresentou “Escuta aqui seu ladrão”, “Por sermos imperfeitos” e “Adão sem Eva”. A Timbauê participou do 1º Encontro de Grupos e Espetáculos de Teatro de Cuité (3º lugar) e também da programação cultural “Caminhos do Frio” em Alagoa Grande-PB. O grupo também atuou com esquetes em alguns eventos da cidade, como a abertura dos “Jogos escolares do Curimataú” e da Feira de Ciências da Escola Estadual Orlando Venâncio dos Santos.

O Centro de Teatro do Oprimido Cuiteense (CTOC) foi formado em 2008 a partir de oficinas sobre este método teatral.

Um dos primeiros espetáculos do grupo foi a seção fórum “Conflito familiar: quero votar e ninguém deixa” e também a peça “Os Arap Socir”.

O CTOC participou da "Mostra de teatro do oprimido" em Campina Grande, do 1º Encontro Grupos e Espetáculos de Teatro de Cuité (obteve o 4º lugar) e do IV Festival de Inverno da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cuité.

A Cia. de artes Viravolta foi criada em 2010, e um dos primeiros espetáculos apresentados foi "A farsa do advogado Panthelin". O grupo participou de vários eventos relacionados com teatro como a "Mostra Ariús" (SESC, Campina Grande –PB), "Festival Internacional de Teatro de Rua de Aracati-CE", "Festival Overdose"(SESC, Campina Grande-PB) e da programação estadual do Dia Mundial do Teatro e Dia Nacional do Circo promovido pela FUNESC – Fundação Espaço Cultural da Paraíba. A Viravolta montou ainda o espetáculo "Acabou-se o Fim do Mundo" fruto do projeto "Uma Odisseia Cultural" premiado pelo Ministério da Cultura. Destacam-se ainda os espetáculos "Alforria", "Ana e o mar" e "Tem um monstro no meu espelho".

A Cia. De Teatro Fênix, a princípio, abrangia também projetos de danças regionais e oficinas de hip-hop. Em 2010, o grupo apresentou o drama "Nordestinados" que conseguiu o 2º lugar no 1º Encontro de Grupos e Espetáculos de Teatro de Cuité. Outra apresentação do grupo foi o "Quinteto do riso" que circulou pelas cidades circunvizinhas. A Fênix também participou da VI edição do Festival de Inverno da UFCG – Campus Cuité, com a peça "Será que meu filho é?".

Assim, as expressões teatrais em Cuité passaram por diferentes experiências e âmbitos ao longo das décadas. Desde esquetes a espetáculos de maiores proporções, cada um destes carregou seu valor cultural independente do tamanho e alcance. É possível afirmar que teatro cuitense foi marcado principalmente por um esforço demasiado, uma dedicação firme e amizades intensas.

A ausência ou limitação do apoio tanto do poder público quanto do privado fazia com que estes grupos promovessem uma variedade de mecanismos criativos para captar recursos para seus respectivos projetos. O campo do financeiro, inclusive, é um dos principais fatores que inviabilizam a continuidade de muitos dos grupos supracitados, uma vez que não é possível a realização de espetáculos ou projetos da área sem os fundos necessários para a sua promoção. E mesmo com as campanhas e buscas de patrocínios, nem sempre obtém-se êxito.

Além disso, devido às questões relacionadas ao trabalho ou estudos, muitos membros das companhias acabam se afastando sem conseguir conciliar suas novas atribuições com as atividades teatrais.

Nesse sentido, muitos grupos atualmente acabaram se dispersando, desfazendo ou entrando em hiato. É importante que haja articulações constantes e políticas públicas que fomentem as atividades culturais como um todo, a fim de que continue e se aprimore o que já existe bem como proporcione o surgimento de novas experiências.

ENTREVISTADOS

Áurea da Costa Dantas – agosto de 2013 e fevereiro de 2016.

Diva Fonseca – agosto de 2013.

Fabiano Valério – março de 2016.

José Pereira Sobrinho – março de 2016.

Maurílio Macedo – março de 2016.

REFERÊNCIAS

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, 6ª edição, São Paulo: Companhia das letras, 1995.

CABRAL FILHO, Severino. *O Pão da memória: velhos padeiros, lembranças, trabalho e história*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

COSTA, Maria de Fátima Dantas. *Figurino para teatro de rua: um elemento de símbolos característicos e comunicação direta*. 2016. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Teatro). Departamento de Artes Cênicas, Universidade Federal da Paraíba.

FONSECA, Maria Elita dos Santos. Francisca Emília da Fonseca Santos (Dona Chicota). In: *Ao nosso querido Oswald*. João Pessoa-PB: Ed.Ideia, 2010.

JOUTARD, Philippe. *Desafios à história oral do século XXI*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. *Et alli; História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.

FUNDAÇÃO MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO. Livro do Município de Cuité. João Pessoa-PB: Gráfica J.B. Ltda.

PALHANO, Romualdo Rodrigues. Fronteiras entre o palco e a tela: teatro na Paraíba 1900-1916. João Pessoa-PB: Sal e terra, 2010.

SOBRINHO, José Pereira. Cuité: terra nossa. Campina Grande-PB: Gráfica Fênix, 2001.

Teatro do Oprimido. Disponível em: <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-do-oprimido>. Acesso em: 09 mai. 2016.

Tópico 7

Pelos bares da cidade:

um passeio pelo tempo

Demócrito Humberto da Fonsêca Júnior¹

Fazendo a “linha” pelos bares da cidade de Cuité, viajaremos pelo tempo onde as bebidas alcoólicas eram fonte de gosto e prazer entre os bebedores – uns mais, outros menos –, presentes nesses fantásticos lugares. Herdamos esse costume dos nossos antepassados portugueses e descendentes que aqui vieram morar. O ato de beber já era um hábito nas casas do aglomerado urbano como também do rural, nas festas de batizados, aniversários, noivados, casamentos, vaquejadas, festas de padroeira, São João, Carnaval e também no dia a dia sem motivo específico. Para beber, “inventava-se um motivo”: para espalhar o sangue da barba, para dar coragem, para passar o frio, para almoçar, para jantar, para tomar um banho, entre outros.

As bodegas (espécie de venda antiga que continha variados produtos para venda, entre eles cereais, bebidas, laticínios, etc) inicialmente faziam o papel de bares, vendendo a cachaça em doses, no copo pequeno de grau “engana bêbado”, no balcão ou mesmo em garrafas (meiota ou inteira), em mesas que eram colocadas no salão do recinto. Também fornecia cervejas, vinhos (de gengibre, jurubeba e de uva) e outras bebidas alcoólicas. Algumas tinham tira-gosto (que o bodegueiro preparava na hora) ou que os bebedores traziam de casa. Outros com pouco ou sem dinheiro, bebiam só com o estalo dos dedos, aperto de mão, um copo d’água ou com apenas um confeito.

Podemos citar algumas bodegas famosas, dos seguintes proprietários: Josué Furtado, Chicó Furtado, Assis Furtado, Dedé Roseno, Maria Véia, Romeu Palmeira, Diomedes, Demétrio, Antônio Oliveira, Dona Laura, Aurita, Zé Biléu, Belinha, Severino Paulo, Justino, Mané Aleijado, Aílton, Milanês, Joaquim Maroca, Chico Porto, Bibi Souto,

1 - Ver mais sobre o autor no rodapé do Tópico 3, na pág. 49 deste livro.

Chico Pontes, Zé Marques, Zé Bernardo, Tonheca Furtado, Samuel Furtado, Cozinho, Elson Farias, Fonsêca, Romildo Palmeira. Amaro Berto, Edmílson Bezerra, Lindolfo Venâncio, Zé Soares, Matias, Aderaldo, Bitonho, Dino, Rozeno, Zome, Félix, Tião, Anésio, Severino Bui, Mamede, José Pessoa, Petronilo, Benedito Maroca, Chico Freire, Charlinho, Artur, entre outras.

Com o passar do tempo, essas bodegas foram dando o lugar para as mercearias, mercadinhos e supermercados, perdendo a função de bares. A lembrança mais antiga que as pessoas relatam é o Bar de João Régio (João Moreno Filho), que estava situado na Travessa Pedro Viana da Costa, prédio onde hoje funciona uma dependência do Instituto “O Pequeno Doutor”. Local onde também eram vendidas passagens da empresa de ônibus de Benedito Dedé (Benedito Venâncio da Fonseca). O ponto de partida era no largo da antiga feira da fruta, em frente ao prédio do antigo mercado público conhecido como “Três Portas”, que na verdade, observando seus arcos, tinha doze. Um ambiente que atraía importantes personagens populares, feirantes e outros clientes.

Dentro do bar existia um reservado onde as pessoas bebiam e faziam refeições, como também uma parte exclusiva para os jogadores de baralho, comandado por Cosme e Pedro Chicó. Vendia-se bebidas e tira gostos em geral; queijos de manteiga e de coalho, sorda branca e preta, sequilhos, pães, bolachas, biscoitos e outros produtos para fazer um bom lanche. Os quitutes ficavam sob o comando da cozinheira, Cosma e Maria Paca, bem como a menina Moça. Antônio Quincó declamando e vendendo cordéis de assuntos variados de grandes cordelistas. Zé Cristino numa mesa ajeitando rádios. Mendigo pedindo esmolas, Isaiás do Gama. Mané Birico mestre do Boi de Reis. Assim era o Bar do Seu João Régio.

Bar Ouro Verde

O Ouro Verde era um bar que estava localizado na Praça Barão do Rio Branco (atualmente, Praça Prefeito Cláudio Gervásio Furtado), nº 20, esquina com a Rua Getúlio Vargas (Calçada Prefeito Orlando Venâncio dos Santos) no prédio onde hoje funciona a loja “O Boticário”. O nome do bar foi uma homenagem à cultura do agave, que teve o seu “auge” nos anos 1950 e por décadas movimentou o comércio



Bar Ouro Verde na década 1960.
Acervo MHC.

cuiteense. Vários proprietários marcaram suas administrações, como: Benedito Fialho, Nílton Furtado, Senhor Lauro, Zé Vitalino, Rosalvo Venâncio, Chico Maroca e Romildo Palmeira. Um ponto de encontro de estudantes universitários, que na época não eram muitos.

No carnaval esse bar recebia os blocos carnavalescos e muitos populares que brincavam os quatro dias de festa Momesca. Personagens populares marcavam presença no ambiente, Babá, Índio, Maria Branca. Mocó (Antônio Cosme Dias), que tinha uma sinuca no prédio vizinho, vinha todos os dias ouvir do dono do bar (Chico Maroca), as notícias mais importantes dos jornais da Paraíba dos quais Chico adquiria e ainda ganhava o lanche e não perdia a oportunidade de falar das autoridades, dos políticos e do povo em geral, começando pela sua família. Chico disse que também foi vítima da sua língua ferina. Mocó chamava Chico de “Ligeirinho”, pelo motivo da demora do atendimento aos fregueses e chamava o garçom Flávio Fonsêca de “Buchechinha”. Na verdade, não escapava ninguém.

Benedito Amâncio e Tenóbio Palmeira eram fregueses que saíam sempre por último, depois que a luz do motor se apagava nas ruas, mais sempre andavam munidos com velas no bolso, acendiam e passavam mais tempo no bar. As cozinheiras mais importantes eram Dona Pequena, Maria do Bar e as filhas ajudavam na cozinha, que faziam os deliciosos pratos de tira gostos, lanches e refeições. Um tira gosto famoso era a carne de baleia trazida da cidade de João Pessoa pelos motoristas de caminhões que levavam os fardos de agave para a capital paraibana. Era colocado um cartaz com letras garrafais perto do espelho com os seguintes dizeres: “HOJE

TEMOS CARNE DE BALEIA!” . Aí era aquela festa, muitos consumiam aquela carne “preta” fritada com manteiga ou óleo.

Trabalharam de garçons Flávio Fonsêca (chamado de Fonsequinho) e Murilo (Mochila) de Titico Balduino, que atendia os fregueses com muito humor. Zé de Luzia, que era guarda municipal ajudava a conduzir para casa aqueles fregueses que não conseguiam. No interior do bar tinha um reservado com 03 mesas para carteadado, que era comandado por Claudino, funcionava à noite, com cadeira cativa para Moca Fonsêca, Zé Pessoa, Ramalho (recentemente chegado à cidade) e tantos outros amantes do baralho. O garçom Flávio levava uma bandeja com xícaras e uma chaleira com café dentro de uma bacia com água quente, não existia ainda a garrafa térmica. Quando o café esfriava, levava a chaleira para esquentar no fogão. Firu, Hélio Mocó, Galego Teixeira, entre outros, eram frequentadores assíduos do bar. Na época do Rosalvo Venâncio os funcionários só iam para casa tarde da noite, depois de lavar o chão, as mesas, o balcão e a cozinha deixá-la impecável. O bar era aberto pontualmente às oito horas da matina.

Bar Esperança

O Bar Esperança ficava localizado na esquina da Rua Presidente João Pessoa com a Travessa Marechal Deodoro da Fonsêca (hoje Calçada Prefeito Basílio Magno da Fonsêca), no prédio nº 68, onde hoje funciona a Ótica d’Lucas. Seus proprietários foram Manu (Manuel Pereira da Silva), Menininho (que depois alugou ao Nego Tota), Seu Tomáz, Braulino (Bráulio Campos da Fonsêca).

Tudo começou com Manu Pereira que escolheu o nome Esperança para o bar, o atendimento era feito pelos seus filhos Carlinho e

Bar Esperança
Década de 1950



Dida. Na cozinha a sua esposa D. Nenen preparava as refeições, bolos, refrescos e sua especialidade que era um delicioso doce de leite (muito apreciado por Clóvis Galdino que dizia que era “o melhor doce de Cuitê”). Tinha como suas auxiliares Dona Liosa e Chiquinha Caíco. Um freguês que não perdia nenhuma noite era o Senhor Messias Castilho que sempre pedia sopa e um pão que cortava aos pedaços e colocava dentro do prato. Outro freguês era o Sr. Limeira, que tomava cerveja escutando os discos de Altermar Dutra e Nelson Gonçalves e fazendo palavras cruzadas. Firú, Guilherme de Artur Viana, Ednaldo de Titiu, Zezinho Fialho, Seu Romeu Palmeira, Antônio Ezequiel, Ramalho, João Barreto, Bibi Souto, Edvaldo Alves, Juraci Barbosa e tantos outros, eram assíduos clientes do bar.

Menininho de Seu Euclides Bezerra comprou o bar a Seu Manu, que alugou ao Nêgo Tota. Na administração do Nêgo Tota, o atendimento era feito pelos garçons Flávio Fonsêca e Tenente Júlio. Menininho vende este bar a Seu Tomáz, que vendera ao Senhor Braulino (Bráulio Campos da Fonsêca), o último Dono do bar Esperança. A frente do bar era voltado para a Travessa, o salão era composto de mesas e cadeiras de fórmica com ferro, um balcão com prateleiras, uma cozinha e um corredor com um espelho grande que servia de retrovisor para olhar o movimento do reservado onde tinha uma sinuca grande, com um relógio despertador numa pequena prateleira para controlar o tempo de jogo, uma pequena lousa com giz e uma flanela pendurada, e os tacos enfileirados num suporte na parede e alguns bancos de madeira, um pequeno mictório rodeado de folhas de compensado e tinha uma porta de saída para a Rua João Pessoa, a cobertura de telha Brasilit. No atendimento tiveram os seguintes garçons Flávio Fonsêca, Supetão (Gilberto Cardoso dos Santos), Ebinho, Zito de Benedito Jorge (José Zito de Lima), por pouco tempo e o seu filho Darcílio Fonsêca também ajudava.

Braulino, pedia aos garçons para olhar de onde eram aqueles carros dos fregueses, se fosse da região ele cobrava o preço normal do que fosse consumido, se fosse de outra região a despesa era mais cara que o normal. A cozinha era comandada por sua esposa Dona Cilinha. Um dos tira gosto servido no bar era piaba seca com farinha de mandioca.

Personagens populares que frequentavam esse bar foram Babá,

Liga, Índio e outros mais. Do outro lado do balcão tinha uma caixa onde era guardados sacos plásticos de carteira de cigarro, que eram enchidos com ar e estourados com a mão fechada para espantar aqueles que perturbavam o ambiente. Após o estouro, eles ficavam bravos dizendo que era “um bar de doido, só podia ser dos Fonsêca da Mata, é tudo doido”. Passavam um bom tempo sem frequentar o bar, depois voltavam. Uma vez Liga chegou com a cara toda arrebitada e Braulino perguntou o que tinha sido aquilo. Ele respondeu que foi uma queda, e que não aguentava mais o povo perguntando o que tinha acontecido. Braulino disse que tinha uma solução. Fez um cartaz com papelão e escreveu: FOI UMA QUEDA, colocou um cordão e pendurou no pescoço de Liga. Ele saiu pelas ruas, com um tempo ele voltou brabo. Disse: “Esse velho é um analfabeto!” Com um senhor que perguntou a ele o acontecido e disse mais vá aprender a ler no MOBREAL!

Braulino era vascaíno e os jovens faziam a festa no bar quando seu time perdia. Ele era engraçado e gostava de dizer uns repentes como respostas a algumas perguntas feitas por clientes como: “Vasco joga hoje em casa?”. Resposta: “Não! Se não quebra todos os móveis da casa.”. “Essa água tá pesada!”, ao que respondia: “Pegue com as duas mãos que vai.”. “Roberto Dinamite chutou na trave?; Não! Se não ele tinha quebrado o pé.”. “Eu quero um tira gosta de galinha.”. E ele vinha com um pires com alguns caroços de milho.

Todo domingo, depois da sessão do Cine Atlas, vários rapazes, também amantes do futebol, vinham para o bar assistir os gols da rodada, conferir os jogos da loteria esportiva, ouvir as perguntas que os jovens faziam questão de dizer só para escutar os repentes do velho Braulino, comer o doce de leite (“o melhor da cidade”) feito por Aurita, na época, eles vinham em copos americanos e depois tomar aquela água gelada. Estava encerrado o dia. Uma vez ou outra Braulino gostava de apelidar alguns jovens, mas quando eles diziam o seu, aí ele parava de apelidar.

Bar Paraguassu

O Bar Paraguassu é o mais antigo em funcionamento em Curitiba, é de propriedade de Biléu (Adalberto Marques da Silva), fica localizado na Rua 25 de janeiro, nº 5, na esquina com a Rua Floriano

Peixoto. É conhecido também como Bar do Biléu e Bar da Passagem. Hoje está registrado como Bar e Café Paraguassu.

Não se sabe o que originou o do nome do bar. Paraguassu desde sua instalação, passou pelas mãos de Benedito Fialho, Chico Maroca, Zé Vitalino, com Biléu, a partir de 1969 (que depois alugou a Antônio de Félix com Chico Porto, Ariston Farias por 3 meses e depois a Seu Tomás de Nova Floresta), reassumiu o estabelecimento e está até hoje diuturnamente funcionando. A “Mina de Ouro”, pelo grande movimento comercial que o bar possui, devido a sua localização, perto da feira livre e ponto de vendas de passagem e espera de ônibus que se destinam as cidades da Paraíba como também do Rio Grande do Norte e ainda do Rio de Janeiro e São Paulo pela Itapemirim.



Bar Paraguassu – (2016) - Acervo MHC.

Os transportes alternativos também estacionam do outro lado da rua em frente ao seu bar. A Rodoviária de Biléu (como algumas pessoas brincando chamam), vem desde o tempo em que ele vendia passagens para o Sr. Felinto de Nova Floresta, para a Viação Condor, depois para a São José de Zé Pereira. Hoje também vende passagens para a Viação Jardimense do Rio grande do Norte. O Bar tem a frente para a Rua 25 e a lateral esquerda para a Floriano, pintado com o nome em letras grandes e cores da Empresa Itapemirim, com as suas portas antigas, no salão com mesas e cadeiras de fórmica com ferro, também antigas, balcão em alvenaria com cerâmica, com mostradores de vidro, por trás prateleiras e freezer, ao lado cozinha, à direita do salão uma

entrada para o reservado, que tinha uma meia porta, com duas bandas, tipo Saloon do Oeste Norte-Americano, aquela que vai e volta, que ele tirou após uma briga de dois clientes que a quebraram, depois desse episódio de Faroeste, ele não a recolocou no lugar.

Nesse reservado também tinha uma mesa de madeira comprida onde os clientes faziam as suas refeições e outros que não queriam se expor ao público, bebiam mais a vontade (sozinho ou com a sua turma). Mais na frente tem um sanitário que é utilizado depois de pegar a chave no balcão. Várias cozinheiras e garçons trabalharam neste bar como o engraçado Gilson de Juarez de Sinhá, Renato e outros. Personagens populares passaram pelo bar como Liga, Babá, Gaborão e tantos outros. Músicos como Moca Fonsêca, Chico Miranda, Tin-Tin, Louro Amâncio que quase todo dia marcavam presença, uns tomando café, outros na cachaça, cerveja e outras bebidas e outros só jogando conversa fora. Assis Furtado, Ramalho, a turma de pedreiros do mestre de obras Geraldo (no reservado), a turma do *vereador* Bado e outras autoridades políticas.

Assim como Braulino, Biléu é muito engraçado, gosta de brincar com os populares e também com os seus clientes. Esconde a chinela daqueles que colocam o pé na parede, gosta de fazer medo aos medrosos, coloca pedras de gelo dentro da roupa dos que estavam displicentes, dava tira gosto nada convencional aqueles que perturbavam no bar. Fervia bem a xícara e o pires para aquele chato que toda vez dizia que o café estava frio, o sujeito queimava os dedos, o lábio e a língua. E o cara ainda dizia que a xícara e o pires estava quente, mas que o café estava frio. O bar também vendia os jornais paraibanos: O Norte, Diário da Borborema, Correio da Paraíba, Jornal da Paraíba e outros. Atualmente só vende o Correio da Paraíba e o Já. Também se fazia uma fezinha no Jogo do Bicho, que era da Banca de Jogo de Menininho. Hoje, também se faz jogo, que é da banca de Ozir Viana.

Bares fechados

ACONCHEGO'S BAR	BAR DE NENEM
BALALAIKA	BAR DE NICINHA
BAR BARCALHAU	BAR DE SANTANA
BAR CASA DE MANÉ BIRICO	BAR DE SIDNEY
BAR CASA BLANCA	BAR DE TARCÍSIO
BAR CASA DE REBOCO	BAR DE TOMÁS VIANA
BAR DA CAÇA	BAR DE UBALDINO
BAR DA MARINALVA	BAR DE ZÉ DE JACÓ
BAR DAS GATAS LOURAS	BAR DE ZÉ DUDU
BAR DE AMILTON	BAR DE ZÉ MACÁRIO
BAR DE ARNALDO	BAR DE ZÉ MARTINS
BAR DE BATISTA	BAR DE ZÉ RAMOS
BAR DE CHAPÉU PRETO	BAR DE ZÉ SOARES
BAR DE CHICO DE BANDA	BAR DE ZÉ TORQUATO
BAR DE CHICO DE BENTO	BAR DE ZOME
BAR DE CHICO DOMINGOS	BAR DO BONI
BAR DE EDNALDO FERREIRA	BAR DO CARLÃO
BAR DE EUCLIDES	BAR DO CHARLES
BAR DE FOLIADA A OURO	BAR DO CHICÃO
BAR DE GENTIL RAIMUNDO	BAR DO FUMEIRO
BAR DE GERALDO	BAR DO JOÃO RÉGIO
BAR DE GLÓRIA	BAR DO JOSÉ AMÉRICO
BAR DE ITAÍ	BAR DO MAJOR BRÁS
BAR DE JOÃO BESOURO	BAR DO MINEIRO
BAR DE JOÃO DE BRÁS	BAR DO PIPOQUEIRO
BAR DE JOÃO MARTINS	BAR DO POXÓ
BAR DE JOSA	BAR DO QUINHO
BAR DE LOURO MIGUEL	BAR DO VÉI DO OVO
BAR DE LUIZ CÂNDIDO	BAR DO VIDRO
BAR DE LULINHA	BAR DO ZÉ DE ROMEU
BAR DE MARTINHO VIRGÍNIO	BAR DO ZICO
BAR DE MESSIAS	BAR DOS AMIGOS
BAR DE NECO IZÍDIO	BAR E CAFÉ DE DALUZ

BAR E CHURRASCARIA A PIONEIRA
 BAR E LANCHONETE DE JOANA MON-
 TEIRO
 BAR E LANCHONETE DE PORTELA
 BAR E PIZZARIA SPICY
 BAR E RESTAURANTE “RANCHO DA
 SERRA”
 BAR E RESTAURANTE CHAPLIN I
 BAR E RESTAURANTE CHAPLIN II
 BAR E RESTAURANTE CUITÉ VILLE
 BAR E RESTAURANTE O CASARÃO
 BAR E RESTAURANTE SABOR DA
 SERRA
 BAR E SORVETERIA DE ANTÔNIO DE
 FÉLIX
 BAR ESPERANÇA
 BAR MILTON SABINO
 BAR NOSSO BAR
 BAR NOVA PALMEIRA

BAR O CASARÃO
 BAR OURO VERDE
 BAR OURO VERDE II
 BAR RECANTO 25
 BOATE DE ANTÔNIO
 DANCETERIA DANCE NIGHT CLUB
 ITAMARATY (EDMILSON CÂNDIDO)
 LOURO’S BAR E RESTAURANTE
 O BAR DE BENEDITO MAXIMINO
 O BIRA BAR
 PALHOÇA DE CHICO
 PALHOÇA DO GALEGO
 PALHOÇA DO ZÉ VITALINO
 PALHOÇA PANTANAL
 SKINA PIZZARIA E RESTAURANTE

ENTRE OUTROS...

ENTREVISTAS

José Zito de Lima
 Adalberto da Silva Marques (Biléu)
 Severino Ramalho da Silva
 Severino Francisco do Nascimento
 Rosilene Baldoíno (Lena)
 Maria das Mercês Baldoíno (Moça)
 José Severino Pereira
 Flávio Roberto de Farias Fonsêca

Todas as entrevistas foram concedidas ao autor em junho de 2016.

Falanganas de milacrias: *a culinária cuiteense*

Demócrito Humberto da Fonsêca Júnior¹

O tema *Falanganas de Milacrias* significa “grandes porções de variados pratos, de variados alimentos”, segundo o vocabulário do imaginário “Dicionário Estranho Popular da Nossa Nenem Santa Cruz”. Esse texto baseou-se em artigos do livro organizado por José Octavio, de Ariane Menezes, bem como no livro *Dona Benta*, todos importantíssimos para a base que fez discorrermos sobre a culinária nos tempos de outrora.

Focamos dentro de seus escritos aqueles alimentos e receitas que foram ou ainda estão em uso em nossa região. Começaremos pelas antecedências culinárias dos indígenas que habitavam todo o território de Cuité, entre eles os Sucurus os quais deixaram uma culinária muito rica, um verdadeiro presente, como herança para os descendentes povoadores dessa terra.

A culinária indígena

Os produtos importantes para o preparo da culinária indígena eram: mandioca, batata doce, milho, quiabo, beiju, tapioca, pipoca, mel de abelha, rolinha arará, goiaba, umbu, caju, galinha d'água, marreca, jacu, peixe, mocó, preá, seriema, tejuaçu (tejo), tacaca, tamanduá, veado, nambu, juriti, jaçanã, entre outros. Tudo isso sem sal e sem açúcar.

As grandes panelas feitas de barro ou de grossos troncos de árvores eram principalmente para colocar a mandioca amassada crua para o preparo da farinha primitiva que era servida em cuias de coité nas refeições que tinham peixe ou animal de caça. Nelas os animais de caça e os peixes eram temperados com ervas aromáticas da região como urucum,

1 - Ver mais sobre o autor no rodapé do Tópico 3, na pág. 49 deste livro.

manjeriço, bredo, manjerona, gengibre, raspas de casca de madeira escura, depois eram cozidos ou assados. Os assados eram preparados em pequenos buracos rodeado de pedras (trempe) perto de lajedos.

Os animais de caça de maior porte eram assados em coivaras (verdadeiros altares de fogo), celebrando as grandes comemorações, como o começo do inverno, a safra do caju (e sua “festa”, as quais existiam a anual troca de alimentos), tempo de fartura dos roçados, quando colhiam os seus principais produtos de subsistência, o nascimento das crianças, os casamentos na tribo, etc.

A batata doce era assada com casca em cima das brasas da fogueira e comidas misturadas com arará (espécie de pequena goiaba) que era comum ser encontrada nas proximidades do sítio Ingá.

O couro da tacaca, tejuacu ou tamanduá eram usados como cobertura da cabeça dos indígenas pacificados, relatado por cronistas da época colonial. Isto prova que esses animais selvagens faziam parte constante da alimentação dos nossos primeiros habitantes.

O milho era um dos principais produtos de subsistência. Quase seco, era torrado com banha de animais selvagens e depois triturados com pedras e cozido com mel de abelha. Foi o primeiro antecedente do atual munguzá ou manguzá.

O mel de abelha era utilizado para comer misturado com o pó dos ossos dos antepassados indígenas, que com o tempo eram retirados das igaçabas (urnas funerárias) e triturados com pedras. Para eles dizia-se “que nada melhor que guardar seus mortos na barriga”, para alguns estudiosos um ato de canibalismo, para outros apenas um ritual celebrativo.

Nossos indígenas muito contribuíram nos deixando uma comida totalmente natural, digna de ser registrada na história da cozinha de Cuité e da Paraíba.

A culinária negra

Em 1872, Cuité contava com 611 escravos, diante uma população de 11.729 pessoas, resultando em 5,2% da população negra. Em 1884 ela cai para 51 escravos e depois em 1886 ela sobe para 323 escravos. São períodos em que viveram no regime escravo

na produção algodoeira. Paralelamente a grande produção, cultivaram em pequenos sítios, alimentos como a fava, o milho, o feijão e a mandioca (SÁ, 2009).

Comprados do Porto do Recife, esses negros e negras africanos, vinham de países como Angola e da Guiné, foram comprados para trabalhar em terras de produção de algodão do nosso município e aqui foram instalados.

Famílias como: Gama, Porpino, Piató, Bilá, Tobias, Fernandes, Trindade, Pirrichiu, Trajano, entre outras são descendentes dessa população negra escrava que aqui vivem e deixaram um legado da sua culinária. Muitas delas ainda hoje, são atreladas aos grupos políticos de tradicionais famílias da política cuiteense, como Venâncio e Pereira, que no passado, seus parentes trabalhavam nas suas fazendas e nos seus casarões urbanos.

A fava era cozinhada em panelas de barro somente a água e sal. Poucas vezes, quando podiam adicionavam o coentro e a cebola e até o tomate, quando sobrava das cozinhas e era repassada por suas patroas.

O milho era assado ou cozinhado, quando seco era triturado no pilão e feito o pão de milho, que era o cuscuz, no pano, no vapor da boca da panela, também era feito a “Barriga de Peba”, uma espécie de angu feito desse mesmo milho seco.

O feijão era preparado com os “langanhi”, que era o “miúdo” dos animais (como tripa, bucho, rim, fígado, coração, etc.) que eram abatidos nas fazendas para a alimentação dos patrões. A carne ficava com os brancos, restando o descarte (miúdos) para os negros.

Da mandioca, poucos tinham direito a farinha para misturar ao feijão e a fava, e algumas vezes tinha direito a uma bola de carimã (porção de massa de mandioca) para fazer o beijú, e a goma para fazer tapioca.

A caça e os peixes raramente faziam parte da dieta alimentar, quando vinham das cozinhas ou quando perto onde viviam podiam caçar algum pássaro ou um pequeno mamífero, ou pescar algum peixe para a “mistura” da sua alimentação.

Hoje, temos uma grande variedade de pratos que vem da tradição culinária da população negra escrava que tanto alimentou as crianças, os jovens e os adultos da população branca, porém esses negros tão pouco se alimentavam.

A culinária branca

A culinária branca vem principalmente da influência europeia que se instalou no Nordeste do Brasil desde o período de colonização. Na Paraíba, e especialmente em Cuité, não foi diferente do restante do nordeste colonial. Destacamos alguns dos pratos que foi possível reunir suas receitas até então:

A *Carne de Sol* foi criada no Nordeste em 1830, o segundo mais importante prato da cozinha brasileira. É um dos pratos mais consumidos por nossa população. Esse prato é servido de várias formas, como a carne de sol assada em grelha, em fogão a brasa, acompanhada com macaxeira, inhame ou batatas cozidas com manteiga da terra (de leite de gado); a carne de sol com acompanhamento de arroz de leite; a carne de sol com acompanhamento de *Farofa de Bolão*, conhecida como *Farofa d'Água* (farinha de mandioca, coentro, cebola roxa, manteiga da terra) e *Pirão de Queijo* (queijo de coalho, leite de gado, manteiga da terra e farinha de mandioca) outros como o *Pirão de Leite* (leite de gado, manteiga da terra e farinha de mandioca).

O *Cozido de Carne Verde* ou *Pirão de Carne Verde* também é conhecido em outras regiões da Paraíba e de outros estados como “Chambaril à Mauricéia”, também um dos principais pratos da nossa culinária. Feito com carne ou costela de gado, chuchu, beterraba, cebola, cenoura, batatinha, couve, repolho, jerimum, couve-flor, batata doce, macaxeira temperada com coentro, alho, cominho, colorau, tomate pimenta do reino e sal, e servido com pirão de farinha de mandioca, branca e crua. É considerado o melhor cozido da Paraíba.

Outro prato interessante e que é paraibano é a *Panelada*, confeccionado à base de carne verde com legumes. Segundo Heleno Henriques de Araújo, em estudos da cozinha paraibana: “A panelada é um dos pratos domingueiros da região da Serra de Cuité, na Paraíba”. Consistente em cozinhar juntos em uma grande panela, braço verde de boi, mocotó, bucho, couve, repolho, jerimum, batata doce, macaxeira, quiabo”.

O *Picado de Porco* também conhecido como o “moidinho de porco da velha Filó”, sendo uma criação do sertão da Paraíba, ele é preparado com coração, fígado, rim, bofe, sangue coalhado, garganta

e banha de porco, tudo moído, temperado com: pimenta verde, folhas de manjerona, cebola, tomate, sal, pimenta-do-reino, moída na hora, pimenta malagueta esmagada, pequenas quantidades de raspas de casca de catingueira, uma diminuta dose de cachaça de cabeça. Todos esses ingredientes são cozidos por duas horas mexendo-se sempre e acrescentando-se água sempre que necessário. O acompanhamento clássico desta modalidade é a farinha de mandioca, branca e crua.

A *Buchada* é um dos mais reverenciados pratos da nossa cozinha, foi criada pelos tropeiros do Seridó, composto de: coração, sangue coalhado, rim, fígado, bofe de carneiro ou de bode, temperados e a temperos fortes. São embrulhados em pequenos pedaços de bucho destes mesmos animais e são postos para cozinhar longamente, com bastante água, recebendo também acréscimo de partes do carneiro ou do bode, como o espinhaço, os mocotós, a cabeça e as tripas.

A *Mocotozada* é um dos mais ilustres pratos da cozinha cui-teense, em algumas regiões também conhecida como “Mocotozada à Lindalva Lopes”, é feito com mocotó de boi cozido. A mocotozada tornou-se um alimento bastante consumido entre a população de baixo poder aquisitivo. O povo pobre aprimorou essa modalidade culinária da maneira mais eficiente possível. É um produto de aproveitamento.

O feijão verde (macassar), feito raposa (bolinho de feijão com farinha amassados com as mãos), o garfo é dispensado no consumo dessa iguaria, um dos acompanhamentos é o “Avuadô” (peixe voador) seco e assado na brasa. Já o feijão mulatinho feito “o escaldado à mãe Sinhá”, como é conhecido na região de origem, entre as cidades de Guarabira e Cachoeira dos Guedes, é um dos mais gostosos pratos da nossa região, cozinha-se junto a uma grande panela, feijão mulatinho, costelas de vaca gorda, salgadas, aparas de carne de salgada, jerimum e coentro verde.

São partes integrantes da nossa culinária cui-teense sobremesas, bebidas e petiscos. Iguarias como:

Bolo pé-de-moleque, bolo baeta, bolo de moça (leite), bolo de ovos, bolo de milho, bolo de carimã (mandioca), bolo de batata doce, bolo de laranja, bolo de cenoura, doce baba-de-moça (coco verde), doce seco (beira

seca), doce de coco, doce de mamão, doce de jaca, doce de carambola, doce de abacaxi, doce de banana, goiabada (doce de corte), bananada (doce de corte), doce de mocotó, doce de umbu, puxa, umbuzada, geleia de jaca, geleia de mocotó, geleia de goiaba, espécie de castanha, doce de leite, cocada de côco, cocada de côco queimado, canjica, pamonha, barriga de peba, chouriço com castanha de caju, bolo de macaxeira, queijo de coalho, queijo de manteiga, cuscuz de milho, cuscuz de massa de carimã (mandioca), mel de abelha, mel de rapadura (melaço), cachimbo (cachaça de cabeça, anilina e mel de abelha), licores, batidas, caipirinha etc.

No século XX, a nossa culinária já era extensa por ter recebido influências de todo o mundo culinário. Podemos citar diversos tipos de alimentos como:

Saladas (de alface, de beterraba, de repolho, de tomates), sanduíches (queijo de coalho, queijo de manteiga, presunto, ovos, sardinha, mussarela, peito de frango, graxa de galinha, cachorro quente, misto quente, frango, requeijão, patê, pernil, carne, salsicha), sopas, caldos (caldo de carne, sopa de caldo de carne com legumes, sopa de caldo de feijão, caldo de galinha, sopa de galinha com legumes, caldo de carne ou de galinha com torradinhas, canja, caldo de legumes, sopa de caldo verde, sopa de cebola, sopa de ervilhas, sopa provençal), arroz (com galinha, de forno, solto, risoto de frango ou de galinha), feijão (tutu, feijoada carioca, feijoada completa, feijão branco, feijão verde), batatas (à portuguesa, assadas, cozidas e fritas, palha, purê, doce frita), ovos e omeletes (ovos estrelados simples, ovos mexidos com queijo, omelete simples, omelete de vagens, omelete de carne moída, omelete de carne de soja, omelete de repolho), suflês (de batata, de queijo), carnes (carne assada de panela à portuguesa, carne de espeto, carne de panela), bifês (milanesa, de cebola, de grelha, enrolados, enrolados com cenouras, enrolados com ovos, ensopados), bolinhos de carne, rosbife, carne-seca, de espeto, frita, farofa, guisado, paçoca), coração, dobradinha (com feijão branco, guisado), fígado (bifes), língua, miolo, mocotó, rabo (rabada), rim (ao porto, de espeto), cabrito (assado ao forno, de panela e ensopado), carneiro (ensopado, guisado, costeletas, grelhado, assado), coelho (cozido, assado), porco (assada de panela, assado de forno, costeletas, costelas grelhadas, per-

nil assado, linguiça, salsicha e salsichões, sarapatel), frango (a alho e óleo, a caçadora, milanese, assado de caçarola, de espeto, frito com molho), galinha (com cuscuz, recheada, assada cozida), guiné (assado e cozido), pato (assado e cozido), peru (assado, cozido e recheado), codorna (assado, cozido), jacu (assado, cozido, caças assadas), peixe de água doce (carpas cozidas, piaba assada, piaba cozida, salmão cozido, traíra frita em postas, traíra cozida no leite de coco, filé de tilápia cozida, tilápia assada, frita e cozida), peixe de água salgada (bacalhau, pescada frita e cozida), peixes em geral (assado, cozido, cuscuz de peixe, sopa de peixe, patê de atum), bacalhau (com batatas, bacalhoada, bolinhos, à Gomes de Sá), camarão (cozido, frito, ensopados, torta), caranguejos (cozidos), lagosta, massa (pastéis de forno, macarrão alho e óleo, macarronada, nhoque, nhoque de farinha de trigo, talharim, pizza, panquecas, rissoles), pratos diversos (angu de fubá, cozido, puchero crioulo), doces em geral (creme de chocolate, geleia de goiaba, abacaxi em calda, caju em calda, goiaba em calda, bananada, mamão cristalizado, doce de abóbora com côco, doce de abóbora simples, doce de batata doce em massa, doce de batata doce com rapadura/côco, doce de mamão em pedaços, doce de mamão verde, banana com queijo, mousse de chocolate, mousse de maracujá, mousse de limão, pudim de chocolate, pudim de côco, pudim de pão, manjar de leite), tortas (de banana, de maçã, de limão, de morango), pastéis, doces diversos (arroz doce, baba-de-moça, beijo de côco, bem-casado, canjica, casadinhos, curau, doce de leite, doce de leite quadradinho, fios de ovos, geléia de mocotó, manjar branco, mousse de chocolate, ovos nevados, pamonha de milho verde, pamonha do norte, papo-de-anjo, em caixinhas, pavê, pé-de-moleque, de côco, pirulito, queijadinha, suspiros), bolos (chocolate, de coco, de laranja, simples, de coca-cola, de fanta) rocambole, bolinhos (de queijo), sonhos, pães (de mel), panetones, pãezinhos (de queijo, para sanduíches), biscoitos (champanhe, de polvilhos, raíva), bolachas (de côco, de maisena), bolachinhas (de nata), roscas (fritas), sequilhos (maizena, de polvilho), alfenins, bebidas e gelados em geral (licor, de jabuticaba, licor de pitanga), coquetéis, ponches, bebidas diversas (amargos, aguardente e aperitivos), chá, chocolate (em pó, em tabletes), mate (chá), café (com creme, com leite), refrescos (de abacaxi, de caju, de côco, côco com leite, de cupuaçu, de laranja, de morangos, de uvas, uísque com água de côco) e sorvetes (de castanha, chocolate, creme, limão e milho verde).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Heleno Henriques de. História da Culinária Paraibana. In MELLO, José Otávio de Arruda. Capítulo de História da Paraíba, Campina Grande, 1987.

DONA BENTA. Comer Bem: 1001 receitas de bons pratos. 46° ed. São Paulo Companhia Editora Nacional, 1955.

FONSÊCA, Eudézia Maria Furtado da. Entrevista concedida ao autor. Cuité-PB: julho/2016.

SÁ, Ariane Norma de Menezes. Escravos, Livres e Insurgentes: Paraíba (1850-1888). 2 ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

Personalidades populares

Demócrito Humberto da Fonsêca Júnior¹

São muitas as personalidades populares da nossa cidade, aqui a título de constarem nos livros dedicados à história de Cuité, fizemos um texto que inicialmente conta com sujeitos que por muito tempo alegraram, xingaram, causaram medo e preocupação entre a população; espero ampliar as menções em trabalhos e oportunidades futuras.

Eram pessoas inteligentes que por muitas vezes foram consideradas loucas pela forma própria de transmitir histórias criativas do seu mundo imaginário, humoristas natos, que através da sua oralidade sempre tinham uma resposta de repente para todos os questionamentos; comentaristas que não deixavam passar os fatos e os comportamentos das pessoas de todos os níveis da sociedade; xingadores que ao serem insultados soltavam um rosário de palavrões, etc. Assim faziam parte do cotidiano de cada época, hoje apenas da memória da cidade.

Destaco agora algumas personalidades que marcaram a história de Cuité, informo que são personagens que permanecem na memória de muitos cuitienses e que a maioria viveram entre as décadas 1950 e 1980, histórias lembradas pelo autor e outras a partir de conversas com amigos e parentes. Não foi possível incluir os nomes de registro alguns dos populares a seguir, mas se propagam até hoje os seus inesquecíveis apelidos:

Mané João, para cada pergunta, tinha uma resposta na ponta da língua, um repente, tudo era levado ao pé da letra. Ele era um jogador profissional do baralho. Trabalhou por um tempo no cassino de Messias. Um dia Messias resolveu mudar o piso do cassino, depois do trabalho feito, o pedreiro pediu que fosse feito um cartaz para ser colocado na entrada informando que o cimento do piso estava mole. Então o pedido foi feito, um aviso escrito num pedaço de papelão “proibido entrar, cimento

1 - Ver mais sobre o autor no rodapé do Tópico 3, na pág. 49 deste livro.

mole”. Mané João do jeito que vinha entrou pisando no cimento mole do cassino, Messias quando chegou e viu as marcas no piso deixadas por Mané João, gritou “Mané João! Você tá doido? Não sabe lê? Olha aí o aviso: proibido entrar”. Mané João respondeu: “O negócio é que eu vou saindo”. Isso é só uma de muitas histórias de Mané João.

Mocó, assim era chamado Antônio Cosme, que foi comerciante, vendedor de bebidas no cabaré e também possuía sinucas num prédio da travessa Getúlio Vargas (hoje Calçadão Prefeito Orlando Venâncio dos Santos). Costumava chamar as pessoas de “Charapa” e de “Charapinha”. Criticava fatos de pessoas das mais simples até as mais abastadas, ninguém escapava de sua língua ferina que sempre estava afiada. Depois de uma eleição, o candidato do grupo político Venâncio foi derrotado nas urnas. Um cidadão entrou no salão de sinuca e disse “Mocó! Os Venâncio pode enrolar a bandeira que não ganha mais uma eleição”. Mocó respondeu: “Ganha Charapa! Os Venâncio é como lagartixa, cai o rabo e depois nasce de novo. Pode anotar o que eu tô dizendo Charapa, vai voltar, vão votar e vai ganhar”.

Tereza do Fuá, Tereza do Jatobá ou Tereza Preta, assim ela era conhecida. Outros apelidos ela não gostava, como: Burra Preta, Picolé de fumo, Picolé de asfalto, que jovens a insultavam e ela respondia com palavrões atingindo as famílias dos rapazes. Às vezes, para fazer vergonha a eles, ela dizia “hoje você me chama de burra preta, mais naquele dia no caminho para o Jatobá, eu era: meu bem, meu amor”.

Tereza era uma negra que gostava de vestir roupas com estampas bem coloridas, lenço na cabeça, rosto bem pintado com batom bem vermelho, usava colares e pulseiras de bijuterias, unhas pintadas de esmalte vermelho, sapatos e bolsa tira colo. Partidária e frequentadora das casas da família Venâncio, sempre defendia os seus membros. Sua glória foi ser campeã ao desfilar como destaque na ala das baianas do Bloco Carnavalesco “Pega na Rua”, na avenida Francisco Theodoro da Fonseca (antiga Avenida Sesquicentenário), no Carnaval de 1985, quando o bloco conquistou o Bicampeonato do Carnaval Cuiteense.

Liga, era o seu apelido. Emídio era seu nome. Esse trezeano saía pelas ruas em porta em porta com a sua caixa e o tamborete engraxando os sapatos da freguesia. Não gostava da palavra engraxate, dizia que a sua profissão era “lustrador de sapatos”. Passava as três festas do ano

trabalhando (Carnaval, São João e Padroeira), depois era sua vez de comemorar sozinho, bebendo durante vários dias em bodegas e bares da cidade. Tinha um timbre de voz alta (que doía no ouvido) e cantava pequenos trechos de músicas românticas. Quando chegava no ambiente para beber, dizia “bota aí uma pra eu ficar rico”. Quando não tinha dinheiro para beber e encontrava estudantes bebendo, ele pedia uma dose de cachaça, os estudantes diziam que só davam uma dose se ele declamasse a poesia Versos Íntimos de Augusto dos Anjos. Na mesma hora, ele declamava, bebia a dose e já saía para beber n’outro lugar.

Pirigo, outra personagem, fazia muito barulho na rua, gritando muito e correndo atrás das crianças e jovens, com a mão no bolso como se fosse puxar uma arma, ao ouvir que iam matar Condina (sua filha) ou que iam se casar com ela. Pirigo era uma mulher de estatura baixa, geralmente estava vestida com roupas masculinas. Também ficava furiosa quando a apelidavam de “barguilha de flandres”, dizia ela: “venha cachorro da mulesta, venha infeliz, que você vai ver o que é bom”. Além do seu apelido, outros da sua família eram apelidados, como seu marido “Pelado” e seus os filhos Condina, Catita e Rola Bosta. Era frequentadora do casarão dos Venâncio (Rua XV de novembro).

Somam-se também a essas importantes personalidades do passado:

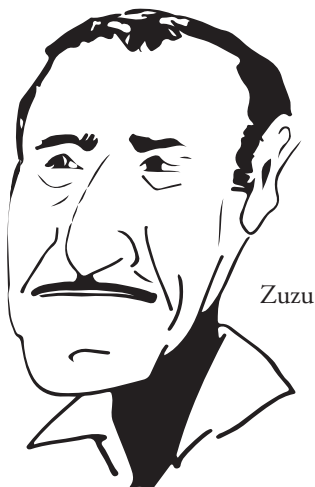
Alzira
Antônio Lá
Antonio Quincó
Azulejo
Baleia
Beira Sêca
Belizão
Bento Sussu
Bico de Pau
Biliviú
Boca Aberta
Boca Murcha
Cabo Otílio
Cara Brilhosa





Couro
de Rato

Do Carmo Tobias
Dorinha
Elvira Pé de Quenga
Galera
Geraldo Bozin
Hortelina
Itabaiana
João Bocão
João Folote
João Frizado Pinhara
Lacraia
Lau



Zuzu

Cara Fôfa
Cara Preta
Catombo
Chupa Miolo
Cícero do Coveiro
Cíntia
Couro de Rato
Cristãozinho
Cururu
Deputado Zé Borges



Zé Cristino

Luzia Gogóia
Mala Véia
Mané Alejjado
Mané Bigode de Açúcar
Mané Cego
Mané Galdino
Mané Inácio
Manusco
Maravilha
Maria Branca
Maria Cajueiro

Maria Carro
 Maria Jaraguá
 Maria Pachola
 Maria Virada
 Martinho Doido
 Meiota
 Ministro Mauro
 Moita
 Nêga Livramento
 O Môco do Jatobá
 Pai Vêi
 Papa Sereno
 Papada de Serraria
 Papai Noel



Zé Soares

Parada
 Pedro Bufa
 Pedro Cosca
 Péia Onça
 Porca Russa
 Pôu

Prefeito de São Bento

Severino Palmeira (Pintor)
 Tereza do Fuá
 Tigunda
 Tirinete
 Tremendão
 Valdemar Aleijado
 Vovô do Lixo
 Xingão
 Zé do Galo
 Zé Enedino
 Zé Gato
 Zé Moreira
 Zé Pequeno
 Zé Cristino
 Zé Polino
 Zefa kelemente



Tereza
 do Fuá

Raja
 Riqueta
 Rodete
 Romeira
 Seu Bozin
 Seu Buriti
 Seu Jonas

Quatro 2018

Hoje ainda temos uma personalidade popular de destaque e que todo mundo gosta: Gabirão, também chamado de Mané Gabira. No carnaval saía e sai vestido de mulher com a cara cheia de maisena e batendo com um pau numa lata de óleo pelas ruas durante os quatro dias de festa. Durante o ano, principalmente na segunda-feira, ficava dançando na porta da loja Mosath Discos ao som do carimbó do Pará, de Pinduca, todo vestido a caráter. A turma do Banco do Brasil sempre dava roupas, camisas, sapatos, cintos e capanga (bolsa para dinheiro e documentos) que era sucesso na época, ele saía pelas ruas todo social e com um pente pantera no bolso que exibia dizendo que era da moda. Hoje, anda pelas ruas pedindo dinheiro a quem encontra e perguntando sobre a política de Cuité.

REFERÊNCIAS

LIMEIRA, Cláudio. *Remanso*. JOÃO PESSOA: IDEIA, 2016.

SOUSA, Aécio Cândido. *Poemas hemorrágicos*. MOSSORÓ, 1985.

ENTREVISTAS

JOSÉ ZITO DE LIMA, entrevista concedida ao autor em junho de 2016.

ELIEL FERREIRA SOARES, entrevista concedida ao autor em junho de 2016.

ROSILENE BALDOÍNO, concedida ao autor em junho de 2016.

MARIA DAS MERCÊS BALDOÍNO, concedida ao autor em junho de 2016.

O Museu do Homem do Curimataú *como lócus da identidade cultural*

Tuany Roberta Queiroz¹

Monumento é

...aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. (CHOAY, 2001, p. 18)

A compreensão acerca de monumento a partir de Choay (2001) apresenta-se a partir da relação entre monumentos edificados ou objetos que constituem os chamados bens materiais, ou ainda as práticas, conhecimentos e representações que são considerados bens imateriais, que estarão ligados a essa rememoração afetiva de uma dada sociedade. O monumento remeterá à memória e construirá relações com as memórias individuais e coletivas através de suas representações para as sociedades a que pertence.

O conceito de patrimônio cultural compreende os bens materiais e imateriais que são resultado da produção e da vivência do homem remetendo a um determinado espaço e lugar e construindo a identidade de uma sociedade. Nesse sentido, o Museu do Homem do Curimataú e os objetos que constituem o seu acervo irão produzir um discurso acerca do cotidiano da cidade de maneira a despertar para a preservação e valorização da memória, da história local e da identidade cultural da cidade de Cuité.

Desta forma o espaço do museu para além de um lugar de exposições afirma-se como lugar de memória, pois, a partir da instalação do museu na cidade é possível despertar para a reflexão sobre a importância

1 - Possui graduação em História pela UEPB (2012), especialização em Ensino Educação pela UFCG (2014). Professora na rede Estadual de Ensino.

da preservação dos bens culturais e do patrimônio histórico e cultural. O museu, com sua exposição e com a realização de diversas atividades culturais, contribui demonstrando para a comunidade a importância de termos um espaço que reconte a nossa história, não de maneira “fria”, distante de nossa realidade, mas percebendo que eles também são autores da sua história e podem contribuir para o enriquecimento cultural do museu e conseqüentemente do lugar onde eles vivem.

O museu

O museu se constitui enquanto lugar de memória, ou como afirma Horta (2005) o museu, assim como bibliotecas e arquivos são lugares institucionalizados de Memória, pois o que constitui esse lugar é “um jogo da memória e da história” (NORA, 1981, p. 17).

Por que se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro-prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados... (NORA, 1981, p. 22).

Os objetos enquanto lugares de memória contribuem para a construção de uma memória coletiva, visto que as lembranças que serão reavivadas a partir de tais objetos na memória individual passarão a constituir uma memória coletiva acerca de sua própria identidade:

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, por que elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa... Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas sobretudo no campo simbólico. (KESSEL, p. 3)

Desta maneira, a memória coletiva, o sentimento de pertencimento do indivíduo como ressalta Kessel, contribui para a construção da sua identidade cultural, e, por conseguinte, da sociedade em que se está inserido. “... a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2002, p. 38). Para Hall (2002) a identidade cultural tem como fonte principal as culturas nacionais, portanto, para a formação de uma identidade cultural é necessário uma cultura que esteja de certa forma relacionada à memória coletiva, pois, a partir deste reconhecimento é que estará sendo constituída uma identidade em comum.

Por isso, a criação do Museu do Homem do Curimataú o constitui como lócus de identidade cultural, pois aquele espaço contribuirá para a rememoração individual das pessoas que vivenciaram o cotidiano que está sendo retratado pelos objetos expostos e que serão rememorados e repassados aos jovens, tornando-se memória coletiva. Assim o museu contribui para a preservação da identidade cultural da cidade de Cuité.

“O conjunto de objetos culturais, materiais e imateriais herdados pelos contemporâneos somente passa a constituir o patrimônio histórico das comunidades quando é reconhecido como tal pelo sujeito que o incorpora a sua experiência.” (PACHECO, 2010, p. 145), ou seja, “Somente a partir do momento em que a sociedade resolve preservar e divulgar os seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu ethos cultural e de sua cidadania.” (ORIÁ, 2006 p. 138) Destaca-se a importância do museu, não só como lugar de exposição, ou seja, deixar de ser visto apenas como um lugar que apresenta uma:

Reunião de objetos em vitrinas com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dispersão e desinteresse do público visitante e para formar a imagem dessas instituições como 'lugar de coisas velhas/distante' e sem sentido para a vida dos alunos. (ALMEIDA, VASCONCELOS, 2006, p. 104)

Mais do que isso, o espaço do museu deve ser visto como um lugar que guarda objetos que não estão ali para serem vistos por si só, mas sim perceber que aquele conjunto de objetos apresentados constrói um discurso acerca do passado. É naqueles objetos que a memória individual e coletiva daquela sociedade se encerra, contribuindo para a construção da sua identidade e cidadania cultural.

É a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. [...] Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história. (ORIÁ, 2006, p. 139)

Inaugurado em 11 de março de 2010, o Museu do Homem do Curimataú foi resultado da união de pesquisadores da história de Cuité como José Pereira Sobrinho e historiadores como Israel Araújo que apresentaram o projeto e contaram com o apoio da Universidade Federal de Campina Grande (campus Cuité), que utilizou o espaço do antigo Cuité Clube para reunir objetos doados por moradores da cidade que rememoram épocas passadas.

O prédio onde o museu foi organizado é um lugar que serviu de salão de festas para a “elite” cuiteense, conhecido como Cuité Clube e foi palco dos grandes carnavais que eram organizados na cidade e que aconteceram até meados da década de 1980. Neste lugar as festas eram

organizadas e direcionadas para os sócios deste clube, e lá eram comemorados não só os carnavais, assim como festas de debutantes, entre outras comemorações. Portanto, a escolha deste local se deu por ali já ser um monumento que traz em si a memória da cidade.



Frente do Museu do Homem do Curimataú.

Seu acervo resulta de doações de objetos antigos pelos moradores da cidade, havendo vários utensílios que faziam parte do cotidiano. Para melhor organização, estes objetos foram divididos por ambientes.

No ambiente “modernidade” encontram-se objetos como os primeiros aparelhos de televisão, secadores de cabelos, telefones, rádios, máquina datilográficas. A televisão, por exemplo, passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, mas, nem sempre foi assim.

A sala de casa, com seu sofá, sua almofada, um tamborete ou o próprio chão, em muitas casas da cidade, eram pequenos para tanta gente assistir TV, haja vista, que poucas eram as que privilegiadamente possuíam o aparelho. (ARAÚJO, 2009, p. 33).

Encontram-se também expostos os objetos que faziam parte do cinema da cidade, Araújo (2009) nos fala que o cinema em 1970 era um dos principais lugares de lazer no município de Cuité.

A sirene tocando às 19h30, impreterivelmente reverberava-se por toda a cidade, o que fazia neste momento os indivíduos cortarem as conversas, trocarem olhares, pois o primeiro toque da chamada do cinema disparou. (ARAÚJO, 2009, p. 32)

Ao lado, vê-se
latas com filmes.
Abaixo temos uma TV
antiga e um pilão.
Todos esses objetos são parte
do acervo do museu.



No ambiente “utensílios domésticos”, temos objetos como: máquina de fiar, máquinas de costura, bules, pilão, oratório, termômetro, sino, chaves, lampião, candeeiro dentre muitos outros objetos.

O pilão é exemplo de objeto do cotidiano, que remonta uma determinada época, e práticas que estavam relacionadas ao seu uso. É um objeto que faz parte da história das pessoas da cidade, que rememora épocas passadas. Retrata o cotidiano da cidade do interior, principalmente das pessoas que moravam na zona rural e precisavam deste utensílio para facilitar as atividades na cozinha.

O oratório traz consigo a devoção e a religiosidade do povo nordestino. “No Brasil colonial, seguindo o costume português, desde o despertar o cristão se via rodeado de lembranças do céu.” (MOTT, 1998, p. 164). Desde então, Mott (1998) destaca, o costume de manter imagens de santos nas residências e a prática da religiosidade privada dos católicos. “O oratório funciona como uma espécie de relicário” (MOTT, p. 167).

O acervo do Museu do Homem do Homem do Curimataú revela através de sua exposição, os costumes religiosos, por exemplo, através de objetos como o oratório.

Ao observar estes objetos o visitante é levado a rememorar práticas que foram vivenciadas em outras épocas. Já os mais jovens que não tiveram acesso a essas práticas, passam a conhecê-las através destes lugares de memória.

Ainda para relembrar o cotidiano do homem do campo, no ambiente “Agrícola” temos vários utensílios que eram, e ainda são, utilizados na agricultura na região. São objetos que eram utilizados nas



plantações e na criação de animais, como por exemplo, o carro de boi, apresentado nas fotos a seguir.



Além dos objetos materiais, alguns elementos trazem à memória a importância do patrimônio intangível, ou imaterial, como o boi de reis e os estandartes (foto da página ao lado) dos antigos blocos de carnavais que relembram os festejos e divertimentos da cidade. “O carnaval (fevereiro/março) que com seus blocos carnavalescos, seus papangus e farinhas de trigo, bem como os blocos Love’s Band e Loucos do Ritmo (sic)” (ARAÚJO, 2009, p. 28) animavam a população. Nas imagens acima e da página anterior podemos ver alguns estandartes dos blocos carnavalescos que eram organizados na cidade, e que agitaram os carnavais cuiteenses.

O museu ainda guarda placas das turmas concluintes das antigas escolas da cidade, relação com fotos dos antigos prefeitos, coleção de pedras encontradas em estudos arqueológicos em sítios da região, pedras utilizadas nos primeiros calçamentos, tijolos de edificações antigas, maquete com réplicas da primeira Igreja da cidade e do coreto da praça central da cidade que foram demolidos.

Ao que se pode observar o Museu do Homem do Curimataú através de suas coleções apresenta o cotidiano: as atividades agrícolas, as atividades culturais como os festejos, o lazer como o cinema, e até mesmo a vivência nas residências com os utensílios domésticos. Assim, reconstrói a história não exaltando somente as grandes personalidades, mas tentar mostrar ao visitante através de objetos e utensílios um pouco

do dia-a-dia das pessoas que vivenciaram outros tempos na cidade de Cuité, valorizando a memória local.

A memória “é vivida no interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas.” (NORA, 1981, p. 14). Ou seja, ela passa a ser reconstruída, rememorada, através destes objetos. “Ao escolhermos um objeto para o acervo de um memorial, estamos retirando-o de seu contexto original para lhe atribuir outra funcionalidade, a de evocar o passado e articular um discurso para esse fim.” (PACHECO, 2010, p. 145). A partir do momento em que foram doados e alocados em um prédio que também encerra uma memória coletiva para a cidade, estes objetos ganharam o status de preservarem a memória daquela sociedade.

Ressalta-se ainda que o espaço do museu não está somente dedicado à exposição dos objetos, mas apresenta-se como um espaço cultural onde realizam-se saraus, mostras culturais, palestras, etc. Além disso, o espaço é disponibilizado para as escolas desenvolverem aulas, atividades com os alunos, ou seja, busca-se estabelecer uma ponte com a escola, com a universidade e com a comunidade através de atividades culturais.



Portanto, a presença do Museu do Homem do Curimataú na cidade de Cuité, contribui para a formação da identidade cultural da cidade compreendendo um discurso através dos objetos expostos e a partir das práticas culturais que são realizadas no espaço do museu.

O museu enquanto patrimônio histórico e cultural propõe a reflexão sobre as mudanças sociais que levaram aquele espaço utilizado como clube haver sido abandonado e resgatado para salvaguardar a memória da cidade, além disso, sua exposição desperta para diversas

questões que geram a curiosidade dos visitantes a conhecerem e se reconhecerem na história. A memória de cada um é rica e pode contribuir para sabermos mais sobre o nosso lugar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. VASCONCELLOS, Camilo de Mello. *Por que visitar museus*. IN: BITTENCOURT, Circe. (org.) O saber histórico na sala de aula. 11ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006, p. 104 -116.

ARAÚJO, Israel da Silva. *Memórias em discurso: construção e práticas dos espaços de namoro no município de Cuité-PB (década de 1970)*. 2009. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em História) – Centro de educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.

FONSÊCA JÚNIOR, Demócrito Humberto da. *A lenda do Olho d'Água*. Mundo Criança. Cuité: Escola “O Pequeno Doutor”, publicação abril/maio, 1994.

CHOAY, Françoise. Introdução. IN: *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora UNESP, 2001, p. 11-29.

GOMES, Maria Verônica de Azevedo. *Alterações espaciais e novas relações: influências e transformações do/no espaço urbano de Cuité-PB*. Campina Grande, 2011. 53. Trabalho Acadêmico Orientado. Curso de Licenciatura Plena em Geografia. UEPB/ CEDUC/DG.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006, p. 29-70.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002, p. 102.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. *A memória pública: os lugares de memória*. IN: Memória, patrimônio e identidade. Boletim 04, Abril de 2005. TV Escola. Ministério da Educação.

KESSEL, Zilda. *Memória e memória coletiva*. Disponível em <http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf> Acesso em: 03 de junho de 2016.

MOTT, Luiz. *Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu*. In: NOVAIS, Fernando (org.). História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida na América Portuguesa. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 155-220.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. IN: Projeto História, São Paulo, 1993, p. 7-28.

ORIÁ, Ricardo. *Memória e ensino de história*. IN: BITTENCOURT, Circe. O saber histórico na sala de aula. 11ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006, p. 128-148.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. *Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154, 2010.

PEREIRA, José Sobrinho. *Cuité em Detalhes*. Edição Particular, 2008.

3º Momento

Política e educação

Tópicos históricos sobre a política de Cuité: “mapas”, atos e fatos

Eliel Ferreira Soares²

Falar de política não é nada fácil, porém a proposta aqui é fazer um pequeno mapeamento de alguns atos e fatos sobre a história política de Cuité; uns já disponíveis em livros, outros ainda apenas na cultura oral.

Antes de mais nada, política é um produto social, um costume que permeia as comunidades desde muito tempo. A palavra política deriva de *polis* – cidade, em Grego. Seu significado original refere-se à cidade, ou seja, aos assuntos urbanos, civis e públicos. Por séculos a palavra designou o estudo das atividades referentes à esfera do Estado.

Na época moderna, a área de estudos que envolve esse conhecimento passou a ser a das ciências políticas. Política, especificamente, designa as atividades ligadas à organização, direção e administração das coisas públicas. Na sociedade contemporânea praticamente não houve modificações a cerca desse conceito, as mudanças vieram, como se é sabido, a partir do desvirtuamento de tal conceito, mácula produto das já clássicas práticas ilícitas ou antiéticas atribuídas comumente aos agentes políticos, seja em razão dos meios pelos quais se utilizam para conseguirem seus cargos, por exemplo, ou pelo não cumprimento dos deveres atribuídos ao mesmo, bem como das promessas feitas durante a campanha.

A política é indispensável para a vida em sociedade, são os processos, as regras e os costumes que estão verdadeiramente em jogo. Para alguns, pode ser a forma pela qual pode-se partir de uma vida restrita para um mundo de vantagens, luxo e mordomia; um caminho muitas vezes irresistível. Para outros, no entanto, é a oportunidade de servir aos interesses comuns, de se responsabilizar pelo cumprimento

2 - Possui graduação em História pela Universidade Federal de Campina Grande (2007), pesquisador da história cuitense, ativista cultural e divulgador das obras do grande poeta cuitense Dinamérico Soares. Colaborou na criação da lei de comemoração da fundação de Cuité, foi o idealizador do projeto da *Cápsula do Tempo de Cuité (2018-2068)* – mais detalhes no Tópico 14 deste livro – e, atualmente, é sócio-colaborador do Centro Cultural Casa de Farinha das Moças. É também professor na rede municipal de ensino do município de Cuité-PB.

to da gestão pública ou das regras que a permeiam e pela viabilização da resolução de problemas da esfera a qual representa, observando os princípios éticos, morais e humanos. Por isso, não confundamos política com politicagem, esse último está mais para a “arte” de dar golpes baixos, de jogar sujo e de priorizar os interesses particulares em detrimento dos interesses coletivos, como sugere Silva:

Na política todos querem ser o melhor. E para isso eles mentem e manipulam as pessoas, agindo de má fé com elas. Acontece em praça pública, quando colocam os podres até da família do político adverso e quando tudo passa, ficam até inimigos. (SILVA, 2015, p. 187-188).

Mas, independente disso, vemos como de fundamental importância o estudo da política de uma região, e, nesse sentido, o faremos aqui para resgatar e divulgar as histórias que transformaram a nossa cidade.

O texto a seguir foi resultado de uma pesquisa com alguns atores da política cuitense e os dados oficiais foram extraídos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Esta escrita se propõe a fazer um delinear descritivo sobre as campanhas políticas de Cuité e apresentar resultados e curiosidades ao longo dos pleitos. Muitas das histórias que aqui serão contadas foram ditas apenas em rodas de conversas, as quais precisam ser recontadas ou formalizadas, por isso, essa história aqui também será contada assim, como se estivéssemos em uma roda de conversa (cultura ainda bastante viva no nosso cotidiano). E, para ilustrar essa “conversa”, seguem também fotos, trechos de músicas e outros registros que nos permita recordar e compreender melhor essa parte fundamental da nossa história.

História política de Cuité: da emancipação aos nossos dias

Em 25 de janeiro de 1937, Cuité conquista a sua emancipação política. No mesmo ano, meses mais tarde, em 10 de novembro, Getúlio Vargas dá um golpe e implanta o Estado Novo. Autoritarismo, centralismo e corporativismo são as características desse regime. Seu

pretexto é um documento falso veiculado nos jornais contendo um plano do partido comunista para tomar o poder, o Plano Cohen². A quarta Constituição é outorgada, o congresso é fechado e são abolidos os partidos políticos e suspensas as eleições.

Durante um período de dez anos, de 1937 a 1947, quatorze prefeitos administraram Cuité. Todos foram nomeados pelos interventores federais de nosso Estado da época.

Pedro Viana da Costa foi o primeiro prefeito do nosso município, ficando no cargo pouco mais de seis meses, seguido por **João Venâncio da Fonseca**, que ficou no cargo até agosto de 1939.

Em 22 de agosto de 1939, Argemiro de Figueiredo, interventor federal do Estado, nomeou o senhor **Jeremias Venâncio dos Santos** para o cargo de prefeito, cargo que exerceu até 16 de fevereiro de 1940, quando foi exonerado. Nessa mesma data, assume o poder municipal o senhor **Rivaldo Silvério da Fonseca**, que mantém-se no cargo até o dia 06 de agosto de 1940. Com a saída de Argemiro de Figueiredo, assume o Estado Dr. Ruy Carneiro, onde em um período de sete anos (1940-1947) tem-se a nomeação de dez prefeitos para administrar o município de Cuité:

Hercílio Rodrigues de Oliveira - 1940

Francisco Lucas de Sousa Rangel - 1940 a 1942

Antônio Neves Farias - 1942

Estácio Tavares Wanderley - 1942 a 1943

Antônio Coutinho - 1943 a 1944

Adauto Soares - 1944 a 1945

Antônio Pessoa - 1945

Humberto Rio Branco da Silva - 1945

Benedito Venâncio dos Santos - 1945 a 1946

Pedro Bento de Lima - 1947

Esse último exerceu o cargo de 12 de março de 1947 a 13 de novembro do mesmo ano. Foi Pedro Bento de Lima quem repassou o cargo ao primeiro prefeito eleito do nosso município, o senhor **Basílio Magno da Fonseca**.

2 - O Plano Cohen foi um documento escrito pelo capitão integralista Olímpio Mourão Filho (na época membro do serviço secreto), com a intenção de simular, para efeito de estudo, uma revolução comunista no Brasil.

Pedro Viana da
Costa - 1º prefeito
nomeado de Cuité
(1937).



Fotos do acervo do MHC



Basílio Magno da
Fonseca - 1º prefeito
eleito de Cuité
(1947).

A seguir, confira os dados das campanhas eleitorais em Cuité, desde 1947. As informações aqui organizadas foram coletadas no site do TSE e são públicas.

TABELA 1: HISTÓRICO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE CUITÉ DE 1947 A 2016

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
1947*	Basílio Magno da Fonseca	UDN	1.386	69,44%	776 VOTOS	ELEITO
	João Teodósio da Silva Coelho	PSD	610	30,56%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	0	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	0	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	1996	-	-	-
	ELEITORADO	-	-	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	-	-	-	-
1951*	Pedro Simões Fernandes Pimenta	PSD	1.498	53,31%	186 VOTOS	ELEITO
	Orlando Venâncio dos Santos	UDN	1.312	46,69%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	46	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	23	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	2.879	-	-	-
	ELEITORADO	-	4.094	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	1.215	29,68%	-	-

* Os vice-prefeiros eram votados separadamente nas eleições de 1947 a 1963. Veja na Tabela 2 os dados sobre essas eleições e a lista dos candidatos.

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
1955*	Orlando Venâncio dos Santos	Sem dados na fonte	1.543	49,27%	3 VOTOS	ELEITO
	José Pereira da Costa	Sem dados na fonte	1.540	49,17%	-	-
	Albino Cabral de Vasconcelos	Sem dados na fonte	49	1,56%	-	-
	TOTAL APURADOS	-	3.132	-	-	-
	ELEITORADO	-	4.781	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	1.649	34,49%	-	-
1959*	Jaime da Costa Pereira	PSD	1.000	52,19%	84 VOTOS	ELEITO
	Felipe da Silva Coelho	PTB	916	47,81%	-	-
	TOTAL APURADOS	-	1.916	-	-	-
	ELEITORADO	-	3.817	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	1.901	49,80%	-	-
1963*	Cláudio Gervásio Furtado	PTB	1.512	52,07%	120 VOTOS	ELEITO
	José Ernesto dos Santos	PDC	1.392	47,93%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	66	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	67	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	3.037	-	-	-
	ELEITORADO	-	3.220	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	183	5,68%	-	-
1968	Neuza Bezerra dos Santos e Cícero Pereira da Silva (<i>vice</i>)	MDB	2.587	54,58%	434 VOTOS	ELEITA
	Jaime da Costa Pereira e Antônio Genildo Furtado (<i>Tonheca - vice-prefeitos</i>)	ARENA	2.153	45,42%	-	-
	TOTAL APURADOS	-	4.740	-	-	-
	ELEITORADO	-	5.853	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	1.113	19,02%	-	-

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
1972	Cláudio Gervásio Furtado Gentil Venâncio Palmeira (vice)	MDB I	1.891	38,51%	110 VOTOS	ELEITO
	Antônio Medeiros Dantas (Dr. Medeiros) Jovino Pereira da Costa (vice)	ARE- NA I	1.607	32,73%	-	-
	Jaime da Costa Pereira Benjamim Medeiros (vice)	ARENA II	793	16,15%	-	-
	Cícero Pereira da Silva (Cícero do Melo) Abel Antunes de Lima (vice)	MDB II	619	12,61%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	17	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	65	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	4.992	-	-	-
	ELEITORADO	-	6.179	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	1.187	19,21%	-	-
1976*	Antônio Medeiros Dantas (Dr. Medeiros) Enoque Medeiros (vice)	ARENA	3.954	59,02%	1.209 VOTOS	ELEITO
	Neuza Bezerra dos Santos Cícero Pereira da Silva (vice)*	MDB I	2.134	31,86%	-	-
	Creusa Santos Venâncio Cícero Pereira da Silva (vice)*	MDB III	315	4,7 %	-	-
	Gentil Venâncio Palmeira Cícero Pereira da Silva (vice)*	MDB II	296	4,42%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	38	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	52	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	6.789	-	-	-
	ELEITORADO	-	7.687	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	898	11,68%	-	-

*Notem que na eleição de 1976, Cícero Pereira da Silva era o único candidato a vice-prefeito. Ou seja, ele fazia parte das três chapas que disputavam a prefeitura de Cuité

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
1982	Jaime da Costa Pereira Filho (<i>Dr. Jaime</i>) e Rafael Martins de Medeiros (<i>vice</i>)	PDS	4.381	58,81%	1.313 VOTOS	ELEITO
	Cláudio Gervásio Furtado e Neuza Bezerra dos Santos (<i>vice</i>)	PMDB	3.068	41,19%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	157	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	264	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	7.870	-	-	-
	ELEITORADO	-	9.605	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	1.735	18,06%	-	-
1988	Cícero Cândido da Silva Genilson Lucas de Lucena (<i>vice</i>)	PFL	4.711	52,02%	494 VOTOS	ELEITO
	Oswaldo Venâncio dos Santos (<i>Firú</i>) e Nilda da Rocha Dantas (<i>D. Nilda</i>)	PMDB	4.217	46,56%	-	-
	Jeconias Batista da Silva e Geovane José Machado (<i>vice</i>)	PT	129	1,42%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	1.216	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	153	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	10.426	-	-	-
	ELEITORADO	-	11.361	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	935	8,23%	-	-
1992	Antônio Medeiros Dantas (<i>Dr. Medeiros</i>) Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (<i>Bado - vice</i>)	PMDB	5.651	50,42%	186 VOTOS	ELEITO
	Jaime da Costa Pereira Filho (<i>Dr. Jaime</i>) Willy Pessoa Rodrigues (<i>vice</i>)	PFL	5.465	48,76%	-	-
	Charliton José dos Santos Machado (<i>Charlinho</i>) Maria Nivaldete de Lima (<i>vice</i>)	PT	91	0,81%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	291	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	141	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	11.639	-	-	-
	ELEITORADO	-	13.764	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	2.125	15,44%	-	-

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
1996	Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (<i>Bado</i>) e Carlos Antônio da Rocha Cândido (<i>Dr. Carlito - vice</i>)	PMDB	5.869	57,51%	1.533 VOTOS	ELEITO
	Tarcísio Ferreira Dantas (<i>Mistura</i>) e Antônio Olivaldo de Farias (<i>Antônio de João Vino</i>)	PFL	4.336	42,49%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	174	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	371	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	10.750	-	-	-
	ELEITORADO	-	13.699	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	2.949	21,53%	-	-
2000	Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (<i>Bado</i>) e Antônio Medeiros Dantas (<i>Dr. Medeiros - vice</i>)	PMDB/ PSDB	6.323	59,15%	1.957 VOTOS	ELEITO
	Jaime da Costa Pereira Filho (<i>Dr. Jaime</i>) e Carlos Bezerra Cavalcanti (<i>vice</i>)	PFL/PT	4.366	40,85%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	133	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	556	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	11.378	-	-	-
	ELEITORADO	-	14.149	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	2.771	19,58%	-	-
2004	Antônio Medeiros Dantas (<i>Dr. Medeiros</i>) e Fabiano Valério de Farias Fonseca (<i>vice</i>)	PMDB	6.255	56,22%	1.384 VOTOS	ELEITO
	Jaime da Costa Pereira Filho (<i>Dr. Jaime</i>) e Damião Henriques da Silva (<i>vice</i>)	PFL/PL/ PSDB/ PT/PTB	4.871	43,78%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	122	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	623	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	11.871	-	-	-

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
2004	ELEITORADO	-	14.667	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	2.796	19,06%	-	-
2008	Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio e Júlio César da Silva Costa (Dr. <i>Júlio César</i> - vice)	PSB/PP/ PMDB	6.235	54,93%	1.119 VOTOS	ELEITA
	Pérciles Venâncio dos Santos e Pedro Henriques da Silva Júnior (vice)	PT/ PRB/ PTB/ DEM	5.116	45,07%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	169	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	680	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	12.200	-	-	-
	ELEITORADO	-	15.246	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	3.046	19,98%	-	-
2012	Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio e Júlio César da Silva Costa (Dr. <i>Júlio César</i> - vice)	PR/PT/ PSL/PP/ PMDB	7.124	57,91%	1.946 VOTOS	ELEITA
	Tárcio Handel da Silva Pessoa Rodrigues e Diego Furtado Fialho Cândido (vice)	PSD/ PT/ PTB/ PSDB/ PSB/ PDT/ DEM/ PPS	5.178	42,09%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	184	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	530	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	13.016	-	-	-
	ELEITORADO	-	16.351	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	3.335	20,40%	-	-

Continua na próxima página.

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
2016	Charles Cristiano Inácio da Silva (<i>Charles Camaraense</i>) e Eliú Javá Silva Santos Furtado (<i>Eliú Pessoa - vice</i>)	DEM/PT do B/PP/PDT/PT/PSL/ PR/ PEN/PPS	6.887	51,97%	522 VOTOS	ELEITO
	Fabiano Valério de Farias Fonseca e Vanderlânea de Macêdo Santos (<i>Lena de Bamba - vice</i>)	PSD/PRB/ PTB/PMDB/ PSC/PSDB	6.365	48,03%	-	-
	VOTOS BRANCOS	-	141	-	-	-
	VOTOS NULOS	-	529	-	-	-
	TOTAL APURADOS	-	13.922	-	-	-
	ELEITORADO	-	17.013	-	-	-
	ABSTENÇÃO	-	3.091	-	-	-

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral - TSE. Disponível em: <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>.

TABELA 2: VICE-PREFEITOS DE CUITÉ DE 1947 A 1963 (PERÍODO EM QUE O VOTO ERA DESVINCULADO)

ANO	CANDIDATO	PARTIDO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS (%)	MAIORIA	SITUAÇÃO
1947	LUÍS INÁCIO DA SILVA	UDN	1.388	69,75%	786 votos	Eleito
	JOSÉ BERNARDO DE MEDEIROS	PSD	602	30,25%	-	-
1951	JOSÉ FIRMINO SOUTO	UDN	1.426	51,67%	92 votos	Eleito
	FRANCISCO ESTEVÃO DE ANDRADE	PSD	1.334	48,33%	-	-
1955	JOÃO CASADO DE ALMEIDA	Sem informação na fonte	1.504	49,23%	54 votos	Eleito
	ANTÔNIO INÁCIO DA SILVA	Sem informação na fonte	1.450	47,46%	-	-
	ELPÍDIO SABINO DE OLIVEIRA	Sem informação na fonte	101	3,31%	-	-
1959	ÁLVARO FURTADO COELHO	PSD	950	50,61%	23 votos	Eleito
	GENTIL VENÂNCIO PALMEIRA	PTB	927	49,39%	-	-
1963	GENTIL VENÂNCIO PALMEIRA	PTB	1.431	50,11%	6 votos	Eleito
	HUMBERTO RIO BRANCO HENRIQUE DA SILVA	PDC	1.425	49,89%	-	-

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral - TSE. Disponível em: <http://divulga.tse.jus.br/oficial/index.html>.



Campanha para prefeito em 1959.

Felipe da Silva Coelho e

Gentil Venâncio Palmeira.

Acervo pessoal de Dulce de Medeiros Furtado.



Campanha para Prefeito em 1959.

Jaime da Costa Pereira e

Álvaro Furtado Coelho.

Acervo pessoal de Maria do Socorro Furtado Coelho.

TABELA 3: HISTÓRICO DE CANDIDATOS CUITEENSES (ELEITOS E NÃO ELEITOS) PARA O LEGISLATIVO ESTADUAL

ANO	CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO EM CUIITÉ/ PERCENTUAL		VOTAÇÃO NO ESTADO/ PERCENTUAL		SITUAÇÃO
1950	Rivaldo Silvério da Fonseca	UDN	1.539	47,11%	1.881	0,74%	NÃO ELEITO
1958	José Pereira da Costa	PSD	1.436	46,16%	3.519	1,41%	ELEITO
	Orlando Venâncio dos Santos	PSP	1.017	32,69%	1.192	0,48%	NÃO ELEITO
1962	José Pereira da Costa	PDC	1.346	38,09%	3.691	1,28%	ELEITO
	Orlando Venâncio dos Santos	PTB	1.604	45,39%	2.098	0,73%	SUPLENTE
1966	José Pereira da Costa	ARENA I	2.656	46,01%	6.295	1,69%	ELEITO
	Orlando Venâncio dos Santos	MDB	2.102	36,41%	3.052	0,82%	NÃO ELEITO

Continua na próxima página.

ANO	CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGA- ÇÃO	VOTAÇÃO EM CITÉ/PERCENTUAL		VOTAÇÃO NO ESTADO/ PERCENTUAL		SITUAÇÃO
1970	José Pereira da Costa	ARENA	*	*	5.665	1,45%	SUPLENTE
	Oswaldo Venâncio dos Santos (<i>Firú</i>)	MDB	*	*	4.900	1,25%	NÃO ELEITO
	Juliano Ferreira da Silva	ARENA	25	*	*	*	SUPLENTE
1974	Oswaldo Venâncio dos Santos (<i>Firú</i>)	MDB	3.656	45,5%	6.626	1,37%	SUPLENTE
	Juliano Ferreira da Silva	ARENA	177	2,2%	4.837	1%	SUPLENTE
1978	Oswaldo Venâncio dos Santos (<i>Firú</i>)	MDB	2.642	43,3%	6.538	1,03%	SUPLENTE
1986	Antônio Medeiros Dan- tas (<i>Dr. Medeiros</i>)	PMDB	4.611	64,69%	11.292	1,29%	ELEITO
	Geraldo Simões Pimenta	PRP	1.084	15,21%	1.848	0,21%	SUPLENTE
	Milton de Sousa Ve- nâncio	PMDB	205	2,88%	2.284	0,26%	SUPLENTE
1994	Carlos Bezerra Caval- canti;	PSB/ PSTU/ PT/PC do B/PV	2.221	31,92%	5.173	0,5%	SUPLENTE
1998	Carlos Bezerra Caval- canti	PT	1.786	22,15%	4.865	0,38%	SUPLENTE
2002	Jaime da Costa Pereira Filho (<i>Dr. Jaime</i>)	PDT/ PTB	4.702	45,86%	11.075	0,64%	SUPLENTE
2006	Oswaldo Venâncio dos Santos Filho (<i>Bado</i>)	PMDB/ PRB	5.793	51,73%	18.083	0,92%	SUPLENTE
2010	Oswaldo Venâncio dos Santos Filho (<i>Bado</i>)	PR/PSL	6.540	58,65%	17.746	0,89%	SUPLENTE
	Toinho Santana	PSDC/ PT/ PRB/ PC do B	419	3,76%	772	0,04%	SUPLENTE
2014	Charles Cristiano Inácio da Silva (<i>Charles Cama- raense</i>)	PC do B/ PV/PHS/ PSL/ PPL	4.673	41,24%	12.157	0,60%	SUPLENTE
2018	Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio	PATRIOTA	5.230	41,81%	12.842	0,63%	SUPLENTE
	Ísis Rafaela Rodrigues da Silva (<i>Rafaela Camara- ense</i>)	REDE/ PPS/ DEM/ PMN	5.465	43,69%	16.408	0,80%	SUPLENTE

* Dados não disponíveis na fonte.

- A campanha de 1947, que elegeu o Sr. Basílio Magno da Fonseca a prefeito, o conduziu ao cargo com o **maior percentual de votos proporcional ao número de eleitores da história de Cuité**, atingindo o total de 69,44% dos votos válidos. Seu opositor, João Teodósio da Silva Coelho (João Dósio), ficou com 30,56% dos votos.
- O candidato a prefeito que teve a **menor votação de nossa história política** foi Albino Cabral de Vasconcelos, nas eleições de 1955. Ele obteve 49 votos, somando apenas 1,56% do total dos votos válidos do referido pleito.
- A **menor diferença de votos entre dois candidatos** foi na disputa entre Dr. Orlando Venâncio dos Santos e Dr. José Pereira da Costa. Orlando Venâncio venceu as eleições de 1955, para prefeito, por apenas três sufrágios.
- Entre 1947 e 1963, o **voto para vice-prefeito era “desvinculado”**, ou seja, as chapas não eram pré-definidas com os candidatos a prefeito e vice juntos. Os partidos podiam lançar candidaturas separadas para colocar representantes na disputa para os dois cargos, porém havia a possibilidade de se eleger o prefeito de um partido e o vice do outro, embora isso não tenha acontecido na nossa cidade.
- Em algumas das eleições desvinculadas, o **candidato a vice obteve mais votos do que o candidato a prefeito**. Vejam os resultados. Nas eleições de 1947, o vice do Sr. Basílio Fonseca obteve dois votos a mais que o seu companheiro de partido, Luiz Inácio (foram 1.386 votos contra 1.388 votos). Já nas eleições de 1955, Albino Cabral de Vasconcelos obteve 49 votos, enquanto seu vice, Elpídio Sabino de Oliveira, conseguiu 101 votos, ou seja, mais que o dobro. O Sr. Albino Cabral era do distrito de Barra de Santa Rosa e o Sr. Elpídio Sabino era do Distrito de Nova Floresta, na época pertenciam ambos a Cuité.
- A **maior abstenção de eleitores da história política de Cuité** se deu nas eleições de 1959, onde 49,8% dos eleitores deixaram de comparecer às urnas. Ou seja, em um eleitorado de 3.817 eleitores, votaram apenas 1.916. Deixaram de votar 1.901 eleitores.

- A **menor abstenção de eleitores** ocorreu nas eleições de 1963: apenas 5,68% dos eleitores ficaram sem votar. Ou seja, em um universo de 3.220 eleitores, apenas 183 eleitores não votaram.
- Outro fato entre essas eleições, 1959 e 1963, é que houve um **decréscimo no eleitorado do município** em 597 eleitores. Essa foi a única vez em nossa história política que houve tal fato.
- O ex-prefeito, Antônio Medeiros Dantas (*Dr. Medeiros*) administrou Cuité de 1977 a 1982, de 1993 a 1996 e de 2005 a 2008, somados os três mandatos foram 14 anos de administração.
- Dr. Genilson Lucas de Lucena foi o **vice-prefeito que assumiu a prefeitura por mais tempo**, num total de seis meses (08/07 a 31/12/1992), quando o então prefeito, Dr. Cícero Cândido da Silva, renunciou ao cargo para assumir a Promotoria de Justiça na cidade de Boqueirão-PB.
- O Sr. Gentil Palmeira e o Dr. Júlio Cesar Costa foram os **únicos políticos a ocupar o cargo de vice-prefeito por duas vezes**. Gentil Palmeira nas gestões do prefeito Cláudio Gervásio Furtado (1964-1968 e 1973-1976) e Dr. Júlio Cesar nas gestões de Euda Fabiana (2009-2012 e 2013-2016).
- A senhora Neuza Bezerra, quando assumiu o cargo de prefeita de Cuité, em 31 de janeiro de 1969, tinha 29 anos de idade, sendo em nossa história política a **pessoa mais jovem a ocupar o Executivo Municipal**.
- Durante muitos anos, existiram **três algarobas para simbolizar os três votos** da vitória de Orlando Venâncio sobre Zé Pereira; as três algarobas ficavam em um anexo da Praça Cláudio Gervásio Furtado.
- O **último prefeito nomeado de Cuité** foi o Sr. Pedro Bento de Lima. Nomeado pelo governador Osvaldo Trigueiro em 12 de março de 1947. O mesmo permaneceu no cargo até 14 de novembro do corrente ano, quando o Sr. Basílio Magno da Fonseca toma posse como **primeiro prefeito eleito pelo voto direto** dos cuitienses.
- Antônio Medeiros Dantas foi o **único prefeito a terminar o mandato sem o vice**; Enoque Medeiros faleceu, vítima de um acidente automobilístico em 16 de junho de 1981, no interior do Estado de São Paulo.

- A maioria de 1.957 votos, de Bado sobre Dr. Jaime, é considerada **numericamente a maior diferença de votos nas campanhas à prefeitura**, mas isso não significa que foi a mais folgada; a vantagem numérica não é superior à vantagem proporcional. Em **termos proporcionais, a maior diferença de votos para prefeito** ocorreu em 1947, na primeira eleição direta para o cargo em nosso município. Seguem os dados. Em 2000, Bado obteve 59,15% e Dr. Jaime 40,85%, uma diferença de 18,30% de maioria; e em 1947, Basílio Fonseca obteve 69,44% contra 30,56% de João Dósio, ou seja, uma diferença de 38,88%.
- Um fato chama a atenção nas eleições de 1955 em Cuité, foi o resultado das urnas para governador do Estado, concorreram, nesse ano, o empresário Flávio Ribeiro Coutinho, pela UDN, e Renato Teixeira Bastos, pelo PST. Nessa eleição foi constatada a **maior disparidade votacional** de um candidato sobre o seu adversário na história das eleições em Cuité (até 2018). Vejam os resultados. Flávio Ribeiro Coutinho obteve 2.538 votos, representando 99,92% dos votos válidos daquela eleição, e Renato Teixeira Bastos obteve dois votos, ou seja, 0,08%. Resta saber quem foram os dois únicos cuitenses que votaram em Renato Teixeira Bastos.
- Em 1947, o número de eleitores foi igual ao número de votantes, não havendo assim **nenhuma abstenção** nessa eleição. Ou seja, os 1.996 eleitores registrados compareceram às urnas. Também nessa eleição, o número de **votos brancos e nulos foi de 0%**.
- Em 01 de janeiro de 2005, quando assumiu o seu terceiro mandato de prefeito, Dr. Medeiros tinha 71 anos 11 meses e 9 dias, sendo o **mais idoso a assumir a prefeitura de nossa cidade**.
- A eleição que teve o **maior índice de votos brancos** foi a de 1988, quando disputou Cícero Cândido (PFL) e Osvaldo Venâncio dos Santos (PMDB). O número de votos brancos foi de 1.216 em um total apurado de 10.426 votantes.
- A eleição que teve o **menor número de votos brancos** foi em 1972, onde disputaram quatro candidatos, Cláudio Furtado (MDB I), Antônio Medeiros Dantas (ARENA I), Jaime da Costa Pereira (ARENA II) e Cícero Pereira (MDB II). Foram apenas

17 votos brancos, em um total apurado de 4.992 votantes. Esta eleição foi também a que teve o **maior número de candidatos** a prefeito num total de quatro.

- A eleição que teve o **maior número de votos nulos** foi a de 2008, disputada entre Euda Fabiana e Péricles Venâncio. Foram 680 votos anulados em um total apurado de 12.200 votantes.
- A eleição que teve o **menor índice de votos nulos** foi a de 1951, entre Pedro Simões e Orlando Venâncio, apenas 23 eleitores anularam o voto em um total apurado de 2.879 votantes.

Voto a voto, até o último instante, o ano de 1955 estava marcado como palco da grande disputa eleitoral da nossa história. Os concorrentes na ocasião: o jovem advogado, Orlando Venâncio dos Santos (29 anos) e o médico, José Pereira da Costa (31 anos), ambos iniciantes na vida política de nossa cidade.

Os dois travaram além de uma disputa voto a voto, uma guerra de nervos, não só para eles, mas para todos os cuiteenses que acompanhavam a tensa apuração, que só veio a se concluir nos últimos cinco votos restantes. Ainda assim, nestes cinco últimos votos, dois deles foram para uma terceira chapa encabeçada pelo Sr. Albino Cabral de Vasconcelos, que ao final da disputa entrou para a história de Cuité como o candidato a prefeito menos votado, com apenas 49 votos. Porém, finalmente, os três votos que sobraram na urna foram para Dr. Orlando Venâncio.

Essa disputa mexeu com os ânimos dos correligionários do Dr. José Pereira, porque perder por três votos é muito angustiante, só seria pior perder por dois ou simplesmente por um voto. Caso tivesse sido empate, o Dr. José Pereira venceria por ser o mais velho dos candidatos.

No entanto, esses três votos que parecem ter custado caro ao Dr. Zé Pereira, talvez tenham pesado ainda mais nas três campanhas mais tarde na vida política do Dr. Orlando, que foi derrotado pelo Dr. Zé Pereira nas três campanhas para deputado estadual seguintes (1958, 1962 e 1966).

O Dr. Orlando faleceu em 06 de outubro de 1988, aos 62 anos de idade, em Natal-RN. Já o Dr. José Pereira, atualmente

(2018) com 94 anos de idade, é o político vivo mais velho da história de Cuité, reside em João Pessoa com sua esposa.

As saudosas campanhas eleitorais de Cuité

Descrever as campanhas eleitorais em Cuité é reviver momentos marcantes da nossa história política. Campanhas essas que ficaram marcadas em nossa memória e em nossos corações.

Quando nos vem à lembrança as grandes passeatas que varavam as madrugadas pelas ruas de nossa cidade, os comícios, os discursos poéticos de Osvaldo Venâncio (*Firú*) e Ronaldo Cunha Lima, a oratória de Dr. Orlando Venâncio e de pronunciamentos memoráveis como o de Raymundo Asfora, quando candidato a vice-governador, em campanha em nossa cidade, no ano de 1982.

Quem não lembra dos locutores Natanael e seu vozeirão – “PMDB a chama viva da democracia”, e Jovino Ferreira com sua risadinha e seu bordão: “Aperte o botão quem sofrer do coração”.

As passeatas da campanha de Osvaldo Venâncio, em 1988, com Cacá animando o povão: “H-2-U, a patativa é FIRÚ”, e a música que caiu na boca do povo como uma das mais conhecidas de nossa história política.

Vote Oswaldo!

*Tá na hora, tá na hora
Tá na hora de votar
Vote em oswaldo venâncio
Porque é quem vai ganhar
Dá um risquinho para frente
Dá um risquinho prá trás
Vote em oswaldo venâncio
O melhor que você faz*

[Música da Xuxa adaptada para a campanha de 1988.]



Santinho da campanha de Osvaldo Venâncio e Dona Nilda. Imagem do acervo pessoal de Lília Miriana Venâncio dos Santos.

Certa vez, em um dos comícios de campanha para prefeito (1988), Osvaldo discursava, quando alguém na multidão gritou: “Firú, faça poesia!”. Osvaldo em um momento de inspiração espontânea, disse sem pestanejar:

*“Eu sei lá fazer poesia!
A lua contempla a noite
E a noite tá muito fria
Vamos agora à passeata até
amanhecer o dia!”*

As disputas eleitorais em Cuité foram marcadas algumas vezes por ânimos acirrados entre os candidatos; outras, no entanto, foram bem tranquilas, como lembra o Sr. Gentil Palmeira: *“Eu posso afirmar que a campanha mais tranquila de nossa cidade foi a de 1963, entre Cláudio Furtado e Zé Ernesto. Eu fui o vice de Cláudio. Vencemos as eleições e o cumprimento mais sincero que eu vi foi justamente o de Zé Ernesto, até porque não nos considerávamos adversários, pois eu, Cláudio, Zé Ernesto e Humberto Silva éramos muito amigos”*².



Cláudio Furtado e Gentil Palmeira. Eleitos na Campanha de 1963. Acervo: Dulce de Medeiros Furtado.

Na campanha de 1968 para prefeito, disputada por Jaime Pereira e Neuza Bezerra, quem viveu àquela época com certeza lembra da famosa “Rajadinha”: o carro de som oficial da campanha de seu Jaime e Tonheca. Em sua lataria podia-se observar frases e símbolos da campanha. Revezavam-se na locução, Lulinha Furtado e Teia de Benedito Alves; o motorista era Seu Vivaldo Marcelino (Dourado).

² Gentil Venâncio Palmeira, em entrevista concedida ao autor do texto, Eliel Soares, em outubro de 2015.

A Rajadinha fez o seu papel, mas a campanha foi de Dona Neuza, ela venceu o Sr. Jaime Pereira por 434 votos, em uma das vitórias mais bonitas que Cuité presenciou.



A "Rajadinha", carro utilizado na campanha do Sr. Jaime Pereira, em 1968. Foto do acervo pessoal de Livramento Silva.

Em 1982, a disputa foi entre Cláudio Furtado (que tentava o seu terceiro mandato para prefeito) e o Dr. Jaime Filho, jovem médico iniciando na vida política. A campanha foi marcada por um refrão musical, que caiu na graça do povo e fez crescer ainda mais a candidatura do Dr. Jaime; todos cantavam assim:

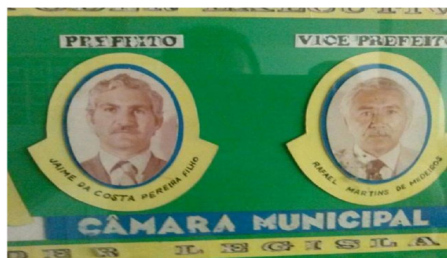
*"Piriri, Piriri, Piriri
canta o povo em passeata
Piriri, Piriri, Piriri
é o doutor
ninguém empata"*

Dr. Jaime foi eleito com uma das mais expressivas maiorias. A campanha de Cláudio Furtado abrilhantada por Agostinho Ribeiro, foi também muito animada, mas sem êxito de vitória.

Dr. Jaime Filho

Jaime da Costa Pereira Filho, nasceu no Sítio Imbé, município de Cuité, em 18 de novembro de 1949. Formou-se em Medicina pela UFPB (João Pessoa-PB) em 1975. No ano seguinte, começou a atuar como médico em nossa região, atendendo as cidades de Picuí e Cuité. Sua dedicação ao trabalho logo lhe rendeu grande reconhecimento e, em 1982, ele entrou para a vida pública, candidatando-se a prefeito de nossa cidade, sendo eleito com larga vantagem sobre seu adversário, o Sr. Cláudio Gervásio Furtado, como vimos anteriormente.

Ele governou Cuité de 1983 a 1988; foram seis anos de administração. Sem dúvida, uma das melhores gestões que Cuité vivenciou. Um dos marcos deixados por ele foi a construção do “nome Cuité”, visto a cerca de 20 km de distância no sentido de quem vem do município de Barra de Santa Rosa. Uma ideia do próprio Dr. Jaime que se tornou um símbolo de nossa cidade.



Acima: Foto do painel da Câmara com Dr. Jaime e Sr. Rafael – eleitos em 1982. Acervo: Câmara Municipal de Cuité. Ao lado: Santinho da campanha de Dr. Jaime Filho. Acervo: Museu do Homem do Curimataú.



Outro marco de sua administração foi a construção da ETAC - Escola Técnica Agrícola Dr. Raimundo Asfora. Também fez o resgate da filarmônica municipal, já então esquecida há muitos anos, também fez a aquisição de terrenos para a prefeitura municipal nas localidades que hoje correspondem aos bairros Antônio Mariz (Tambor), Novo Retiro, Bairro da Saudade, Humberto Lucena e Ulisses Guimarães. Foi de sua administração a instalação da telefonia nos distritos de Sossego e Melo e de várias localidades da zona rural de Cuité, como Jacú, Curral do Meio, Catolé, Caiçara e Bujari. Essas e tantas outras obras das quais os cuitenses se orgulham até hoje.

Foi realmente monumental a folha de serviços prestados por Dr. Jaime em nossa cidade. Se fôssemos citar a sua obra autêntica gastaríamos muitas e muitas linhas, mas de maneira geral os moradores de nossa Cuité ficaram muito satisfeitos com o seu ideal altruísta e batalhador, que fez com que o Dr. Jaiminho conseguisse eleger o seu sucessor: Dr. Cícero Cândido da Silva.

Dr. Medeiros

Antônio Medeiros Dantas nasceu no sítio Canoas, município de Picuí-PB, em 22 de janeiro de 1933. Descende de uma tradicional família da região do Seridó; o mesmo pertence à 10ª linhagem familiar de Caetano Dantas, autêntico fundador de Cuité.

Dr. Medeiros formou-se em medicina pela UFRN, em Natal-RN, concluindo seu curso em 10 de dezembro de 1966 e, nesse mesmo ano, ele chega a Cuité a convite do Sr. Gentil Venâncio Palmeira, na época, vice-prefeito da nossa cidade, e também pelo Sr. Iron Lucas de Oliveira.

Jovem médico, com 33 anos de idade, dedicado e apaixonado pela sua profissão, logo abraçou Cuité e sua gente.

Seu trabalho incansável como médico logo o aponta para uma carreira política, onde nas eleições de 1973 ele disputou o cargo para prefeito, sem êxito, pois o seu adversário, o Sr. Cláudio Gervásio Furtado já era um político veterano, já tinha sido prefeito de Cuité e gozava de grande prestígio político.



Dr. Antônio Medeiros Dantas.
Acervo Eliel Soares.

Dr. Medeiros viu que aquela não seria a sua vez, no entanto, nas eleições seguintes, em 1976, foi eleito prefeito com a maioria de 1.209 votos. A maior de um candidato sobre seu adversário desde a abertura política, em 1947, quando houve a primeira eleição direta para prefeito de Cuité. Além do mais, Dr. Medeiros vence três can-

didatos de chapas diferentes, mas unidos na somatória de votos. A ex-prefeita Neuza Bezerra, a senhora Creuza Venâncio e o Sr. Gentil Venâncio Palmeira (ex vice-prefeito).

Dr. Medeiros, enquanto político, foi admirado e porque não dizer adorado e reverenciado por muitos cuitenses. Ele sabia fazer política. Sempre foi um mediador, um conciliador. Ao longo de sua trajetória política, foi prefeito por três mandatos, além disso, um como vice-prefeito, foi também deputado estadual, no período de 1986-1990. Nos bastidores seu apoio contribuiu para eleger muitos candidatos. Fez sucessores na política local.

Dr. Medeiros galgou muitas glórias em sua vida política, mas sempre foi um homem simples, de características humanísticas, as quais o fizeram sempre muito querido por todos, inclusive na campanha para prefeito de 2004, o mesmo ficou carinhosamente conhecido como “Santo Antônio do Povão”.

O escritor e poeta, Dinamérico Soares, traçou um perfil da primeira gestão de Dr. Medeiros (1977-1982). Veja uma cópia do texto original na página ao lado.

Bado

Na década de 1990, despontava outro político importante: Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (Bado). As campanhas que levaram Bado a se eleger prefeito de Cuité por dois mandatos está entre as maiores de nossa terra. Carreatas e multidões nas passeatas avermelhando as principais artérias de nossa cidade, mostrando assim a força de um grande líder. Bado se consagrou como uma das maiores lideranças políticas de todos os tempos em nossa história.



Osvaldo Venâncio dos Santos Filho (*Bado*).
Dois mandatos consecutivos de Prefeito em Cuité: 1996-2000 e 2000-2004.

CUITÉ, A METROPOLE DO CURIMATAU

Incravado na Micro-região Curimatauzeira, Cuité vem desfrutando de um pleito vitorioso e eficaz. Basta dizer que o atual Prefeito, / Dr. Antonio Medeiros Dantas, conquistou o lugar 1º, dentre os tantos colegas dispersos por todo o estado da Paraíba.

Enumera-se em grande índice as obras por ele adquiridas e assessoradas aos mais diversos setores: Na Educação construiu cerca de 10 Grupos, distribuindo-os assim na Carente Zona Rural, ~~o~~ Outrora, tão desprezada.

No perímetro Urbano contamos com M grande parte de sua atuação autêntica; Construiu um Centro Administrativo (CENAI), um Módulo Esportivo, um Calçadão na Rua Catúlio Vargas, além de implantações de ~~luminárias~~ luminárias modernas em outras artérias da Cidade.

No campo da Saúde, apurou brilhantemente, angariando diversas / orções, núcleos, que culminou com a restauração e ampliação completa do Hospital, enriquecendo-lhe de a um primeiro andar.

Estes são alguns tópicos de sua grande administração, sem falar¹ em uma notável obra que ele adquiriu para um trabalho mais concreto nas estradas, ~~em~~ tratores de pneus, implantações de 25 barreiros na Zona Rural citada, e dois açudes nos Sítios Meio e cachoeirinha.

O Dr. Antonio Medeiros Dantas, ainda presta assistência completa à população pobre do Município, tendo como exemplo, 700 terrenos que por ele doados, p/ construção de casas, às pessoas de baixa renda, como eu frisei.

É como eu ressaltai num trabalho de cordel:

Fica a olhar com surpresa
A minha boa Cidade:
Não a reconheço mais,
Nela é tudo novidade.
O progresso aqui cavalga
Na paz que tanto se alarga,
Em Grande velocidade.

Dinamérico Soares do Nascimento.

*“Dê um voto inteligente
Um voto forte e seguro
Em Bado e Dr. Carlito
Progresso, fé e futuro!”*

Dinamérico Soares versando sobre a
campanha de Bado em 1996.

Durante a campanha para prefeito em 1996, o artista plástico, Amaro Berto Júnior, juntamente com Dinamérico Soares criaram a “Revistinha do Bado” que trazia suas propostas de governo. Esta é a primeira edição que enfatizava o projeto “Você é meu irmão”.



Capa e quarta capa da primeira edição da *Revistinha do Bado*, feita por Dinamérico Soares e Amaro Berto Machado Júnior em 1996.



Miolo da primeira edição da *Revistinha do Bado*, com tirinha criada por Dinamérico Soares e Amaro Berto Machado Júnior.

Charles Camaraense

O 17º prefeito de Cuité, Charles Inácio Cristiano da Silva (Charles Camaraense), nasceu em 07 de abril de 1974, filho de um conhecido comerciante de nossa cidade, “Seu Camaraense”, também chamado de “Seu Silva” (Antônio Inácio da Silva), e da dona de casa, “Dona Edite” (Edite Avelino da Silva).

Durante a sua juventude não mostrava ter vocação para a política, mas sim para o comércio. Jovem batalhador, negociou em vários ramos comerciais em Cuité, como mercearia, marcenaria, bar e até açougue.

Em 2003, aos 29 anos de idade, deixou sua terra natal e foi tentar a vida em João Pessoa; lá permaneceu por dois anos. Em 2005, foi passar seis meses em Caruaru-PE, a trabalho, no entanto terminou ficando por oito anos, até 2013, quando retornou a Cuité.

Ainda em Caruaru, foi trabalhar na administração das instalações dos escritórios de advocacia do Dr. Marcos Inácio da Silva, onde participou da montagem de diversas das unidades, como a de Caruaru, Serra Talhada, Salgueiro, Ouricuri e Petrolina. Mas como desde a juventude ele era empreendedor, logo migrou para outros setores no ramo

comercial, primeiro montando uma concessionária de veículos, em seguida instalando uma distribuidora de alimentos, também foi empreendedor no setor fabril, com uma fábrica de polietileno e ainda montou uma empresa empacotadora de feijão.

Empresário de sucesso em Pernambuco, mas longe de sua terra e de sua gente, isso muito o incomodava, até que certo dia estando em sua residência em companhia de sua esposa e de sua filha Rafaela, ele toma uma decisão daquelas repentinas e objetiva – *quero voltar para Cuité* – e foi assim que em 2013 ele estava de volta a sua terra juntamente com a sua família.



Charles Inácio Cristiano da Silva (*Charles Camaraense*), 17º prefeito de Cuité.

Foto do acervo de Eliel Soares.

Logo que aqui chegou, começou o projeto da Cerâmica Camaraense, mas seus ideais estavam de fato voltados para a vida pública, em 2014 se lançou candidato a Deputado Estadual tendo sido majoritário em Cuité com 4.676 votos e no estado obtendo 12.157 votos, ficando na suplência do seu partido e assumido uma cadeira na Assembleia Legislativa do Estado, com o afastamento do Deputado Estadual Tião Gomes, licenciado para tratamento de saúde. Charles permaneceu no cargo de março de 2015 até janeiro de 2016.

Durante o período que permanece como Deputado na casa de Eptácio Pessoa, o mesmo se mostrou atuante e batalhador em trazer benefícios para a nossa tão sofrida região do Curimataú. Podemos citar entre suas ações como parlamentar em nossa cidade, como a instalação da Casa da Cidadania, perfurações de diversos poços artesianos na área do nosso município, trouxe também o ginásio da Escola Estadual Orlando Venâncio dos Santos, foi assinado durante sua passagem pela Assembleia diversos projetos de lei que beneficiaram outros municípios do Estado e um de seus feitos mais importante foi a pavimentação do acesso a UFCG (campus Cuité).

Os seus anseios políticos iam além e, nas eleições de 2016, ele se candidatou ao cargo de prefeito, sendo o eleito nesse pleito eleitoral, campanha essa que foi um tanto acirrada, mas que saiu vitorioso com 522 votos de maioria (ver votação na tabela, prefeitos de Cuité). Vale ressaltar que nessa eleição de 2016, sua filha Isis Rafaela se reelegeu com a segunda mais expressiva votação para o cargo de vereadora em nossa cidade.

Em primeiro de janeiro de 2017, Charles tomou posse como prefeito de Cuité, enfatizando seu slogan de campanha, que a partir daquele momento iniciaria um “Novo Tempo” para os cuitenses, e assim logo começa a trabalhar incansavelmente, se tornando em pouco tempo um dos prefeitos mais populares de nossa história.

Durante os dois primeiros anos e seis meses de gestão, o prefeito Charles Camaraense vem desenvolvendo um bom trabalho junto a comunidade, refletindo para isso os 85% de aprovação popular de seu governo, isso pode ser visto a exemplo da folha de pagamento do funcionalismo público e aposentados, sendo seus proventos pagos rigorosamente em dia e dentro do mês trabalhado, outro ponto importante para o seu alto índice de aprovação foi a criação do programa “Cresce Cuité”, lançado em sua gestão e que envolve diversos setores relacionados aos setores fundamentais da administração pública, como a saúde e a educação. As pavimentações de ruas também tem sido importante em sua administração, até o presente (2019) foram 14 ruas pavimentadas e ainda tendo 25 para serem licitadas. O que também merece destaque é a renovação da frota de ambulân-

cias, como também a ordem de serviço para a reforma do Centro Cirúrgico, farmácia e cozinha do hospital Nossa Senhora das Mercês e ainda na saúde foram feitos investimentos de mais de 2 milhões de reais em equipamentos. Na área da educação teve algumas reformas de escolas tanto na zona urbana como na zona rural, a exemplo da escola Manuel Soares, na Serra do Bombocadinho, e da ampliação da Escola do Distrito do Melo, sendo a primeira Escola Rural do nosso Município totalmente climatizada. No setor de trânsito, o prefeito estuda a possibilidade da municipalização do mesmo, ainda em fase de estudo pelas equipes técnicas, o projeto encontra-se na parte jurídica da prefeitura, que segundo o prefeito para sua legalização, precisa da autorização do Detran e Ciretran. “Esse projeto irá organizar e consequentemente diminuir os acidentes, além de melhorar o fluxo de veículos da cidade, pois haverá guardas de trânsito e sinalizações com semáforos”, disse.

Ainda em estudos, segundo o prefeito, está a revitalização da Praça. Aniceto Pereira transformando-a em um espaço para a realização de festas, eventos e lazer para toda a comunidade cuitense.

Fica aqui o registro de alguns pontos da administração do nosso prefeito Charles Camareense em sua brilhante atuação como gestor do nosso município, onde fez muito em tão pouco tempo e que ainda tem em fazer muito mais pela nossa querida Cuité.

A participação da mulher na história política de Cuité

Em nosso município, a primeira mulher a disputar um cargo público foi Maria Alves Duarte, mais conhecida como Maria Conceição. Com 25 anos de idade, em 1955, ela candidatou-se a vereadora, mas não obteve êxito em sua campanha, no entanto ela entra para a história de Cuité como a primeira mulher a disputar um cargo político, que até então só teria sido disputado por homens.

Só para se ter uma ideia da pouca participação das mulheres na vida pública do nosso país, nesse período dos anos 1950, aqui na Paraíba, por exemplo, nas eleições de 1955, foram inscritos 1.212 homens para disputar cargos políticos e apenas 21 mulheres; foram eleitos desse

total 107 homens e apenas 1 (uma) mulher: a senhora Avelina Emiliana Diniz, eleita para a Câmara de Vereadores da cidade de Alagoa Grande, no Brejo Paraibano. Ela obteve 176 votos.

Na campanha de 1968, aqui em Cuité, tivemos a primeira mulher eleita prefeita, foi a senhora Neuza Bezerra dos Santos, na época com 29 anos de idade.



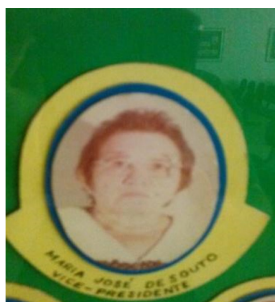
Maria Alves Duarte (Maria Conceição), primeira mulher a se candidatar a um cargo político em Cuité. Foto do acervo de Evanir Duarte de Paula.



Neuza Bezerra dos Santos. Primeira prefeita de Cuité (1969 a 1972). Foto do acervo de Dulce de Medeiros Furtado.

Outra importante participação da mulher cui-teense em nossa política foi a senhora Ana Amélia da Costa (Ana Bernardo). A mesma foi candidata a vereadora no pleito eleitoral de 1963 pelo PDC (Partido Democrata Cristão). Ela obteve 83 votos ou 2,81% do total, sendo a única mulher a disputar um cargo eletivo nessa referida campanha.

Em 1976, a senhora Creuza Santos Venâncio (*Defa*) se candidata para o executivo municipal, e em 1982, Maria José de Souto (*Maria de Elizeu*), foi eleita a primeira vereadora do município de Cuité, sendo também a mais votada nesse pleito, com 457 votos, ou 6,23%. Ela também presidiu a Câmara Municipal em 1985, sendo a única mulher até hoje a ocupar o cargo de Presidente da Câmara. Não terminou seu mandato, doente, ela se licencia do cargo, morre em 31 de julho de 1985.



Maria José de Souto (Maria de Elizeu)
Primeira vereadora eleita de Cuité.
Acervo: Câmara Municipal de Cuité.

Em 1996, Terezinha de Jesus Ferreira de Moura (*Têê*) é eleita vereadora e entra para a nossa história como a primeira mulher deficiente a ocupar uma cadeira no legislativo cuiteense.

Outras mulheres deixaram sua passagem na história da política em Cuité: Nilda de Rocha Dantas (*D. Nilda*), eleita vereadora duas vezes (de 2001 a 2004 e de 2005 a 2008); Gilzilene Azevedo Dantas (2005 a 2008); Halina Helinskia Santos Araújo (2005 a 2008); Maria Francisca da Silva (Maria de Pituca), de 2013 a 2016; e Jacira Poliana Simplício Nascimento, de 2013 a 2015. Também tiveram passagem, mesmo que breve, pela Câmara, as vereadoras Maria do Carmo de Oliveira Silva e Maria de Fátima Palmeira Costa.

A força da mulher cuiteense ganhou mais espaço e notoriedade na vida política de nossa cidade, com a ascensão da senhora Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio, tamanho o nome, tamanho seria o seu legado para a história de Cuité, eleita prefeita por duas vezes (2008 a 2012 e de 2012 a 2016), realizou uma das melhores administrações de nossa história, e ganhou destaque nacional quando foi escolhida entre os 100 melhores gestores do nosso país nos anos de 2014 e 2015 pela ANPV (Associação Nacional de Prefeitos e Vices-Prefeitos), em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV).



Euda Fabiana de Farias
Palmeira Venâncio. Prefeita
eleita de Cuité por dois man-
datos consecutivos: 2008 a
2012 e 2012 a 2016.

Legislativo cuitense: a *casa do povo* e os seus representantes na história

O Poder Legislativo nos municípios são as câmaras compostas por vereadores que discutem as questões locais e devem fiscalizar os atos do executivo municipal. São eleitos por um período de quatro anos e podem ser reeleitos indefinidamente.

O número de vereadores por município é proporcional à população, e pode variar de 9 a 55. Em 2009, o Congresso aprovou lei ampliando o número de vereadores em nível nacional, que passaram de 52.008 para 57.270 (aumento superior a 10%) a partir de 2013, segundo a justiça eleitoral.

A história do legislativo em nosso município tem início com a primeira eleição municipal em Cuité, após o período da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. A eleição realizou-se no dia 12 de outubro de 1947. A posse aconteceu no dia 14 de novembro do mesmo ano.

Na primeira legislatura (1947), segundo o TRE-PB, foram eleitos os seguintes vereadores: João Inácio da Silva, João Gervásio da Silva Furtado, Benedito Marinho da Costa, Ulisses Viana da Costa e Otávio Cabral de Vasconcelos, todos eleitos pela UDN. Nessa primeira legislatura tivemos representantes dos distritos de Barra de Santa Rosa e de Nova Floresta, que só se emanciparam em 1959.

Desde a primeira eleição até 2018, foram 17 legislaturas em nosso município, e segundo o professor José Pereira Sobrinho nos mandatos de 1951, 1955, 1959 e de 1972 a 1977, a Câmara foi renovada em 76%.

Nos mandatos de 1963 a 1968, de 1969 a 1972 e de 1978 a 1982, o legislativo foi renovado em 72%. Já nas legislaturas de 1959 a 1963 e de 1989 a 1993 os componentes das mesmas legislaturas foram renovados em 100%.

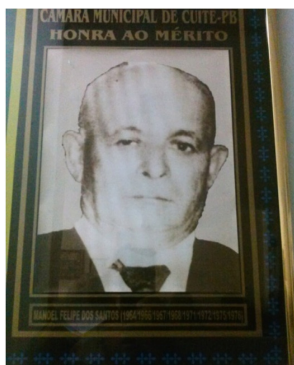
A partir do ano de 1963 até o ano 2000, verificou-se o menor índice percentual de renovação dos membros da Câmara de Vereadores. Apenas 40%, nas eleições do ano 2000. Este índice elevou-se para 53%.

A composição da Câmara Municipal durante as 17 legislaturas foi a seguinte: no período de 1947 a 1951, 5 membros compunham a Câmara Municipal; de 1951 a 1955 (e nos anos de 1955, 1959, 1959-1963, 1963, 1968, 1972, 1972-1976), 7 membros; em 1982 esse número sobe para 9 vereadores; em 1988 a Câmara passa a ser formada

por 11 titulares; em 1992, esse número sobe para 15 vereadores, até 2004; nas eleições de 2004 há uma redução de 6 vereadores, voltando a Câmara a ser composta por 9 membros. Em 2012, a Câmara ganha mais duas cadeiras e passar a ter 11 vereadores.

O vereador que mais presidiu a Câmara Municipal foi o senhor Manoel Felipe dos Santos. Ele foi presidente do legislativo cuitense de 1964 a 1966, e nos anos 1967, 1968, 1971, 1972, 1975 e 1976. A Câmara Municipal que hoje leva o seu nome, por sinal com muita honra. Antes, porém, já se chamou Casa Plácido de Almeida, que foi o segundo vereador mais votado proporcionalmente em nossa história política. Isso aconteceu na eleição de 1959. Com 14,64% do percentual de votos válidos, o primeiro colocado, no entanto, foi João Inácio da Silva, com 16,5%, na eleição de 1947. Já em números absolutos, o campeão de votos foi Orlando Belarmino da Silva, que em 1996 obteve 1.005 votos.

Manoel
Felipe dos
Santos.
Vereador
que mais
assumiu a
presidência
da Câmara
Municipal
de Cuité.



Plácido de
Almeida.
Foto do acer-
vo pessoal de
Hélio Plácido
de Almeida



Orlando
Belarmino
da Silva.
Vereador
mais votado
numérica-
mente da
História de
Cuité.



João Inácio
da Silva.
Vereador
eleito com
maior núme-
ro de votos
proporcional
da História
Política de
Cuité.



Em quase 70 anos, desde a primeira eleição em Cuité em 1947, o vereador que alcançou o maior número de mandatos até 2018 foi Geraldo de Souza Leite: um total de oito mandatos consecutivos, desde 1989 até 2020, ano em que termina o seu oitavo mandato como vereador em Cuité.

Geraldo de Souza Leite
Vereador com o maior
número de mandatos.



A vereadora Ísis Rafaela Rodrigues da Silva, na época com 21 anos, é considerada a mais jovem a assumir o cargo em nosso município, segundo informações da Diretoria da Câmara Municipal. Segundo informações da diretoria também, nenhum negro chegou a assumir o cargo de vereador.

Na história do legislativo cuiteense alguns suplentes assumiram a vaga de seus titulares, sempre os que ficaram na primeira suplência, o único caso em que um segundo suplente assumiu o cargo de vereador, se deu na legislatura de 2008, quando o então vereador eleito Francisco Silva de Lima (*Chico Trocador*) é cassado após alguns meses de mandato, assumindo em seu lugar o 1º suplente o Sr. Tarcísio Ferreira Dantas (*Mistura*), que por motivo de doença se afastou do cargo, assumindo assim o 2º suplente, Josevando Dias da Costa (*Josa do Hospital*), que assumiu definitivamente o mandato após o falecimento do Sr. Tarcísio Ferreira Dantas.

Vale aqui lembrar que durante as campanhas eleitorais para vereador em Cuité, um caso chamou atenção, por ter sido único em nossa história. Na eleição de 1992, o candidato a vereador José Gonçalves

Sobrinho (*Zé de Tunino*), teve a proeza de se eleger em uma única urna. Segundo informações colhidas com o próprio, a sessão era a 113ª, que funcionou no sítio Catolé. O total de votantes nesta sessão foi de 298 eleitores, não teve nenhum voto branco e apenas um voto nulo. Os candidatos a vereadores Vicente Ferreira de Medeiros (*Vivi*) e Neco de Julho, ambos obtiveram um voto cada, os outros 286 votos foram para o senhor Zé de Tunino.

Interessante disso tudo, é que todos os votos eram agregados ao candidato a prefeito Dr. Antônio Medeiros Dantas, era a chamada “casadinha”. O candidato a prefeito Dr. Jaime Filho obteve 10 votos apenas nessa seção. Zé de Tunino foi eleito com 317 votos ao todo, contando com os 286 votos que ele obteve na 113ª sessão. O último candidato colocado do mesmo partido, o PMDB, foi o senhor Ademário Inácio da Silva, na 14ª posição dos 15 vereadores eleitos: ele obteve 232 sufrágios.



José Gonçalves Sobrinho (*Zé de Tunino*). Eleito vereador em uma única urna na campanha de 1992.

O quadro a seguir mostra os vereadores mais votados em cada pleito, desde 1947 a 2016, além do partido ou coligação, a votação e o percentual dos votos válidos.

Tabela 4: Vereador mais votado em cada pleito eleitoral (de 1947 a 2016)

ANO	CANDIDATO	PARTIDO/ COLIGAÇÃO	VOTAÇÃO	VOTOS VÁLIDOS
1947	João Inácio da Silva	UDN	327	16,5%
1951	João Inácio da Silva	UDN	287	10,32%
1955	Oswaldo Venâncio dos Santos (<i>Firú</i>)	UDN	424	13,76%
1959	Plácido de Almeida	PSD	284	14,64%
1963	Vicente Gomes de Andrade	PTB	379	12,84%
1968	Oswaldo Venâncio dos Santos (<i>Firú</i>)	MDB	676	14,46%
1972	Taciano Medeiros	ARENA	470	10,48%
1976	Taciano Medeiros	ARENA	434	7%
1982	Maria José de Souto	PDS	457	6,23%
1988	Giovanne dos Santos Furtado	PMDB	509	5,66%
1992	Orlando Belarmino da Silva	PFL	763	7,82%
1996	Orlando Belarmino da Silva	PRP	1.005	10,69%
2000	Giovanne dos Santos Furtado	PSDB/PMDB	454	4,3%
2004	Giovanne dos Santos Furtado	PTB/PFL/PT/ PL/PSDB	851	7,65%
2008	Eliú Pessoa	PRP/PMDB/ PSB	818	7,23%
2012	Eliú Pessoa	PMDB/PP/PR/ PSL/PT	722	6,16%
2016	Abdam Pessoa	DEM/PT do B/ PP/PDT/PT/ SB/PSL/PEN/ PR/PPS	936	7,02%

Para além do município: disputas para Deputado Estadual em Cuité

O primeiro Deputado Estadual cuiteense foi o senhor Jeremias Venâncio dos Santos (1878-1976), no entanto, ele não chegou a ser eleito nas eleições de 04 de outubro de 1934, ficando na suplência. Em 24 de janeiro de 1935, concretizou-se a posse dos eleitos para a Assembléia Legislativa da Paraíba. Mas um fato trágico vem a ocorrer, cerca de dois meses depois, quando o jovem advogado, eleito deputado nas eleições de 1934, José Tavares Cavalcanti, faleceu em decorrência de um grave acidente automobilístico. Portanto, a vaga deixada por Tavares Cavalcanti foi preenchida pelo então suplente de deputado o Sr. Jeremias Venâncio dos Santos, que aos 57 anos de idade tomou posse como Deputado Estadual.



Jeremias Venâncio dos Santos.
Primeiro Deputado Cuiteense.
(1935 a 1938)

Em 1937, instala-se no Brasil a Ditadura do Estado Novo, implantada por Getúlio Vargas e só a partir de 1950 é que acontecem as primeiras eleições para a escolha dos Deputados das Assembléias Estaduais. Naquele ano em Cuité, o Sr. Rivaldo Silvério da Fonseca se candidatou ao cargo de Deputado Estadual, não obtendo êxito em sua campanha, não voltou a se candidatar novamente.

Em 1958, o médico José Pereira da Costa se candidata a Deputado Estadual, sendo o quinto mais votado do Estado (ver votação na tabela correspondente), se reelege por mais duas legislaturas 1962 e 1966. Nas eleições de 1970 volta a se candidatar mas só alcançou a suplência.

No ano de 1970, outro cuiteense se lança candidato a Deputado Estadual, foi Julião Ferreira da Silva, um fato curioso que se tem nesta campanha é que Julião foi o candidato a Deputado Estadual mais votado em João Pessoa, obtendo na capital do Estado a expressiva votação de

6.800 votos, ou 13,68%. Resultado de uma campanha feita no corpo a corpo, casa a casa, com palanques improvisados e discursos direto ao eleitor. No entanto, em sua terra natal Cuité, ele só obtêm 25 votos. Não se elegeu, ficando na primeira suplência do seu partido (ARENA).

Em 1974, volta a se candidatar, mais uma vez, e João Pessoa lhe dar uma boa votação de 3.737 votos. Em Cuité apenas 177 sufrágios: mais uma vez não foi eleito.

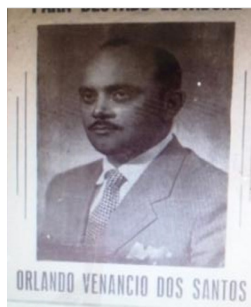
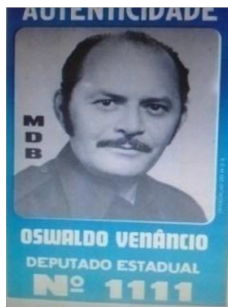
Dr. José Pereira da Costa – eleito por três legislaturas consecutivas Deputado Estadual. Foto da internet.



Julião Ferreira da Silva – candidato a Deputado Estadual mais votado de 1970 em João Pessoa-PB. Foto de Perpétua Ferreira da Silva.

Já os irmãos Orlando e Osvaldo Venâncio não tiveram sucessos em suas campanhas para a Assembléia Legislativa do Estado. Dr. Orlando foi derrotado por três vezes consecutivas em 1958, 1962 e 1966, e Osvaldo Venâncio também foi derrotado nas três vezes que disputou, em 1970, 1974 e 1978.

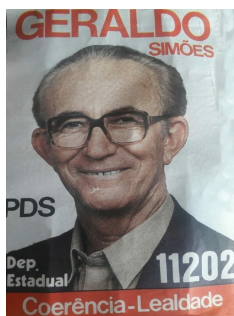
Material de campanha para Deputado Estadual de Osvaldo Venâncio. Acervo pessoal: Lília Miriana Venâncio dos Santos.



Orlando Venâncio dos Santos. Acervo pessoal: Dulce M. Furtado

Em 1986, o médico Antônio Medeiros Dantas foi eleito Deputado Estadual, mas depois de cumprido o seu mandato, devido a divergências políticas com o então governador, na época Tarcísio Burity, e também por questões pessoais, decidiu não disputar mais outra eleição para Deputado.

Neste mesmo ano, mais dois cuiteenses se candidataram para Deputado Estadual: Geraldo Simões Pimenta e Milton Venâncio dos Santos, ambos não se elegeram.



Geraldo Simões
Candidato a Deputado
Estadual em 1986.



Dr. Medeiros.
Candidato a Deputado
Estadual em 1986.



Milton Venâncio
Candidato a Deputado
Estadual em 1986.

Em 1994, Carlos Bezerra se apresenta aos cuiteenses e ao Estado da Paraíba como candidato a uma vaga para a casa de Epitácio Pessoa. Perdeu as eleições e voltou a candidatar-se novamente em 1998, mais uma vez foi derrotado pelas urnas.

Em 2002 foi a vez do médico Jaime Filho, que por pouco não foi eleito, ficando na terceira suplência do seu partido.

Nas eleições de 2006, foi a vez de Osvaldo Filho (*Bado*) se candidatar. Obteve uma boa votação mas ficou apenas na suplência. Em 2010 voltou a candidatar-se e mais uma vez não obteve êxito, ficando na primeira suplência do seu partido, onde chegou a assumir por um período de quatro meses, na licença tirada pelo Deputado Aníbal Marcolino.

Neste mesmo ano, outro cuiteense se lança candidato a Deputado Estadual: Toinho Santana. Mas sua campanha humilde e sem recursos não lhe deram chances para o mesmo se eleger.

Em 2014, foi a vez de Charles Camaraense, que disputou uma vaga para a Assembléia Legislativa da Paraíba, ficou na suplência, mas assumiu a vaga do Deputado Tião Gomes que licenciou-se para tratamento médico.

Posto político de maior patente: um cuitense no Palácio da Redenção

Desde a instalação do Tribunal da Justiça da Paraíba, em 15 de outubro de 1891, até hoje, 18 desembargadores assumiram o cargo de governador, entre eles o Dr. Antônio de Pádua Lima Montenegro, o primeiro e único cuitense a ocupar tal cargo. Ele assumiu o Executivo Estadual no período de 03 a 18 de janeiro de 2008, substituindo o governador Cássio Cunha Lima.

Nascido em Cuité, em 18 de outubro de 1939, filho de João Bezerra Montenegro e de Celina de Lima Montenegro. Coursou o primário no Grupo Escolar Vidal de Negreiros, em Cuité, cursou o Ginásial do Seminário Arquidiocesano da Paraíba e o Colegial no Liceu Paraibano. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da UFPB, formando-se em 18 de dezembro de 1965. Chegou à presidência do Tribunal de Justiça da Paraíba no biênio 2007-2008, e foi ainda presidente do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-PB) e diretor da Escola da Magistratura (ESMA).



Antônio de Pádua Lima Montenegro: cuitense Governador da Paraíba no período de 03 a 18 de janeiro de 2008.

Alguns cuiteenses candidatos a cargos eletivos em outras localidades do Brasil

- Aécio Cândido de Souza, candidato a vereador em Mossoró-RN. Não eleito.
- Ana Cristina da Fonseca Costa, eleita vereadora e candidata a prefeita em São Vicente-RN. Não eleita.
- Basílio Magno, prefeito nomeado de Picuí-PB.
- Benedito Marinho, prefeito eleito de Nova Floresta-PB.
- Benedito Venâncio da Fonseca Júnior (*Keka*): candidato a vereador em Campina Grande-PB. Não eleito.
- Célio José dos Santos Farias, candidato a vice-prefeito em Campo Redondo-RN. Não eleito.
- Charliton José dos Santos Machado, presidente do PT do Estado da Paraíba. Candidato a prefeito do município de João Pessoa-PB. Não eleito.
- Cláudio Henrique da Silva, vereador eleito por dois mandatos consecutivos em Osasco-SP.
- Davi Marques da Silva, vereador eleito por um mandato em Sossego-PB.
- Emília de Souza Silva Almeida, vereadora eleita por três mandatos em Baraúna-PB.
- Francisco Edvaldo de Souza Leite, vereador eleito por dois mandatos em Guarabira-PB e vice-prefeito eleito por um mandato de Cuitégi-PB.
- Francisco Marques (*Artista*), vereador eleito em Picuí-PB.
- Francisco Vasconcelos da Silva: prefeito eleito de Campo Redondo-RN.
- Iron Lucas de Oliveira, vice-prefeito eleito por um mandato de Jardim do Seridó-RN.
- João de Melo Azevedo, vice-prefeito eleito por dois mandatos e prefeito eleito em um mandato de Pedra Lavrada-PB.
- Julião Ferreira da Silva, candidato a Deputado Estadual em João Pessoa-PB. Não eleito.
- Manoel do Ó Souto, candidato a vice-prefeito em Picuí-PB. Não eleito.
- Maria das Neves Rodrigues de Oliveira (*Neves Caicó*), prefeita eleita de Coronel Ezequiel-RN, por dois mandatos, e um mandato de vice-prefeita.

Não poderiam ficar de fora, aqueles que mesmo não tendo naturalidade cuiteense, mas que aqui residiram, ou residem, e foram candidatos a cargos eletivos.

- Antônio Luis de Lima: candidato a vice-prefeito em Nova Floresta. Não eleito.
- Ariosvaldo Pinto de Medeiros: vereador eleito por cinco mandatos em Borborema-PB.
- Joilson Rocha de Azevedo (*Jojó*): vereador eleito por um mandato e vice-prefeito eleito por dois mandatos em Pedra Lavrada-PB.
- José Ivanildo Dantas de Oliveira (*Deda Dino*): vereador eleito por dois mandatos e vice-prefeito, eleito por um mandato em Jaçaná-RN.
- Josefa Moreira da Silva: vereadora eleita por dois mandatos em Sossego-PB.
- Maria de Fátima Souza de Azevedo: vereadora eleita por dois mandatos em Japi-RN.
- Rafael Martins de Medeiros: vereador eleito por um mandato e candidato a prefeito em Barra de Santa Rosa. Não eleito.
- Salomão Fernandes da Silva: candidato a prefeito em Picuí – PB. Não eleito.
- Sebastião Plácido de Almeida: prefeito eleito de Cabedelo-PB.

As eleições de 2018 em Cuité

No pleito eleitoral de 2018, tivemos duas candidatas cuiteenses ao legislativo estadual. Disputaram o cargo a ex-prefeita do município, Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio, pelo partido Patriota. E, pela coligação REDE/PPS/DEM/PMN, a vereadora Ísis Rafaela Rodrigues da Silva (*Rafaela Camaraense*). Ambas não foram eleitas.

A candidata Euda Fabiana ficou na 60ª posição (sexagésima posição), enquanto que Rafaela Camaraense ficou na 50ª posição (quingagésima posição), sabendo-se que o total de vagas na Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba são de 36 cadeiras. Ambas foram diplomadas no dia 13 de dezembro de 2018 como suplentes de deputadas estaduais do Estado da Paraíba.



Euda Fabiana de Farias Palmeira Venâncio na campanha para Deputada Estadual de 2018. Acervo de Moisés Pereira dos Santos Neto.



Ísis Rafaela Rodrigues da Silva (*Rafaela Camaraense*) na campanha para Deputada Estadual de 2018. Foto disponível na rede social da sua campanha.

Este foi um pequeno esboço histórico das campanhas políticas em Cuité, para que nosso povo nunca venham a esquecer esse passado, pois os protagonistas dessas campanhas foram quem ajudaram nossa cidade a crescer e a se desenvolver até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. *Uma fonte essencial de informações no estudo e no trabalho*. São Paulo: Ed. Abril, 2015.

VENÂNCIO, Lêda. *Ao nosso querido Osvaldo*. João Pessoa: Idéia, 2010.

SOBRINHO, José Pereira. *Cidadão da minha Rua*. Gráfica Vitória, 2005.

ASSEMBLEIA PB. *AL homenagem desembargador Pádua Montenegro*. Disponível em: <<http://www.al.pb.gov.br/806/al-homenageia-desembargador-pdua-montenegro.html>> Acesso em 17 de novembro 2015.

[http://www.suapesquisa.com/ Participação das mulheres na política brasileira](http://www.suapesquisa.com/Participação%20das%20mulheres%20na%20política%20brasileira). Acesso em 17 de Nov. 2015.

TER/PB. Resultado das Eleições na Paraíba. Disponível em: <http://www.tre-pb.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/resultados-de-eleicoes>. Acesso em 17 de nov. 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DE CUITÉ. Arquivo Institucional. Visitas no período de Out. e Nov. de 2015.

SILVA, Severino Silvestre de. *Máscaras da falsidade humana: aspectos históricos e psicossociais*. Recife: Lceu, 2015.

ENTREVISTAS

Gentil Venâncio Palmeira (1930-2019)
Hamilton Cordeiro da Silva
Hélio Plácido de Almeida
José de Arimatéia Alves
José Gonçalves Sobrinho (1940-2017)
José Pereira Sobrinho
Julião Ferreira da Silva

Todas as entrevistas foram concedidas ao autor em outubro de 2015.

Tópico 12

Educação:

memórias, fatos e representações

José Zito Lima²

José Pereira Sobrinho³

Israel da Silva Araújo

O município de Cuité, para além de outras faces, tem a educação como um dos seus pontos fortes. Como veremos a seguir, muitos foram os espaços criados para dar aos cidadãos a possibilidade de construir o seu futuro. Veremos as constantes mudanças dos espaços e das representações deste tema que é fundamental e contribuirá para aprendermos mais sobre a história de nossa cidade.

Esse texto é o resultado da pesquisa realizada para este livro, não tendo como perfil aprofundamentos teóricos. Nossa pesquisa baseou-se em mensagens provincianas, bem como em livros da história local e pesquisas realizadas com colaboradores orais da comunidade. O objetivo aqui é ampliar as bases da história de Cuité e colaborar com outros trabalhos vindouros sobre esse tema.

De início, devemos entender que não eram todas as pessoas que tinham o privilégio de estudar. Pensemos, pelo menos, nas primeiras décadas do século XX, nossa região vivia prioritariamente da agricultura, havia pouca oportunidade de sair de casa para sentar numa cadeira escolar. Muitos, ao invés de um lápis, tinham uma enxada e/ou várias tarefas de adulto nas mãos. Somente algumas décadas depois é que ocorreria o aumento de um número satisfatório de crianças aprendendo a ler e a escrever. Isso, após um desenvolvimento regional de maior escala (algodão/

2 - Possui graduação em pedagogia pela UFRN, especialista em Formação do Educador pela UEPB, e em Gestão Escolar pela UFPB. Professor de escolas públicas e particulares da região. Coordenou o CEPES, esteve na direção de várias escolas, incluindo o Vidal de Negreiros. Atualmente é professor da sala de recursos multifuncional do Vidal de Negreiros e Coord. Pedagógico na Escola Terezinha Carolino em Jaçanã-RN.

3 - Possui graduação em Técnicas Agrícolas pela UFPB e em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar pela UEPB. Especialização em Técnicas Didáticas pela Universidade de Brasília. Exerceu os cargos de diretor do Colégio Estadual de Cuité, IEC e da Escola Técnica Agrícola de Cuité. Atualmente é professor aposentado da Paraíba, e ativo no Rio Grande do Norte. É agente cultural, pesquisador e lançou os livros sobre a história de Cuité. Ajudou na fundação e na montagem do Museu do Homem do Curimataú.

sisal), bem como uma nova conjuntura nacional, pós Segunda Guerra (com leis de incentivo a instrução pública), que fizeram umentar o número de escolas e, conseqüentemente, a demanda por professores.



Desfile da década 1970
Acervo MHC

Hoje é um ato normal do cotidiano ir ao colégio perto de casa (seja público ou particular), mas nem sempre foi assim. Pouco se dispunha de material didático ou de instalações apropriadas, e os recursos eram limitados a alguns livros, um quadro e muita vontade dos envolvidos. Todos viviam momentos de sua aprendizagem a partir do discurso do professor e de sua arte de transpassar para o quadro negro tudo aquilo que havia aprendido e que podia ser transcrito via giz. Muitos deles, mesmo com poucas condições, transformaram “suor” em certificados, conhecimento e valores de vida, (sabemos que a educação nunca pode se resumir somente a conteúdo, educação é algo que está muito para além disso). Acompanhemos alguns vestígios da história da educação de Cuité, desde os seus primeiros passos.

Primeiros mestres, primeiros espaços...

Nessa pesquisa, verificou-se que pelo menos 100 anos antes de o Vidal de Negreiros iniciar suas lições, em 1942, o professor João Ribeiro Gomes e Vasconcelos, em 1842, conforme nos demonstram as mensagens provincianas da época⁴, já compartilhava seus conhe-

⁴ - Segundo mensagem provinciana de 1842, Mapa 04, disponível em: <<https://archive.org/details/rpparaiba1841>>. Acesso em set./2015. Porém, podemos pensar para além disso, pois provavelmente já na década de 1690, segundo Santiago (1936), o Pe. Barros, Jesuíta financiado pelo Pe. Antônio Vieira, já dava aulas aos indígenas no aldeamento de nossa região, bem como, a partir de 1768, após a criação do

cimentos em nossa região, através do método de ensino mútuo a 11 meninos livres, no período da “era das cadeiras isoladas”⁵. Neste período, na década de 1840, o ensino voltava-se para meninos livres, ficando meninas⁶ e escravos⁷ quase sem nenhuma instrução formal.

As mensagens provincianas, nos mostram também que na tabela do ano de 1867, além do professor Fontino Lordão, a professora Maria do Rosário Brasileira de Mello⁸, constava como professora na região de Cuité. Sendo a primeira mulher até então verificada que presta seus serviços de forma oficial na nossa região. Porém, e infelizmente, não é citado nos quadros da mensagem quantos aluno/alunas, nem mesmo o nome da professora aparece em mapas/relatórios sequenciais.

Ainda sobre o ofício pedagógico das mulheres, conforme a pesquisadora Danielle Martins (2006), a partir do ano de 1904, a professora Eudécia Alves dos Santos entraria nesse cenário dando continuidade às histórias das professoras em nossa região/estado⁹. A pesquisadora nos dá outra informação bastante importante: que o ensino misto (meninos e meninas na mesma sala), se daria na região a partir de 1917 (MARTINS, 2006)¹⁰.

Em relação aos professores antes de 1900 de nossa região, conforme as mensagens provincianas disponíveis no [site archive.org](http://www.archive.org).

povoado. Certamente, os pais mais abastados iniciavam seus filhos trazendo professores particulares para suas casas no intuito de educá-los.

5 - Período o qual a educação brasileira iniciava sua trajetória e na Paraíba não seria diferente. Mais sobre o assunto sugerimos como partida a tese do Prof. Antônio Carlos Ferreira Pinheiro intitulada: *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000218787&cfid=y>. Acesso em nov. de 2015.

6 - A figura da mulher-mãe, dona de casa predominava, “o forte da educação das moças era o trabalho manual, prendas domésticas”. Tudo era uma preparação para o casamento (...). Eudécia Vieira in: Ana Bernardo. Maria Coutinho. *Gênero, história e educação na Paraíba: memórias de professoras e escritoras do início do século XX*. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0516.pdf>>. Acesso em: set. 2015.

7 - Segundo mensagem provinciana de 1850, p. 14, existiam em Cuité 451 escravos (229 homens e 222 mulheres).

8 - Página 2 do tópico *Instrução Pública*, descrito no relatório provincial de 1867. Disponível em: <<https://archive.org/details/rpparaiba1867b>>. Acesso em set. 2015.

9 - Mais informações sobre a história da educação, com foco no ofício feminino, ver as obras organizadas pelo Dr. Charliton Machado algumas disponíveis no Espaço Literário Dinamérico Soares, no Museu do Homem do Curimataú.

10 - Danielle Martins Rocha possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (2006). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atua principalmente nos seguintes temas: cidade, modernidade, escola, educação, espaço urbano e modernização do espaço. Realizou trabalho pela UFPB, intitulado: *Notas sobre o ensino primário no município de Cuité-PB: 1930-1950, pesquisa de grande importância para a história da educação cuitense*.

Até então foi possível recolher os nomes de João Ribeiro Gomes e Vasconcelos (1842-1851), Basílio Antônio da Costa (1852-1856), Manoel Maria Brayner (1864), Basto Alves Rodrigues Tupinambá (1865), Graciliano Fontino Lordão (1866-1867), João Manoel da Silva (1869), Antonio Rabello de Oliveira (1871), Pedro Xavier da Rocha (1883), Manuel do Nascimento Muribeca (1890); não havendo dados referentes a períodos anteriores a esse último nesses relatórios.

A partir de entrevistas foi possível elaborar uma lista de nomes dos professores das primeiras décadas de 1900. As informações foram coletadas¹¹ com Noêmia Campos, Áurea Dantas e com a saudosa Camélia Pessoa. Veja a seguir os nomes e as datas aproximadas de atuação de cada professor por elas relatados.

PROFESSOR	PERÍODO DE ATIVIDADE
FELICIANO CARTAXO JABORANDY	1880/90
EUDÓCIA ALVES DOS SANTOS	1900
OLINDINA FLORENTINA CABRAL	1910
MARIA TEODÓSIO	1910
RAQUEL ESMERALDINA DA COSTA	1910
SANTA DE NOEL	1910
MIMA CARDOSO	1910/20
AMÉLIA VIANA	1920
MARIA DO CARMO	1920
MARIETA NÓBREGA	1920
NANOSA CABRAL	1920
EDITE BEZERRA	1920/30
ADAIR PINTO	1940/50
PROFESSOR ALENCAR	1930/40
PROFESSOR ARNALDO	1930/40
DOMICIANO DE QUEIROZ	1930/40
JOAQUIM AMARO DA SILVA	1930/40
MARIA DE LOURDES VIANNA	1930/40
MARIA DE LOURDES ALMEIDA	1930/40

11 - Entrevista com os bolsistas do projeto *Conversando com o Passado*, do Museu do Homem do Curima-taú (2014)

Certamente há outros professores, neste período e acima de 1950, como Elça Carvalho da Fonseca, Julieta de Lima e Costa²², Celine de Lima Montenegro, Maria das Neves Lira de Carvalho, José Rodrigues de Oliveira, entre outros que aqui ainda não foram citados, os quais podemos incluir em versões futuras deste texto.

No intuito de contribuir com a formação de um cenário histórico a ser pensado e problematizado, como ilustração, vejamos dois dos nossos professores, junto com suas turmas em fotografias da época, as quais fizemos uma leitura simples, mas que tenta identificar traços em comum e algumas diferenças entre elas.



Professor Alencar - Década de 1930 - Arquivo do MHC

Observe que são escolas residenciais, professores-mestres. No caso da foto do professor Alencar, a imagem nos passa uma turma formada apenas por meninos, a maioria com cabelos bem cortados, vestidos dentro de um certo padrão (camisa social ou paletó) e com uma seriedade que nos passa quanto à educação representava não só informação, mas a aprendizagem para uma vida disciplinada.

22 - Esta professora foi a primeira a ser nomeada para de localidade de Nova Floresta, em 1936, que até então pertencia ao município de Cuité. Para saber mais sobre a história da educação de Nova Floresta, o livro *A educação de Nova Floresta* de Angelita Dantas de Oliveira é uma excelente referência.



Professora Edite Bezerra - Década de 1930 - Arquivo do MHC

Analisando a foto da professora Edite Bezerra, vemos um semblante mais ameno, porém, também sério (pode ser, claro, em ambas imagens um ar de curiosidade, sobre a máquina retratista, que poucas vezes era acionada na época). Mas, no geral, meninos e meninas estudam juntos e a professora é mais integrada à turma. Neste sentido, podemos imaginar ser o modo de se posicionar no dia a dia em relação aos seus alunos.

Com relação à vestimenta, vemos uma farda também padronizada, dando homogeneidade à turma. Nossa leitura nos aponta uma ampliação e abertura da educação da época, variações que formam e transformam a história que tem como única constante: a mudança.

Outro “exercício histórico”, para além dessas imagens, é a elaboração de indagações sobre como eram essas primeiras casas-escolas, para além de suas fachadas? Podemos imaginar alguns detalhes que, dependendo das posses do professor... Até a criação do Grupo Escolar, ensinava em sua residência ou casarão/armazém arrendado para seu ofício, sem uma estrutura formal, mais ou menos assim: “pela manhã a professora inicia suas tarefas de casa, limpando os móveis, varrendo-os e afastando-os, selecionando as cadeiras da

cozinha e alguns tamboretes da sala, para juntar à mesa de estudos para o ambiente da sala de aula. Já próximo a chegada dos alunos, a professora guarda a vassoura que terminara de varrer a calçada e procura seu recipiente de giz e como costumeiramente aguarda o início das aulas, tomando café, encostada no parapeito da janela e falando com as pessoas que passam pela calçada. Cada um encenando seu papel, no teatro cotidiano da comunidade (entregador de leite, sapateiro, vendedor, etc) ela, o de professora...”.

Para além da imaginação, para sabermos um pouco mais sobre a escola nas primeiras décadas de 1900, nos reportamos à senhora Áurea Dantas, atriz e motivadora cultural cuiteense, hoje com 101 anos, que relatou um pouco sobre o tempo de seus estudos.

Ela nos disse que estudou com o professor Domiciano de Queiroz e com a professora Edite Bezerra. Afirmou que o primeiro ainda utilizava o método disciplinar da palmatória, mas relatou Edite já havia abolido essa prática na época dela.

Interessante quando Dona Áurea, no relato abaixo, nos informa sobre a disciplina e os mobiliários no seu período escolar entre 1920 e 1930:

Domiciano tinha palmatória, mas eu nunca levei um bolo porque eu, modéstia à parte, eu tinha muito medo do professor, obedecia muito a ele. Mas tinha colega minha que levava bolo à vontade. Era uma escola com o mobiliário comum: bancos para sentar, mesa para fazer os deveres, era só isso. Não tinha carteira... era banco no tempo que eu estudava, com uma mesa bem grande para fazer os deveres, era só isso. (...) Na escola de Dona Edite não tinha mais palmatória não.

Além disso, fala da carta de ABC, que foi por muito tempo o principal material de ensino, que não havia livros didáticos e sim pequenas cartilhas de primeiras das letras e de contas. Dependia do professor adquirir livros, o que começaria a se alterar um pouco a partir da atuação dos supervisores que fiscalizavam e orientavam e repassavam aos professores os poucos livros.

Na cidade de Cuité, nas suas primeiras décadas do século XX, um dado importante é o descrito pelo Padre Luiz Santiago, que informa os estabelecimentos de ensino existente em 1936, quando da elaboração do seu livro:

Há (...) 2 aulas públicas, 1 paroquial, 3 particulares, diurnas e 1 noturna do sexo masculino. Há muitas outras pelos subúrbios e sítios, também por iniciativa e particulares, como sejam: a de Lagoa do Meio, Caraibeira, a de Espinheiro, a de Malhada do Canto, a de Malhada de São Domingos, a de Malhada da Cruz, a de Marcação, a de Curral do Meio, a de Olho d'Água, a de Campo Comprido, a de Algodão, a de Boqueirão, a de Solidão, Camaru's, a de Cisplatina. (SANTIAGO, 1936.)

Pela quantidade de professores e escolas no município de Cuité existia uma cultura educacional ativa, claro dentro das possibilidades políticas e socioeconômicas, que iriam aumentar historicamente e de forma gradual, acompanhando o contexto nacional, como veremos a seguir.

Das escolas isoladas ao Grupo Vidal de Negreiros

Como vimos, as escolas iniciaram em residências. Porém, a passagem para escolas propriamente dita, não foi algo simples. O contexto histórico educacional nos permite entender como a instrução pública foi se modificando. Para isso, vejamos: o imperador D. Pedro I lançaria em 15 de outubro de 1827 a lei da criação da instrução Pública no Brasil (hoje a data é lembrada pela comemoração do dia do professor), que definia:

Art. 1º - Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverão as escolas de primeiras letras que forem necessárias.(...) Art. 4º - As escolas serão do ensino mútuo nas capitais das províncias; e serão tam-

bém nas cidades, vilas e lugares populosos delas, em que for possível estabelecerem-se. (...). Art. 6º - Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. (BRASIL, 1827.)

O Império recebera em 1808 a família Real e, por isso, pretendia elevar à colônia instituições que possibilitasse dar aos “homens do reino” pelo menos alguma condição e vantagem. A instrução seria uma delas, com a lei acima, pretendia-se criar escolas e definir critérios para o ensino.

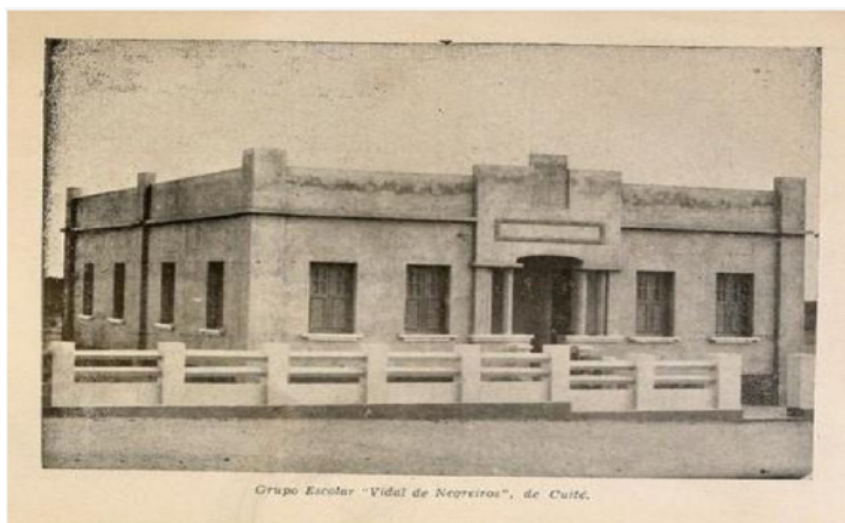
No caso da Paraíba, foram realizadas seleções e contratação de professores para as vilas e cidades, porém poucas eram as escolas que tinham prédios formais, algumas destas situadas na capital e, em algumas cidades grandes da época, nas demais, em casas particulares e outros imóveis improvisados.

Muitas eram as discrepâncias entre as maneiras e controle do ensino, pela área e pluralidade de escolas. Houveram muitas inspeções, revisões e fechamento de escolas por se tratarem de “células” que não atendiam aos objetivos (pequeno número de alunos, pouca qualificação do professor, etc), por isso a necessidade da criação de inspetorias.

Após a proclamação da república, iniciou-se uma marcha nacional que percebeu a ineficiência da estrutura educacional dos modos imperiais, sendo criadas escolas reunidas, que tentam singularizar o ensino (controle e instrução mais atinentes aos professores e alunos), nascendo assim os grupos escolares, espaços mais organizados (com uma direção local) que objetivavam garantir uma educação visando o progresso, a instrução de cidadãos para o desenvolvimento material e cultural brasileiro, para isso várias reformas foram postas em prática.

Como vimos, o grupo escolar seria um agrupamento das escolas existentes, o Grupo Escolar Vidal de Negreiros, teria esse objetivo reunir cadeiras escolares de Cuité em um único espaço, formalizando e organizando a instrução pública cuiteense. Denominado Vidal de Negreiros (um dos principais nomes na luta contra os Holandeses no Brasil), como originalmente é usado (como a escola Vidal de Negreiros em Recife-PE, a Escola agrícola de Bananeiras-PB, entre outras), tem em seu histórico dois espaços, duas sedes, a primeira situada na Rua Larga²³ próximo a antiga igreja católica no centro da cidade, disposta em um prédio da prefeitura municipal: “O edifício para o Grupo Escolar de Cuité¹⁴ foi resultado de uma adaptação e reforma de um próprio municipal.”(IMPRENSA OFICIAL, 1942, p.123).

Esse prédio pertencia à Prefeitura Municipal, conforme D. Camélia Pessoa nos conta: “*Era de pequeno porte e continha apenas duas salas de aula, uma dispensa, um pequeno banheiro...*”. Ali trabalharam, segundo Danielle Martins (2006), as professoras Elça Carvalho da



Grupo Escolar Vidal de Negreiros, 1942. (Imprensa Oficial)

23 - Hoje (2018) é a esquina da Rua 15 de Novembro com a Rua Napoleão Laureano.

14 - Atividades do Governo da Paraíba, 1942. Ruy Carneiro, p. 116. Disponível em <<https://archive.org/details/atividadesparaiba1942ruyc>>. Acesso em: out./2015.

Fonseca, Terezinha Xavier, Anita Coelho, Maria José Bezerra, Maria das Mercês, Elisa Cecília de Macedo, Noilda Rocha, Mirtes Venâncio, Nau-tília Furtado, Auxiliar de Serviços Maria Lica Macedo, Camélia Pessoa e Noêmia Campos, até seu traslado para a nova sede.

Em 1949, o prefeito municipal, o Sr. Basílio Magno da Fonseca, fez doação do atual terreno prédio do Grupo Escolar na então Rua 04 de Outubro¹⁵, que teria sua segunda sede inaugurada em meados da década de 1950, pelo governador José Américo de Almeida, conforme o único vestígio encontrado até então, no registro do livro de memórias do Sr. Pedro Simões:

07.06.55 – O Governador José Américo, com sua comitiva, inclusive seu irmão Augusto de Almeida, prefeito da cidade de Guarabira, fizeram uma visita a Cuité e foram meus hóspedes. O governador inaugurou o Grupo “Vidal de Negreiros” e foi feita a aposição do seu retrato no salão da Prefeitura. Em seguida visitou o local da Cadeia Pública, o Olho d’Água e outros pontos da cidade. (PI-MENTA, 1986, p. 57.)

Curiosamente, mais uma vez, o espaço da educação, situa-se novamente ao lado da instituição de educação moral-religiosa: a Igreja Católica, que também havia mudado de localização na mesma década “deixando”¹⁶ sua antiga igrejainha lá na Rua Larga. O novo prédio seria projetado e construído semelhante às diretrizes descritas pelo governador Antônio Trigueiro, que na mensagem apresentada à Assembleia Legislativa de 1950, define como prédios de 600m² de área coberta desses grupos, em construção ou a construir com ajuda do Governo Federal:

15 - A Rua 04 de Outubro teve a sua denominação alterada para Rua Caetano Dantas em 1968, na ocasião da comemoração do bicentenário da Fundação de Cuité. Na oportunidade houve desfile cívico e outras festividades. Para alunos e professor do Vidal de Negreiros, neste ano festejava-se também a reforma da escola, que tiveram melhorias em suas instalações financiadas com recursos da Aliança para o Progresso (Convênio Brasil-Estados Unidos).

16 - Infelizmente a igreja, marco zero da cidade, foi posta ao chão dando fim ao que seria hoje um patrimônio imaterial e de grande valor para os cuiteenses.

Grupos escolares constantes de quatro salas de aulas e dependências administrativas e de uma residência anexa para professores.(...) O Governo já assinou com o Ministério da educação e Saúde quatro acordos para a construção de 13 grupos escolares desse tipo e que foram localizados na cidade de Catolé do Rocha, Jatobá, Bonito de Santa fé, Serra Branca, Cuité e Patos. (...). (MENSAGEM, 1950, p. 78.)

Segundo nossos colaboradores, foram diretoras do Vidal de Negreiros os professores(as): Elça Carvalho da Fonseca, Maria José Bezerra, Maria Anita Furtado Coelho, Noêmia Viana Campos, Vera Lúcia, Maria das Neves Santos, Selma Lúcia de Almeida, Maria das Neves Dantas de Moraes, Maria Camélia Pessoa da Costa, Juraci Felinto de Lima, Naudiene Nascimento, Maria Daguia Lopes, José Zito de Lima, José Euflávio da Silva e, atualmente, Eliane de Brito Freires Lima.

O Vidal de Negreiros, como primeira escola formal, permanece na memória de muitos cuiteenses, que lembram das filas na entrada, com a vistoria de D. Camélia observando roupas, calçados: “todo mundo ia de farda quem não estivesse, voltava. Se estivesse doente de um pé, o outro ia calçado”, diz dona Camélia; do cantar do Hino Nacional com a mão no peito ao hastear a bandeira; dos desfiles de 7 de setembro; das provas orais; do respeito aos professores (ventos da ditadura militar); dos noitários do mês de maio (cultura religiosa local), costumes relembrados em 2012 na festa do reencontro²⁷. Como bem recordou também José Zito de quando aluno do Vidal:

Era uma festa o recreio, naquele tempo a gente chamava recreio. Uns brincavam na grama de futebol, de polícia, outros de garrafão. As meninas, de baleada, de toca. Eu brinquei muito de tudo, de bola de gude, de pião... agora a gente dava muito trabalho a seu Heleno, ele apartou muitas brigas..., mas era coisa de menino, era bom demais aquele tempo.

27 - Em 2012 foi comemorado os 70 anos da escola. Na ocasião estiveram presentes muitos ex-alunos e ex-professores e reviveu-se momentos das histórias, personagens e costumes próprios do Vidal.

O grupo Vidal de Negreiros transformara-se em equipamento de referência educacional. Entre outras demandas, podemos citar que nele funcionava o que hoje podemos chamar de Regional de Educação. Sua diretoria também respondia pela inspeção e organização de escolas da região, dando posse aos professores nomeados, organizando encontros e formatando relatórios. A 4ª Região de Ensino propriamente dita foi criada (desvinculada do Vidal) em julho de 1980, tendo como primeiro Gerente um ex-aluno, o professor José Pereira Sobrinho.

Instituto América

Criado em 1952, este educandário foi fundado pelos senhores Dr. Djalma Barbosa, Dr. Manoel Guimarães, Dr. Rivaldo Silvério, Dr. Orlando Venâncio, Dr. Diomedes Lucas e pelo Padre Barros.

Era uma instituição particular de ensino primário, mas que estava autorizada, por decreto estadual (Decreto nº 460/52), a formar futuros professores do ensino primário. A habilitação desses profissionais se dava por meio do cumprimento do Curso Normal Regional, de duração de cinco anos. Recebia além das mensalidades habituais, subvenções financeiras municipais²⁸ e estaduais, para se manter e possibilitar a melhoria educacional de vida de muitos cuitenses.

Dona Noêmia Viana, relatou a importância do Instituto naquele momento:

Depois veio o magistério feito no Instituto América. Me matriculei lá e fiz o curso de professora. Eu sou diplomada pela escola Normal Regional de Cuité, do Instituto América. Tenho o meu diploma ali guardado. Eu já ensinava no Grupo Vidal de Negreiros, antes de estudar o magistério. Ensinei por mais de 18 anos no Vidal de Negreiros.

28 - Ex. Subvenção de Cr\$ 24.000,00 descrita no livro II, das atas de sessão da Câmara Municipal de Cuité, pág. 67.

Como se observa, o Instituto permitiu a habilitação dos jovens cuiteenses que concluíam o primário, mas não se mudavam para estudar fora. Ou seja, de alguma forma abriu campo de trabalho e possibilitou melhoria na qualificação do ensino cuiteense. Neste momento, o magistério, o normalista, se representava no perfil feminino, dentre quase 100 alunos formados neste Instituto, apenas três eram do sexo masculino.



Instituto América. Década de 1950. Acervo MHC.

Destacamos uma passagem do discurso do seu Diretor, Rivaldo Silvério da Fonseca, quando da instalação, que resume a importância para a educação da época:

Surgiu ele, para o nosso meio, como uma grande estrela, como a estrela da esperança, destinada a iluminar com seu fulgor, o caminho por onde certamente hão de passar, de agora em diante, os nossos moços, àqueles que desejam adquirir e melhorar os seus conhecimentos, de modo a ficarem melhor aparelhados, habilitados à grande luta pela vida. (SOBRINHO, 2005)

Como primeira turma do Curso Normal, Sobrinho (2005) informa as alunas: *M^a Camélia Pessoa da Costa (oradora*

da turma), *Angelita Azevedo Dantas*, *Guiomar da Silva Furtado*, *Luzia Costa de Almeida*, *Maria Diva da Fonseca Santos*, *M^a José Dantas*, *Maria Onilda Farias*, *Neusa B. Cavalcante*, *Noêmia Viana Campos*, *Rosilda F. Santos* e *Terezinha M. Andrade*.

O instituto funcionou na esquina entre as ruas João Pessoa e Eptácio Pessoa, transferindo-se em pouco tempo para a Rua 15 de Novembro, permanecendo ali até 1969, dando lugar à Escola Estadual de Cuité, hoje denominada Escola Orlando Venâncio dos Santos.

Na lembrança de nossos colaboradores, fechou as portas aquele prédio ainda a ser rebocado por fora, um espaço no qual ensinavam vários “doutores” e formava-se diversos professores. Ali com a *Cartilha do povo*, a *Coleção Nordeste*, entre outros livros, ensinava-se Aritmética, Português, Caligrafia, Higiene e Saúde etc.

Escola Profissional Pedro Viana/Clóvis Lima

Além das escolas Vidal de Negreiros e do Instituto América outro espaço educacional que alicerçou a base do educacional cuitense foi a escola Pedro Viana, que disponibilizou em seus primeiros anos de existência o ensino de alfabetização e primário, criada em 1954. Localizava-se inicialmente na rua Eptácio Pessoa. Foi fundada e dirigida até 1970 pelos senhores Manuel Guimarães, Paulo Walker, Gilberto Rolim e Ernane do Valle.



Professoras Socorro Furtado e Ivone Guimarães

Década de 1950. Acervo MHC.

Ampliada, a escola passa a denominar-se Ginásio Comercial Professor Clóvis Lima, na década de 1960, e vincula-se a Fundação Padre Ibiapina; a partir daí já conta com a força motivação da Senhorita Anita Coelho, que passa a cuidar dessa escola até o seu falecimento²⁹.

Anita, a partir de 1970, já na direção da escola, conseguiu parcerias e implementou os cursos profissionais de Magistério e Técnico em Contabilidade. Na mesma década, recebeu a doação do terreno do Sr. Jaime Pereira, e juntamente com José Pereira Sobrinho, iniciaram o alicerce do futuro prédio, na Rua José Américo de Almeida, próximo a antiga Telpa. Porém, somente na década de 1980, com projetos do Governo Federal, fomentado pelo Senhor Willy Pessoa, o apoio da Prefeitura Municipal, e de outras parcerias, o prédio foi finalizado.

Para além do magistério, como foi dito, havia também o curso de Técnico em Contabilidade, que formou boa parte dos servidores dessa área nas prefeituras e escritórios contábeis da região.

Um parêntese: Curso(s) de Admissão ao Ginásio

“Admissão” foi um sistema para selecionar alunos candidatos a vagas ao ensino secundário (ginásio). Sistema instituído em 1931, pelo presidente Getúlio Vargas, no intuito de assegurar uma demanda de cidadãos qualificados para o país, o programa ficou em pauta por 40 anos, até 1971. Depois disso, o primário e o ginásio entraram em um único ciclo: o 1º grau.

A seleção se dava por meio de provas que avaliavam a aprendizagem dos alunos a cerca das disciplinas de Português, Matemática, História e Geografia. Segundo a Lei nº 19.890 de 1931, os alunos deveriam ter mais de 11 anos para cursarem o ano preparatório e submeterem-se às provas de avaliação.

Importante sabermos que a sociedade é uma rede interconectada, conjuntural, e, consequentemente, todas as áreas se comunicam. Por exemplo, tivemos pouca a disponibilidade de escolas no Brasil império, as quais o acesso restringia-se a alguns da comunidade (em sua

29 - Anita Coelho faleceu no dia 21 de dezembro de 1998, na ocasião da colação de Grau de uma de suas turmas, em frente ao colégio em que passou a vida trabalhando. Iniciou seu magistério no Vidal, sendo professora de trabalhos manuais, depois passou a ser diretora daquela escola, porém destacou-se mesmo como dirigente da Escola Professor Clóvis Lima.

maioria da elite). Em outro momento, na era Vargas, na busca pelo desenvolvimento do país, aumenta-se o número de escolas, pois era necessário mão de obra qualificada. Ou seja, no período do império havia uma educação restrita, na era Vargas, maior número de escolas.

Poucos tinham possibilidades de estudo e permanecer na escola era também um privilégio. A sequência dos estudos era carregada de desafios (diversos eram os obstáculos), e o curso de admissão era um deles, um momento “puxado”, mas que definiria o potencial e o futuro do alunado, já que selecionava os alunos para as vagas do ginásio. Passando pelo curso de admissão o aluno poderia estudar o ginásio, estudar cursos técnicos, e a partir disso, ter mais possibilidades no futuro. Seria uma espécie de 5º ano de hoje, como uma seleção de final de ano letivo para avaliar quem estava apto para o ginásio.

A senhora Marília Fonseca Costa, nos relata sobre sua admissão: *“Eu fiz a admissão lá no Instituto América, consegui passar, ainda tenho o livro que utilizamos”*. A Senhora Maria Vilma Almeida de Medeiros nos revela detalhes do dia da prova escrita: *“No dia da prova a pessoa tinha que ter estudado muito, todo o assunto, pois no dia era sorteada três pontos para a prova, ficávamos apreensivos, mas a gente enfrentava e se aprendia muito... lembro da prova oral, também tinha prova oral! Eu lá na hora, sobre História da América, disse tudo de ponta a ponta.”*

Existiram dois cursos de admissão em Cuité: um na escola profissional Pedro Viana (depois Escola Prof. Clóvis Lima) e outro no Instituto América. Não havia admissão no Vidal, segundo os relatos, em razão dos alunos Vidalianos terem a tendência a mudarem para cidades, como Campina Grande, Areia e Bananeiras para dar sequências aos estudos; muitos destes com posses compatíveis para se manter em internatos e conviverem com as idas e vindas temporárias necessárias.



Livro de admissão

Esse exemplar do *Programa de admissão* tem um volume considerável de conteúdo e aborda as disciplinas: Português, Matemática, História e Geografia, com um programa para nivelar o aluno para o ensino mais avançado do ciclo ginásial. Com a Lei nº 5.692, de 1971, a obrigatoriedade da admissão foi abolida e a transição do antigo primário para o secundário passou a ser sem intervenções. Atualmente (2018), essas etapas do ensino são chamadas, respectivamente, de Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II. Durante alguns anos o Colégio Estadual continuou realizando provas seletivas para matrículas de seus alunos.

Continuando nossa caminhada pela história da educação cuitense, segundo Marília e D. Vilma, participou da festa do bicentenário de Cuité (em 1968), a comitiva estadual. Na ocasião, foi solicitado do Governo a implantação de uma escola pública com o ginásio, e depois de algumas considerações e negociações, decidiram pela doação do terreno do Instituto América. A escola nova foi criada em 1970, pelo governador João Agripino e teve como primeiro diretor o advogado Roosevelt Vita, e, como secretária, a funcionária Maria José Dantas, que secretariou a escola dos anos de 1970 até o ano 2000.

Em 1977 a instrução pública passa de primário e secundário, para 1º e 2º graus, o que faz mudar o nome da escola de Colégio Estadual de Cuité para Escola Estadual de 1º e 2º graus de Cuité. Em 1997 a escola passou a denominar-se Escola Estadual Orlando Venâncio dos Santos, homenageando o Diretor do Instituto América. Nessa época também o colégio passa a integrar o CEPES (Centro Paraibano de Educação Solidária – Projeto do Governo Estadual que em Cuité compreendia, além do Orlando Venâncio, as escolas Vidal de Negreiros e Maria das Neves). O projeto trouxe alterações na carga horária dos professores, para oferecer aos alunos escola também no período oposto ao das aulas, na tentativa de oferecer atividades extras para os alunos.

Em 2012, a educação passa por outra reestruturação, na qual deixa a Escola Estadual apenas com o Ensino Médio, porém apresentando uma proposta inovadora para os alunos, bem como período integral, refeição intrajornada e educação física. À noite atende aos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos). Esta escola conta com a senhora Lúcia de Fátima Sena, como a diretora com maior tempo de

atuação, aproximadamente 15 anos. Atualmente (2016), na direção a escola conta com Senhora Helenise Helena Furtado Falcão.

Muitas são as lembranças do Colégio Estadual: dos vestibulares comemorados pelos ex-alunos (cabeças rapadas); dos agradecimentos aos professores; das vitórias nos jogos escolares do Curimataú; dos clássicos de voleibol com o IEC; das feiras de ciências, etc.

IPD - Instituto O Pequeno Doutor

Este Instituto foi fundado em 1979, pela professora Dulcema Furtado da Fonsêca, e seu nome foi sugerido por Camélia Pessoa. D. Dulcema, como todos costumavam chamar, então professora do Vidal de Negreiros, começava a dar aulas particulares na cozinha de sua casa no ano de 1978 e idealizava abrir uma escola para atender à clientela do chamado "jardim" (1ª a 4ª série).

Em seu primeiro ano de funcionamento, foi instalada na rua 17 de julho, com 31 crianças matriculadas. Suas primeiras professoras foram D. Dulcema, Portelina Lucas de Carvalho (*D. Tezinha*), Iracema Ferreira e Maria do Socorro Pontes. No ano seguinte, a escola passou para o endereço onde funciona a atual sede (hoje Unidade I da escola), no final do calçadão Getúlio Vargas.

Além desta unidade, que atende o público infantil, foi instalado a Unidade II, no bairro Planalto da Mansões, cujo ensino compreende os alunos do 1º ao 9º ano. A escola hoje conta com centenas de alunos e realiza as já tradicionais comemorações nas datas festivas, continuando as ações iniciadas por D. Dulcema. Atualmente, a escola é dirigida por Wagner Furtado e sua esposa Ianna Marinho, neta da fundadora.

IEC - Instituto Educacional de Cuité

O instituto Educacional de Cuité, também é parte integrante da educação cuiteense. Criada pelos agentes educativos José Pereira Sobrinho, Maria das Graças Almeida e Hélio Plácido de Almeida, em 1986, o IEC ampliou a rede particular de ensino da cidade. Até 1987, atendeu exclusivamente aos alunos do ensino de 1º grau, neste ano recebeu a

autorização de funcionamento nas dependências do Grupo Escolar Ministro José Américo de Almeida, deixando o seu primeiro espaço (na antiga Rua 04 de Outubro, atual Rua Sebastião Buriti). No ano seguinte, a escola passou a oferecer o 2º grau.

Seu fardamento, alviverde, permanece na memória dos que ali trabalharam e estudaram. A escola também possuía uma fanfarra, que rivalizava com a do colégio Estadual nos desfiles de 7 de setembro. Em 1993, o prédio da escola foi devolvido à prefeitura, fechando as portas deste espaço escolar que abriu janelas do conhecimento a muitos alunos de Cuité e região.

Escola Maria das Neves Lira de Carvalho

Essa escola foi fundada em 1984, sob o Decreto 10.182/84, assinado pelo então governador Clóvis Bezerra Cavalcante (e Giselda Navarro Dutra como Secretária Estadual de Educação). Nele foram estabelecidas mais vagas para o ensino público infantil e primário (hoje Ensino Fundamental I) de responsabilidade do poder estadual no município de Cuité. Até então havia apenas o Vidal de Negreiros nessa condição.

A denominação se deu com o objetivo de homenagear a professora Maria das Neves Lira de Carvalho, “Dona Nevinha”, em nome de sua dedicação à educação de Cuité.

A administração da escola ficou por conta da senhora Zélia Coelho Leite do período de 1984 a 2004. Até 2018 a gestão era formada por Amariles Pontes Medeiros – diretora –, e Cláudia Valéria M. Dantas, vice-diretora.

A partir de 2017, a escola finalizou suas atividades, tendo em vista que o Estado tem estruturado suas metas no ensino fundamental e médio seguindo certas diretrizes, nesse contexto, a Escola Maria das Neves infelizmente ainda não foi reinserida em qualquer programa novo do Governo.

Escola Técnica - ETAC

A Escola Técnica Agrícola de Cuité (ETAC) Dr. Raimundo Asfora – foi construída com recursos federais em parceria com a Prefeitura

Municipal de Cuité, no final da década de 1980, durante a administração do prefeito Jaime da Costa Pereira Filho, em terreno adquirido com recursos próprios pela prefeitura. Como o Governo Federal arcava apenas com recursos para infraestrutura, o seu funcionamento só ocorreu no início de 1992, na administração do prefeito Cícero Cândido da Silva, em parceria com a Fundação Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência (FCBIA), uma vez que já desenvolvendo projeto com 40 crianças e adolescentes em situação de risco no Centro Assistencial Novo Horizonte, dirigido pela assistente Social Maria das Neves Araújo.

A ETAC funcionava em tempo integral para alunos, professores e funcionários, todos eram pagos pela prefeitura. Sua primeira diretoria foi composta pelos professores José Pereira Sobrinho e José Zito de Lima, auxiliados pela assistente social Maria das Neves Araújo.

Os alunos assistiam aulas regulares em um turno e, no oposto, eram acompanhados por monitores, técnicos e agrônomos em atividades práticas de campo, como fruticultura, suinocultura, bovinocultura, aviários de corte e de postura, além de uma diversidade de hortaliças cultivadas em processo de irrigação com uso da água do Olho d'Água da Bica, por declividade, sem uso de fontes de energia.

Toda produção orgânica de verduras, legumes, ovos, maracujá e carnes era destinada ao refeitório para complementação alimentar dos alunos que recebiam três refeições de elevado valor nutricional. No entanto, a escola teve que diminuir a sua ação extensionista, quando foi retirada da educação prática, sob alegação de que seria necessário evitar trabalho infantil, passando assim a funcionar apenas como escola de 5ª a 8ª séries, de forma convencional, até série até 2005, quando se deu o processo de doação da referida escola para a implantação do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (CES-UFCG).

Escolas municipais

Muitas são as escolas municipais cuiteenses ativas, e tantas outras inativas. Na página a seguir, apresentamos um quadro com alguns dados (de 2017) sobre as escolas ativas e sob a jurisprudência do município e da Secretaria Municipal de Educação.

Quadro 1: Escolas municipais da zona urbana

ESCOLAS MUNICIPAIS DA ZONA URBANA	LOCALIZAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO
Escola Municipal Eudócia Alves dos Santos	Rua Marcelino Fialho, 25	Fund. I
Escola Municipal Celina de Lima Montenegro	Rua Manuel Casado Nobre, 417	Fund. I
Escola Municipal Benedito Venancio dos Santos	Rua Assis Chateaubriand, 379	Fund. I
Escola Municipal Tancredo de Almeida Neves	Rua Gilcele Gomes de Araújo	Fund. I + EJA
Escola Municipal Julieta de Lima e Costa	Rua Francisco Theodoro da Fonseca, 626	Fund. II
Escola Municipal Elça Carvalho da Fonseca	Rua José Cassimiro Dantas, 247	Fund. II + EJA

Quadro 2: Escolas municipais da zona rural

ESCOLAS MUNICIPAIS DA ZONA RURAL	LOCALIZAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO
Escola Municipal João Marques Leite	Sítio Olho d'Água	Fund. I
Escola Municipal Professora Alice Cunha Dantas	Sítio Boa Vista	Fund. I
Escola Municipal Leosita Amália de Araújo	Sítio Santa Rita	Fund. I
Escola Municipal Terezinha Gomes de Andrade	Sítio Espinheiro	Fund. I
Escola Municipal Pedro Viana da Costa	Sítio Campo Comprido	Fund. I
Escola Municipal Professor Domiciano de Queiroz	Sítio Distrito do Melo	Fund. I
Escola Municipal Maria das Graças Gomes de Medeiros	Sítio Japi de Dentro	Fund. I
Escola Municipal Antero Ferreira de Lima	Sítio Catolé	Fund. I
Escola Municipal Ismália dos Santos Fonseca	Sítio Pocinhos	Fund. I

ESCOLAS MUNICIPAIS DA ZONA RURAL	LOCALIZAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO
Escola Municipal Nailde Medeiros	Sítio Bujari	Fund. I
Escola Municipal Henrique Pereira dos Reis	Sítio Serra do Bombo-cadinho	Fund. I + EJA
Escola Municipal Jácio Furtado	Sítio Muralhas	Fund. I
Escola Municipal Francisca Simões	Sítio Retiro	Fund. I
Escola Municipal Enoque Medeiros	Sítio Gameleira	Fund. I

Quadro 3: Creches municipais da zona urbana

CRECHES NA ZONA URBANA	LOCALIZAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO
Cheche Dr. Diomedes Lucas de Carvalho	Rua Colina da Lagoa, 146	Infantil
Cheche Municipal Maria Marinete Fialho Furtado	Rua Benedito Bruno Furtado	Infantil
Cheche Maria Cleonice Ramos Sena	Rua 7 de Setembro	Infantil

Quadro 4: Creches municipais da zona rural

CRECHES NA ZONA RURAL	LOCALIZAÇÃO	NÍVEL DE ENSINO
Creche Giolice Gomes de Farias	Sítio Serra do Bombocadinho	Infantil
Creche Maria Anita Coelho Furtado	Sítio Retiro	Infantil
Creche Josefa Bezerra de Souto	Distrito do Melo	Infantil

OUTRAS ESCOLAS (PÚBLICAS E PARTICULARES)

Educandário Peixinho Dourado

O educandário Peixinho Dourado iniciou suas atividades no ano 2000, com 38 crianças de 03 a 05 anos. Localizada na Rua 07 de Setembro, nº 244. É um importante equipamento de iniciação

à instrução educacional, motora e social disponível para as crianças de Cuité. Seus trabalhos são realizados no turno da tarde horário (das 13h às 16h30).

As primeiras professoras foram Fabiana Santos, Edvalda Santos e Joseane Lima, atualmente são: Edvan, Erivan e Nina. A direção e a administração geral é por conta da professora Maria Aparecida de Pontes. Em 2016 estavam matriculadas 55 crianças.

Escola Pedro Henriques

Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Henrique da Silva é um estabelecimento de ensino localizado na Serra do Bombocadinho, zona rural de Cuité/PB, em terreno doado pelo Senhor Damião Henriques e sua esposa Alenita Marques.

Foi criada pelo Decreto Estadual de nº 35.070/14, em 06 de junho de 2014. Disponibiliza o Ensino Fundamental de 6º ao 9ª ano e o Ensino Médio a 200 alunos daquela região, dando maior oportunidade e comodidade, possibilitando um ensino-aprendizagem de melhor qualidade.

Sua inauguração data de 11 de junho de 2016, durante o mandato do governador Ricardo Vieira Coutinho, a escola conta com sete salas de aula com capacidade de 300 alunos, além de disponibilizar também biblioteca, um grande refeitório e toda estrutura de sala de professores e direção. O espaço deste equipamento educacional, segundo a atual Diretora Margarete Machado, é também utilizado para reunião de associações, oficinas e apresentações culturais durante todo o ano.

Colégio IDEA

O Instituto Delta de Ensino Aprendizagem é uma escola particular criada no ano de 2009, pela professora Poliana Simplício e o seu esposo, o empresário Manuel Assis do Nascimento. Teve como primeira sede o antigo prédio do Clóvis Lima, na Rua José Américo. Conforme a administradora, este prédio deixou de atender a de-

manda de alunos, sendo necessário uma nova sede, que atualmente encontra-se funcionando no bairro Planalto das Mansões.

A escola mantém o ensino infantil, fundamental e médio, frequentemente realiza-se exposições científicas e culturais e mantém ações esportivas e de entretenimento no seu estabelecimento.

Centro de Educação e Saúde (CES-UFCG)

Denominado Centro de Educação e Saúde (CES), o campus da UFCG em Cuité foi inaugurado em 2006. Porém, muita coisa aconteceu antes da assinatura do documento de põe a sua instalação.

Para a apreciação e escolha do local a comunidade mobilizara-se pela implantação do campus em passeatas, abaixo-assinados, seminários e inúmeras reuniões, juntando forças políticas locais, Igreja, Rádio Comunitária, ONGs, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Maçonaria, Câmara de Vereadores, colégios, estudantes e professores, que reforçaram o projeto de expansão foi capitaneada pelo reitor Thompson Mariz e aqui executado pelo diretor Márcio Caniello e pelo vice-diretor, Ramilton Marinho, para a instalação em Cuité.



Campus do CES-UFCG-Cuité.

Com a doação da Escola Técnica Agrícola do Curimataú, Raimundo Asfora, pelo Prefeito Dr. Antônio Medeiros Dantas para a instalação do campus, o espaço começou a ser adaptada para o recebimento das primeiras turmas. Em 1º de setembro de 196

2006 foi inaugurado o Centro de Educação e Saúde (CES-UFCG), o campus de Cuité, em um ambiente de natureza ímpar, próximo ao histórico Olho d'Água da Bica de Cuité. De início, as aulas começaram com quatro turmas dos cursos de licenciatura em Biologia, Química, Matemática e Física, ainda em salas improvisadas e em meio às obras.

Com um investimento de mais de R\$ 12 milhões foi construído, nos anos seguintes, um campus moderno, tido inclusive como modelo para o programa de expansão universitária do Governo Federal da época. Aos cursos iniciais somaram-se os bacharelados em Farmácia, Enfermagem e Nutrição. O corpo docente passou de 11 professores para mais de 100, os cargos técnicos-administrativos contavam com mais de 40 funcionários, e os trabalhadores terceirizados já passavam de 200 contratados, até o final de 2018.



Complexo esportivo do CES-UFCG com quadra de tênis, futebol de campo e quadra de vôlei de areia.

Até 2019 o campus contava em sua estrutura com as seguintes instalações:

1. Centrais de aulas
2. Biblioteca central
3. Centrais de laboratórios
4. Central administrativa
5. Central com as unidades acadêmicas e coordenações
6. Laboratório de informática

7. Restaurante universitária
8. Residência universitária
9. Centro de vivência
10. Almoxarifado
11. Garagem e veículos
12. Ginásio
13. Complexo com quadra de tênis, futebol de campo, e uma quadra de vôlei de areia
14. Biotério

Como desdobramento de suas atividades acadêmicas, o campus abriu uma pós-graduação *stricto sensu* (mestrado) em Ciências Naturais e em Biotecnologia e desenvolve projetos de pesquisa e extensão nas áreas de educação e saúde com bolsas para alunos em programas como PIBIC, PROBEX, PIBID e monitoria. Além disso, o campus de Cuité participa do REUNI e possui um Restaurante Universitário com capacidade de servir 1000 refeições por dia no intuito de garantir a permanência e a qualidade de aprendizado dos seus alunos.

O CES-UFCG também vem contribuindo com a cultura da região de diversas formas: com a abertura do Museu do Homem do Curimataú (em 10 de março de 2010), espaço que possibilita o diálogo com escolas e comunidades em um espaço de reconhecimento histórico; através do Festival Universitário de Inverno, que acontece normalmente entre agosto e setembro de cada ano; e com a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, que busca unir ciência, tecnologia, arte, cultura, além de criar uma interação entre a universidade com a comunidade em um processo ampliado de inclusão e participação social e educacional. O Horto Florestal do Olho d'Água da Bica também é um espaço de integração da universidade com a cidade e é destinado à preservação e à pesquisa ambiental.

Merecem também registros todas as escolas que contribuíram para a educação de Cuité, mas que por razões diversas não estão mais ativas ou não foi possível descrever seu histórico, no entanto, permanecem na lembrança de alunos, professores e equipes de trabalho em geral. Algumas delas: Escola Papa Pio XI, Escola São João Batista, Cooperativa Educacional e Colégio Millenium.

Outros equipamentos públicos de instrução e pesquisa

Nome	Localização	Ano de criação
Museu do Homem do Curimataú – CES-UFCG	Rua 15 de Novembro	2010
Biblioteca José Dias dos Santos	Centro de Educação e Saúde (CES-UFCG)	2006
Biblioteca municipal José Rodrigues - PMC	Praça Cláudio Gervásio Furtado	-

Alguns projetos educacionais ao longo da história

NOME DA ESCOLA	PERÍODO DE ATUAÇÃO	ENSINO
CRUZADA ABC	DÉCADA DE 1950/60	ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS
MOBRAL	DÉCADA DE 1970/80	ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS
PROJETO MINERVA	DÉCADA DE 1980	ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS
FUNDAÇÃO EDUCA/CENEC	DÉCADA DE 1980	ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS
PROJETO LOGOS II	DÉCADA DE 1980/90	FORMAÇÃO PARA DOCÊNCIA
PROFORMAÇÃO	DÉCADA DE 1900/00	FORMAÇÃO PARA DOCÊNCIA
CONVÊNIO UEPB/PMC	DÉCADA DE 2000	FORMAÇÃO PARA DOCÊNCIA
EDUCAÇÃO SOLIDÁRIA	DÉCADA DE 2000	ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS

Por fim, informamos que o tópico acima é formado por fragmentos da história da educação do município de Cuité até então possíveis reunir. Com a ajuda de antigos professores, instituições e colaboradores da comunidade em geral demonstramos parte da trilha percorrida pelos agentes que fundamentaram a educação que existe atualmente, sejam como alunos, professores ou funcionários. Todos os nomes aqui mencionados são sujeitos indispensáveis para a construção do nível de educação que possuímos atualmente, pois foram eles que realizaram o alicerce. Cabe a nós manter empenho similar para oferecer às gerações atuais e futuras condições de formação intelectual que garanta ao cidadão cuitense plena liberdade de escolha profissional e dignidade social.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Israel da Silva et al. *Vestígios da história da educação cuitense do século XX*. Artigo apresentado no encontro Extensão da UFCG/2014, confeccionado pela equipe do projeto Conversando com o passado parte III – Educação.

BRASIL. Lei nº 1.827. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm> acesso 15 d out 2015.

CURY. *Métodos de Ensino e Formas de Controle sobre o Cotidiano Escolar na Inst. Pública da Parahyba do Norte (1835-1864)*. III Congresso Brasileiro de História da Educação.

Educação Escolar em Perspectiva Histórica (2004). Disponível em: sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/185.pdf Acesso em: out./2016.

IMPrensa Oficial-PB. *Atividade do Governo do Estado da Paraíba*

ba. 1942. Disponível em: <<https://archive.org/stream/atividadesparaiba1942ruyc#page/n7/mode/2up>>. Acesso em: out/2015.

LIVRO DO MUNICÍPIO DE CUITÉ. Projeto Gincana Cultural/1983 – Descubra a Paraíba. João Pessoa; Mobral, 1983.

MENSAGEM, Assembleia da Paraíba, 1950. Disponível em <https://archive.org/stream/mensagemparaiba1950esta#page/n81/mode/2up>. acesso em: out/2015.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a Cultura Popular Revisitada*. São Paulo: Contexto, 2003.

PIMENTA, Pedro Simões. *O Diário de Vovô Pedro*. Autobiográfico, João Pessoa-PB: Unigraf, 1986.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, José Sobrinho; *Cuité, Terra Nossa*; Cuité-PB. Editora Fênix.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.

_____. *Memória e Identidade Social*. In estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1992.

ROCHA, Danielle Martins. *Notas sobre o ensino primário no Município de Cuité-PB 1930-1950*. João Pessoa-PB, monografia apresentada na UFPB, ano 2006.

SANTIAGO PE. L. S. *Serra do Cuité, sua história, seus progressos e suas possibilidades*. João Pessoa-PB; oficina geral d'A imprensa – João Pessoa-PB, 1936.

4º Momento

Passado, presente e futuro
de 1968 a 2068

Nótulas etnográficas sobre a cidade de Cuité *meio século de mudanças: de 1968 a 2018*

Aécio Cândido²

Uma cidade abraçada por uma economia rural marcadamente camponesa

Em finais da década de 1960, a economia de Cuité era ainda fundamentalmente agrícola: agave e mandioca garantiam a sobrevivência de muita gente. O agave era uma cultura destinada ao mercado, diferentemente do feijão, da fava, do milho, da batata, do jerimum, da mandioca e das frutas, produzidas para o consumo da família, em primeiro plano, e só supletivamente para o mercado.

A indústria restringia-se a uma usina de refino de sal, uma de beneficiamento de agave e de fabricação de cordas. Em décadas passadas, existira uma fábrica de macarrão e outra de sabão. E uma pequena indústria de produção de molho de tomate e pimenta, o Molho Marajá, de seu Limeira, na Rua João Pessoa. Havia também o enchimento de Chico de Zuca, que fabricava uma bebida com gosto de refrigerante. E as casas de farinha, agroindústria importante, em bom número, quase dentro da cidade.

O comércio era pequeno e pouco diversificado. Não havia muito a quem vender, apesar de boa parte das comunidades rurais da chá da Serra, mesmo as de outros municípios, incluindo alguns do Rio Grande do Norte, se abastecer em Cuité.

2 - Nascido na Rua 25 de Janeiro em 1956, em uma casa que desapareceu no final dos anos 1970 para dar lugar ao cruzamento com a Rua Pedro Gondim. Essa casa, construída nos anos 1940, foi das primeiras construções em alvenaria da Rua 25 de Janeiro. Até então, esta era uma rua de casas de taipa. Foi o primeiro cuitense a estudar no Ginásio Agrícola de Currais Novos, escola federal, pública, com regime de internato. Entrou em 1968, depois de aprovado em seleção. Três anos depois, entre cidades da Paraíba e do Rio Grande do Norte, Cuité era a cidade com maior número de estudantes nessa escola – em torno de 15 estudantes. Aécio Cândido também é Engenheiro agrônomo e doutor em sociologia. Professor aposentado da UERN (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte), poeta, publica quinzenalmente uma crônica ou um artigo de opinião no jornal *De Fato*, de Mossoró (RN) e é membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte.

Dizem os entendidos que a produção familiar, de sobrevivência, restringe o mercado. Compreende-se: o que se produz em casa não se compra fora. Portanto, a cesta básica do agricultor era pequena. A maior parte da alimentação provinha do próprio roçado, da produção de lavoura. Pouca coisa se comprava no comércio. Comprava-se açúcar, para adoçar o café no bule ou durante a torra dos grãos inteiros; comprava-se a rapadura, para substituir o açúcar na torra do café ou para a sobremesa de todo dia e para o lanche de toda hora.

Até a década de 1970, em muitos sítios da chã da Serra ainda se plantava café, sombreado pelos pés de cajueiro.

Comprava-se um pouco de carne. Mas quase toda gente, mesmo na cidade, criava galinhas e porcos. Desse modo, em algumas refeições do ano, nos dias festivos, a carne provinha de bichos criados no quintal ou próximos a ele.

Mas a caça também, com muita frequência, supria as fontes de proteína requeridas pelo corpo: caçava-se preá a qualquer hora do dia, mas sobretudo nos finais de tarde ou no início da manhã, seguindo-lhes as trilhas entre as touceiras de agave. Galinha-d'água, marreco, rolinha, nambu, tejuacu, peba, todos estes animais eram caçados e terminavam no prato de muitas famílias. Mesmo o veado, para os mais afoitos, era caçado, em geral no mês de outubro. Há 50 anos, na região do Barandão, a leste da cidade, ainda havia uma certa abundância desses animais.

Para a caça, havia em quase toda casa “de ponta de rua” (periferia), e nas dos sítios, uma espingarda bate-bucha sempre carregada. Compravam-se também tecidos e utensílios de casa.

A divisão social do trabalho numa economia camponesa

Também dizem os entendidos que na economia camponesa é muito pouca a divisão social do trabalho. Há uma forte divisão em função do gênero, trabalho de homem e trabalho de mulher, mas poucas profissões especializadas. De modo que a construção da casa de taipa, na periferia e no sítio, dispensava os saberes do pedreiro e nem chegava a se imaginar a existência de arquitetos e engenheiros. Era um saber que todo homem possuía e que usava para construir a sua casa e para ajudar na construção da do vizinho. Até os anos 1970,

era comum a construção de casas em tijolo cru. Todo mundo sabia e podia fazê-los se a família fosse grande e disposta ao trabalho. A matéria-prima estava no quintal de todos: barro e água. Era só juntar a disposição de amassá-lo com os pés e tudo estaria arranjado. Uma forma de madeira, muito simples, dava forma ao barro e a exposição ao sol dava-lhe rigidez. Tinha-se aí um material bastante resistente aos anos e às intempéries. É uma pena que essa tecnologia praticamente desapareceu. O tijolo de cerâmica, cozido, vindo de outras regiões, desbancou o tijolo cru e encareceu as construções.

O mobiliário, rústico, limitado a troncos de madeira com pés incrustados, à guisa de assentos, e os tamboretos toscos dispensavam o trabalho do marceneiro. Mas, na cidade, a marcenaria era uma profissão. Havia alguns marceneiros. Como costureiras, alfaiates e sapateiros. Até que, no decorrer dos anos 1970, chegassem as lojas de móveis e eletrodomésticos (*A Sertaneja* foi a primeira delas), vendendo móveis de aglomerados à prestação, e as lojas de roupas e de calçados e colocassem em crise esse artesanato e seus profissionais.

O agricultor, no seu sítio, plantava, criava alguns bichos, construía sua casa, cortava o cabelo dos filhos, consertava a bicicleta e suas ferramentas de trabalho, curava as bicheiras dos animais. Era um trabalhador múltiplo, sem especialização. Na cidade havia uma maior divisão do trabalho. Eram profissões e delas se vivia: sapateiro, marceneiro, barbeiro, marchante, merceeiro, fotógrafo, pedreiro, funileiro, mecânico, cabeleireira. No final dos anos 1960, ainda existiam algumas louceiras, fabricantes de louça de barro: panelas, tigelas, alguidares, potes e cuscuzadeiras. E começavam a aparecer as manicures.

Uma economia não plenamente capitalista

Essa economia pouco especializada, existente nas franjas de uma economia mais robusta e distante, abrigava lacunas não capitalistas. A primeira vez em que vi um maracujá ser vendido foi no começo dos anos 1970, em Currais Novos. Em Cuité ninguém vendia maracujá. Também não se vendia mamão, caju, graviola e pinha. Quem não tinha essas frutas no quintal, tinha um parente ou um amigo que as tinha, no quintal ou num sítio, e as recebia como presente.

Frutas mais raras ou já inseridas num mercado extra-local eram vendidas na feira: laranja-cravo, carambola, pitomba, jabuticaba, jaca e abacaxi, por exemplo.

Embora fosse possível produzir jabuticaba na chá da Serra, não era comum o seu plantio. Havia um pé na Casa Paroquial nos anos 1960. Creio que não atravessou outras décadas.

Por essa época, começou-se a vender castanha. O caju continuava sem valor de troca (era consumido pela família, dado aos porcos ou presenteado aos amigos), mas a castanha ganhara um mercado.

Atividades econômicas e espaços de sociabilidade

A casa de farinha

Há 50 anos, a casa de farinha era um lugar de produção importante na economia local. Havia pelo menos seis delas num raio de dois quilômetros a partir do centro da cidade. Ali se produzia a farinha, a goma e o beiju de forno.

Trabalhavam nesse serviço os carregadores, transportando a mandioca do roçado para a casa de farinha, em mulas ou jumentos carregados de caçuás, as raspadeiras, as cevadeiras, o preenseiro e o forneiro. Era notável a divisão do trabalho.

Algumas dessas unidades, mais modernas, eram mecanizadas: usavam o motor a diesel para girar o rodete, triturar a mandioca e transformá-la em massa, substituindo, neste aspecto específico, a força motriz humana. A prensa, equipamento fundamental para, por pressão, retirar toda a umidade da massa, era de ferro nas casas de farinha modernas. Nas tradicionais era de madeira.

O líquido que escorria da massa triturada era chamado de manipueira, uma palavra visivelmente indígena. É o mesmo tucupi, que no Pará, depois de fervido longamente, é ingrediente em muitos pratos da gastronomia local. Em Cuité, a manipueira sempre foi jogada fora. É um líquido tóxico, devido ao ácido cianídrico de sua composição, mal cheiroso. Os passarinhos morrem se o beberem. Era descartado em pequenos barreiros.

Nordestino familiarizado com a agricultura não confunde ma-

caxeira com mandioca: uma tem uma alta concentração de ácido cianídrico, tóxico, a outra praticamente não tem. Quando se usa a mandioca como ração para o gado, e mesmo apenas a casca, descartada no processo de fabricação da farinha, tem-se o cuidado de deixá-la descansar secando ao sol durante alguns dias antes de levá-la aos comedouros.

Era moderna, desde o início dos anos 1960, a casa de farinha de seu Jaime (Jaime Pereira, ex-prefeito de Cuité). Depois da dele, também a de Manuel Felipe, que se modernizou nos anos 1970. Ficava na Bela Vista e tinha um equipamento a mais: um forno mecanizado. O forno, redondo, com fundo de ferro, dispensava o forneiro para mexer a farinha. Um veio de ferro, fazendo circular um sistema de pás, realizava esse serviço. Manuel Felipe era um produtor rural de poucos estudos, mas de espírito empreendedor. Foi vereador, cumprindo vários mandatos, e foi ele quem introduziu na Serra a algaroba, planta exótica trazida dos desertos do Peru para Pernambuco. O gado engordava com a sacarose de suas vagens.

A casa de farinha, reunindo dezenas de pessoas, do amanhecer do dia ao início da noite, algumas vezes entrando noite a dentro, era um lugar de festa, de muito riso e diversão. Boa parte das raspadeiras estava ali por amizade ao dono da farinhada, para ganhar um bolão de massa ou uma porção de goma e fazer beiju para o café ou a ceia da família. O ajuntamento providenciava o lazer: histórias de trancoso, causos, poemas, piadas e canções alegravam a jornada. E o almoço coletivo, cozinhado numa única panela com as porções que cada um trazia. Namoros nasciam ali.

Em 2010, o *blog* História de Cuité, de Jônatas Rodrigues Pereira, dava conta de que a casa de farinha da família Vieira, próxima ao Parque de Vaquejada, embora em situação bem precária, ainda funcionava. A Casa de Farinha das Moças, hoje dentro do perímetro urbano, no Planalto das Mansões, virou um museu particular, graças ao empenho e desprendimento de Charliton Machado, cuiteense, professor da UFPB. Hoje não há mais nenhuma casa de farinha nos arredores da cidade. Nem em nenhum outro ponto da chã da Serra.

O Olho d'Água da Bica

Lavagem de roupa

A lavagem de roupa no Olho d'Água da Bica era outra instituição da época. Há 50 anos, o Olho d'Água era uma das poucas fontes de água para o consumo doméstico e a lavagem da roupa.

Os jumentos, cada um com dois pares de barris de madeira, de mais ou menos 20 litros cada, tangidos por crianças ou por homens feitos, cruzavam-se na ladeira numa movimentação intensa. Dora Cândido, morador da antiga Rua do Louro (Rua 25 de Janeiro), era o mestre fabricante de barris. Gente de mais perto, da Rua da Aliança e da Rua do Olho d'Água (Quintino Bocaiuva), levava água em galões: uma trave de madeira com duas latas de 20 litros em cada extremidade. Era preciso muita força e resistência para subir a ladeira com tamanha carga.

O espaço das lavadeiras, a algumas dezenas de metros do lado oeste do poço, era outro ambiente festivo. Não havia ainda lavanderias construídas. A roupa era lavada sobre pedras. Algumas lavadeiras tinham a lavagem de roupas como profissão e vinham ao poço quase todos os dias. Outras, donas de casa ou filhas mais velhas, vinham uma vez na semana, para a lavagem da roupa doméstica. Mulheres com trouxas enormes equilibradas na cabeça desciam e subiam a ladeira. A roupa de algumas famílias maiores vinha no lombo de jumentos.

Dezenas de mulheres trabalhando próximas, ajudadas por filhos ou netos adolescentes, que ali estavam para carregar água e abastecer as bacias e alguidares junto à pedra de roupa, criavam um clima de festa permanente, com risadas, chistes e histórias que se cruzavam. Grandes panelas de barro colocadas sobre trempes cozinhavam o almoço coletivo. Em geral, fava com pedaços de toucinho, arroz e farinha. A atividade durava o dia todo, começava na manhã cedo e se estendia até o final da tarde. Pela manhã, ensaboava-se a roupa e se punha para quarar sobre uma superfície de pedras ou em arames estendidos. Depois do almoço, enxaguava-se e punha-se novamente para secar.

Lurdes Gomes, moradora da Rua 25 de Janeiro, era uma dessas lavadeiras profissionais. Viveu, todo o tempo que a saúde permitiu, como lavadeira de “roupa de ganho” e engomadeira.

A cidade possuía um lugar mais estruturado, com lavanderias relativamente confortáveis, mas sem o ambiente festivo que havia no Olho d'Água. Nestas, a água vinha por uma canalização até os pequenos tanques de cimento ao lado do local de lavagem. Não carecia de menino para transportar água. Pertencia a Jovino Pereira, que também era proprietário do cinema, e que cobrava por elas uma taxa de uso. Ficava na beira da Lagoa, no meio de um sítio de fruteiras e de hortas de coentro, cebolinha e alface. Mocinha, moradora da Rua da Lagoa, tornou-se conhecida de todos na cidade: vendia diariamente, de porta em porta, essas hortaliças.

Hoje, se a máquina de lavar não é um eletrodoméstico universalizado na cidade e se permanece ainda restrito às residências de uma classe média mais abastada, o tanquinho é o adjutório presente em quase todos os lares. Embora ele não entregue a roupa centrifugada e quase seca, poupa bastante trabalho e alivia o esforço feminino, deixando às mulheres algum tempo livre. Apesar de toda a tecnologia a serviço do trabalho doméstico, os homens ainda são mestres em se furtarem a ele.

O motor de agave

Nita Raposo, moradora da Rua 25 de Janeiro, foi uma mulher de negócios num universo de homens. Comprava e vendia agave. Tinha vários motores. Como as casas de farinha, que, mediante um aluguel, em espécie ou em produto, recebiam a mandioca para transformá-la em farinha, os motores recebiam o agave para extrair-lhe a fibra e transformá-la em produto de venda. Daí ela saía para as indústrias, para virar corda, barbante, estofado, vassoura, espanador e tapete. Dona Nita também tinha os seus próprios campos de agave. Casada, tinha marido e filhos, mas a vocação empreendedora a colocava à frente da administração da propriedade, dos motores e do comércio.

Até o fim da década de 1970, ainda se ouvia o zumbido agudo dos motores de agave nas madrugadas de Cuité. A jornada começava cedo, de três pra quatro horas da manhã. Quem se levantasse nesse horário, para embarcar para Campina Grande ou Natal nos ônibus da São José ou da Jardinense, deparava-se com o som longínquo, quebrando o silêncio, em concorrência com o vento e com um ou ou-

tro apito do guarda-noturno. Na parte oeste da cidade, à distância de um quilômetro das últimas ruas, alguns desses motores, instalados no meio de campos de agave, avisavam na madrugada que nem todos estavam dormindo e que a vida não estava parada.

O comércio e a feira como centro do comércio

Há 50 anos, o comércio se dividia entre as mercearias – ou bodegas – e a feira. Era a atividade comercial mais forte. As bodegas para a compra dos gêneros menos perecíveis, durante a semana, e a feira para a da mistura, na segunda-feira – carnes, frutas e verduras; mas também cereais. As bodegas vendiam também querosene, que era o combustível da iluminação doméstica, alimentando lamparinas e candeeiros, e sabão, anil e outros produtos da limpeza doméstica, além da cachaça, de fabricação própria, conhecida como “papuda”, que deixava a feira mais alegre e, às vezes, com mais trabalho para os dois ou três soldados do destacamento de polícia.

Além das bodegas, umas três padarias, igual número de farmácias, algumas lojas de tecidos e de aviamentos (miudezas) e quatro ou cinco bares completavam a rede comercial da cidade. Ainda não havia o supermercado.

A dinâmica maior do comércio concentrava-se na segunda-feira. Frutas e verduras só eram disponíveis nesse dia. Na semana, apenas a bacia de Mocinha, de porta em porta, a oferecer a variedade de dois produtos: coentro e cebolinha, mais raramente, alface.

Os utensílios domésticos, boa parte deles de barro ou de zinco, eram comprados na feira do mangalho, uma divisão especializada e atraente da feira geral. Representando a produção local, havia, até os anos 1970, um mestre especialista no ofício de confeccionar em zinco bacias, baldes, chaleiras e outros artefatos da cozinha. Era funileiro e chamava-se Xingão, um moreno alto, de voz tonitruante. O alumínio, primeiro, o plástico, algum tempo depois, sepultaram esse ofício artesanal.

Os supermercados introduziram a ideia de que o abastecimento doméstico pode ser feito em qualquer dia da semana. No início, aí pelos anos 1990, com raras ofertas de frutas, verduras e carnes. Hoje,

com tudo isso. Por outro lado, uma miniatura da feira livre tornou-se também diária, com quase uma dezena de bancas funcionando até ao meio-dia no mesmo espaço da feira geral, o Arraial da Serra.

A expansão da cidade, o crescimento da população, por um lado, expandiram o comércio. Por outro, a produção industrial em larga escala localizada nos grandes centros e atrelada ao marketing do consumismo sufocaram a produção artesanal e agrícola local. Curiosamente, alguns produtos tradicionais, impulsionados pelo ideal de vida saudável, têm ressurgido, como a massa de mandioca para beiju e a massa de mandioca mole para bolos, cuscuz e mingaus (que não eram mercadoria há 50 anos), a goma, a batata, a macaxeira e uma série de produtos cultivados organicamente pela agricultura familiar.

Bem recentemente, instalou-se nas sextas-feiras, ao lado da Igreja Matriz, também até ao meio-dia, uma feirinha da agricultura familiar, com uma dezena de bancas. Lá se vendem frutas, verduras, legumes e alguns produtos de uma agroindústria doméstica provenientes de assentamentos rurais.

A feira livre, porém, continua com algumas características tradicionais e particulares. Por exemplo, enquanto em algumas cidades maiores do que Cuité a feira semanal mal chega às 14h, em Cuité ela vai até à noite. Às 19h é ainda intenso o movimento, e criou-se a ideia, que parece ser verdadeira, de que a partir das 16h há uma baixa generalizada nos preços. O que se nota, no entanto, é que alguns produtos (tomate, mamão, melão) são reabastecidos com produtos novos, por carros recém-chegados de seus destinos (Seridó Potiguar, Brejo Paraibano), para esse segundo tempo da feira.

O núcleo urbano: vizinhança, comunidade e expansão da cidade

Há 50 anos, o núcleo urbano de Cuité era talvez menos de um terço do que é hoje. Para onde se caminhasse, em qualquer das quatro direções, se toparia com plantações de agave e de mandioca que começavam logo depois das últimas casas. Até meados dos anos 1970, Cuité era uma cidade em que todos se conheciam.

O traçado urbano era irregular e cheio de vazios. A Rua 25 de

Janeiro terminava antes do Fórum, que não existia. O que se seguia era apenas uma linha de casas, pequenas, baixas, de taipa ou de tijolo cru, no lado direito da rua, avançando para o Oeste. O lado esquerdo era ocupado por sítios e pelo campo de futebol.

Para os lados do Olho d'Água, por trás da Rua 25, ficava o matadouro (“a matança”, como se dizia) e o Mercado Público. Nessa porção da cidade, tudo o mais era vazio urbano, terras de Jaime Pereira, que depois foram doadas para construção de casas, surgindo a rua Pedro Gondim e suas transversais. O traçado urbano ia ressurgir na Rua Quintino Bocaiuva, que nasce no pequeno largo das Três Portas, antigo mercado público e salão de baile, na ponta do edifício de Seu Quinino, e desce rumo ao Olho d'Água da Bica.

Toda a rua já existia no final dos anos 1960, embora, do lado esquerdo de quem segue para o Olho d'Água, houvesse ainda alguns sítios, emendando com a Lagoa de Seu Jovino, onde se plantavam capim e fruteiras. Mais para o sul, sempre à esquerda, já perto da Cadeia Pública, prédio que existia desde antes, havia um campo de corrida (parque de vaquejada).

No lado norte da Rua 25 de Janeiro, o traçado urbano terminava no Grupo Escolar Vidal de Negreiros e ressurgia, algumas centenas de metros depois, num arruado de casas pobres e baixas, algumas ainda cobertas de palha, formando uma rua única, estreita e irregular, a Rua do Eucalipto. O topônimo era óbvio: um grande eucalipto dominava a paisagem, olhando por cima das casas miúdas.

Por trás do Grupo, havia o sítio de Josias Canuto, com uma plantação de capim e uma cocheira, creio, ladeado por campos de agave. Muitas veredas aí se cruzavam. As que levavam à Rua do Eucalipto e as que conduziam aos chiqueiros dos porcos. Havia muitos, mais de uma dezena, talvez duas. Os proprietários daquelas terras permitiam que, pela proximidade da rua e pela ociosidade da terra, se instalassem ali esses chiqueiros.

Muitas famílias da Rua 25, da Rua 4 de Outubro (Caetano Dantas) e das imediações aproveitavam as sobras de comida de casa (a “lavagem”) para a alimentação dos porcos. Era barato fazer um chiqueiro, quase nada de gasto, só trabalho e tempo, sempre farto. Algumas

dezenas de pendões de agave, abundante em todas as direções, fáceis de retirar, aparar e conduzir, quatro estacas mais firmes e alguns pedaços de corda ou arame para juntar as peças. Estava feito o pequeno curral. Não era grande a durabilidade do material, mas, com alguns reparos a cada ano, a construção se mantinha.

Zé de Ana era um morador do Eucalipto. Moreno forte, simpático, eternamente sorridente, era visto na segunda-feira, no final da tarde, empurrando um carro de mão, à noite em frente ao cinema e, durante a semana, a qualquer hora, no centro da cidade. Zé de Ana possuía uma famosa coleção de discos de vinil em 78 rotações, guardada com zelo num grande baú. Os discos em 78 rotações, fora de uso, foram substituídos pelos LPs (*long plays*) de 33 rotações, uma tecnologia mais avançada. Esses discos antigos, com o melhor do repertório dos cantores da Era do Rádio, eram sua paixão. Tanto quanto os filmes de faroeste. Se alguém, no outro lado da rua, passasse por ele e lhe apontasse os dedos simulando um revólver e simulasse também se proteger em posição de tiro, ele, na outra calçada, caía rolando, como defesa, e “atirando” em resposta. Não tinha quase sossego, o coitado. Eram muitos para atirar e só ele para se defender.

Zé era um dos clientes mais assíduos do cinema de Seu Jovino. Na segunda-feira o cinema lotava. Tanto porque o filme era, quase sempre, um faroeste, e neste caso a oferta casava em gênero, número e grau com a demanda, como porque, dia de feira, era quando praticamente todos dispunham de algum trocado. Mesmo as crianças que não podiam contar com uma mesada dos pais, trabalhando como garotos de frete ou fazendo pequenos serviços para algum comerciante, ganhavam o dinheiro do cinema.

Zé de Ana tinha um carro grande de madeira, um modelo comum na cidade, chamado carro de mão, que servia ao transporte de pequenas cargas. Era uma espécie de carroceria retangular montada sobre quatro rodas, duas fixas na parte de trás e duas menores ligadas a um eixo estreito, na parte da frente, móvel, responsável pelas manobras do veículo. Uma circunferência de ferro, na altura da cintura do condutor, ligada por um ferro ao eixo das rodas móveis, passando por baixo de toda a extensão do carro, servia de direção. O que o movia

era a força do condutor, empurrando-o.

Hoje, chama-se “carro de mão” o veículo usado na construção civil para carregar massa e outros materiais, com um único pneu, e a estrutura em forma de uma larga bacia de ferro. Há 50 anos, esse equipamento era chamado de “carroça”. O carro de mão, que nunca vi em nenhum outro lugar (como também nunca vi outra igreja com uma fachada parecida com a da Matriz de Nossa Senhora das Mercês), desappareceu de Cuité. Parecia uma invenção local, como a roladeira, nascida em Mossoró (RN) graças ao gênio de um artesão português.

Economia hoje: novos ramos de comércio, o setor de serviços e novas profissões

Na década de 1970 chegaram as primeiras lojas de eletrodoméstico, vendendo à prestação. Mudou o mobiliário doméstico. A madeira cedeu lugar aos aglomerados. E as casas de sítio começaram a perder as características de casas de sítio e, no mobiliário e na decoração, começaram a se parecer com as casas da cidade.

Multiplicaram-se os ramos de comércio. Hoje, são muitas as lojas de ração de animais, de eletrodomésticos, de roupas, de cosméticos, de autopeças, de peças para bicicletas, de material de construção, de utilidades domésticas. Há um bom número de madeiras, vidraçarias, óticas, farmácias, bares, sorveterias, padarias, restaurantes, espetinhos, pequenas galeterias e postos de gasolina. Alguns mais críticos e cáusticos colocariam nessa mesma esfera o florescente comércio da fé. Quase toda rua conta com algum tipo de igreja pentecostal.

Multiplicaram-se também os serviços. Animais de estimação, festas, decoração, beleza, informática e lazer transformaram-se em esferas econômicas, expressando necessidades que não existiam, e passaram a demandar serviços de várias naturezas e, conseqüentemente, estimular o surgimento de profissionais especializados.

Os serviços de medicina disponíveis na cidade dão bem uma ideia das mudanças nessas cinco décadas. Há 50 anos, em Cuité, todo o campo da medicina resumia-se a duas áreas: clínica geral e odontologia. E a dois tipos de profissionais: o clínico geral e o dentista.

A década de 1960 começou com a obstetrícia sendo ainda do-

minada pela parteira, mas se encerrou com o reinado do médico. Maria de Eliseu foi a parteira consagrada, responsável pelos partos de quase toda Cuité. Os partos ocorriam em casa, e as mulheres passavam um mês de repouso, “de resguardo”, alimentadas por sopa de capões, que era o frango castrado e engordado com esse fim, técnica que se perdeu também por esse tempo, quando as mulheres deixaram o quarto de casa para irem parir na maternidade.

Em Cuité, hoje, há profissionais da saúde atuando nos seguintes campos: clínica geral, ginecologia e obstetrícia, ortopedia, oftalmologia, dermatologia, bioquímica, nutrição, fisioterapia, odontologia (e vários ramos especializados dela), enfermagem, psiquiatria, cardiologia, anestesologia e mastologia. Em março de 2016, organizado pela ONG Mulheres de Peito e pela Paróquia de Nossa Senhora das Mercês, a cidade recebeu o **I Encontro dos Médicos Filhos de Cuité e Convidados**, oferecendo durante três dias atendimento gratuito em mais de uma dezena de especialidades.

E a cidade se povoou de outras profissões e de outros profissionais. Advogados, professores, bancários, eletricitas, técnicos em informática, fotógrafos, garçons, cabeleireiros, manicures, depiladoras, músicos, cantores, radialistas, jornalistas e servidores públicos existem hoje, relativamente, em muito maior número do que existiam em 1968. E algumas dessas profissões ou não existiam antes ou não eram um campo de trabalho onde alguém pudesse obter renda para sustentar a família.

No momento, assiste-se ao ressurgimento da profissão de barbeiro: aquele profissional que esculpe e mantém tratadas as barbas masculinas. Durante algumas décadas, com o advento dos barbeadores descartáveis e das facilidades que eles patrocina ao cuidado com a barba, a profissão desaparecera. Ressurge agora com a moda de jovens barbudos e cultuadores da imagem, diferentemente da geração dos anos 1960 e 1970 que, *hippies* ou revolucionários, se optavam pelo uso da barba, não optavam por cuidar dela.

Desapareceram as profissões de parteira, benzedeira, funileiro, sapateiro, alfaiate e a de costureira perdeu muito a expressão numérica que já experimentou – diminuiu em relação à população.

Comportamento

Há 50 anos, se dissessem a meu avô José Cândido que às 9h da noite uma dupla de vaqueiros estava correndo e derrubando boi, ele chamaria o interlocutor de mentiroso. Vaquejada à noite, ou “corrida”, como se chamava à época, era um absurdo. Não se conseguia nem imaginar. Três décadas depois, a energia de Paulo Afonso e o avanço na tecnologia das lâmpadas fizeram desaparecer quase por completo as diferenças entre dia e noite.

A energia de Paulo Afonso chegou a Cuité na primeira metade da década de 1960². Até então, a cidade era iluminada pela força de um motor, que trabalhava até às 8h30 da noite.

Na década seguinte, ainda não eram todos que possuíam energia em casa. Continuavam a iluminar os cômodos, sobretudo os quartos e a cozinha, com lamparinas de gásóleo ou querosene. Para a sala, como um requinte simples de uma pobreza elegante, a luz do candeieiro, com a manga de vidro protegendo da tinta suja da fumaça as paredes caiadas.

A candeia tinha sido aposentada desde a década de 1950, com seu azeite de sementes de carrapateira (biodiesel), feito em casa pelas mulheres. Também já não se falava mais em murrões, pavios grosseiros de algodão, lambuzados de carrapateira esmagada e que, nas candeias, iluminavam os ambientes.

A vaquejada virou esporte, virou negócio de muito dinheiro e de muita gente e profissões envolvidas. Em certa medida, também em Cuité. Hoje, há um parque de vaquejada nas imediações do Campo de Aviação e que em algumas ocasiões do ano atrai grande público a suas atividades noturnas.

As sociedades camponesas, abrigando unidades produtivas familiares autônomas, tinham uma forte tendência ao conservadorismo. Temperada por crenças religiosas puritanas, a tendência virava punição

2 - O texto *As luzes do progresso: a energia elétrica em Cuité-PB (1950-1975)*, Tópico 4 deste livro (pág. 53), trata sobre a chegada da luz elétrica em Cuité.

para alguns grupos. Cuité, até os anos 1960, era uma comunidade mergulhada nessa tendência e as mulheres eram um grupo vítima dela.

Elas estavam condenadas a gravitar na sombra dos homens, por mais inteligentes que fossem. Sem estímulo para se desenvolverem, as capacidades naturais definhavam. Poucas mulheres da zona rural iam além dos estudos de alfabetização. As meninas, em geral, eram educadas para os trabalhos domésticos, para alguns cuidados de saúde e para os ritos da religião. Tudo com o fim de encontrar um bom casamento. A virgindade era um valor fundamental. Não se podia chegar ao casamento sem ela. Perder a virgindade era perder a possibilidade de encontrar um marido. Paradoxalmente, a perda da virgindade era um assunto doméstico que se tornava público. O escândalo familiar que normalmente acompanhava tal perda rompia os limites da casa, ganhava a rua e a boca do povo. Ainda em finais dos anos 1960, houve casos de mocinhas serem impedidas de frequentar o clube da cidade, o Cuité Clube, porque, comentava-se, não eram mais virgens.

Homossexuais assumidos eram quase inexistentes. Os que não tinham como esconder sua condição, pela feminilidade dos gestos e dos gostos, expunham-se à zombaria da cidade, ao completo desprestígio social e à obrigatoriedade de uma vida de gueto. Aliás, nem isso. O gueto é a vida apartada da maioria, mas vivida entre semelhantes e iguais. Não havia esses semelhantes com quem compartilhar dores. Era uma vida apartada de tudo, solitária em sua condição de diferente.

Há poucos anos, houve uma Parada Gay em Nova Floresta, que é quase Cuité. Seriam surrados todos os participantes se tal ocorresse há 50 anos. Ou pior. Como a vaquejada à noite, era algo que a imaginação da época também não alcançava.

No momento presente, vivemos a febre do *WhatsApp* e das redes sociais. A adoção veloz e maciça dessas tecnologias, pela facilidade de acesso e uso, colocou todos ao alcance de um grito. A geografia reduziu-se a um aqui permanente e deseja-se que todos “os contatos” considerem o tempo como um permanente agora. Uma mensagem enviada gera a expectativa de que seja respondida de imediato. Todos os assuntos viraram familiares e urgentes, e todos se julgam especialistas em tudo, com opiniões demolidoras de como reinventar o mundo a cada derrapagem de quem vive nele. Por outro lado, o exibicionismo

natural da espécie, restrito à intimidade do quarto, às conversas entre amigos, ao papo do bar, às confidências seletivas ganhou uma dimensão pública. Tudo hoje é exibido nas redes na expectativa de muitos *likes*.

Essa febre passará? Certamente. Tudo passa. Mas se passou, como passou e o que lhe tomou o lugar quem saberá serão vocês, daqui a 50 anos. Mas não poderão me dizer, infelizmente.

Cuité, 12 de setembro de 2018.

A Cápsula e o Scanner do Tempo

novas sementes para a historiografia de Cuité: de 2018 a 2068

Mayra Clara A. Venâncio dos Santos¹

“Negar a sucessão temporal, negar o eu, negar o universo astronômico são desesperos aparentes e consolos secretos. Nosso destino (...) não é terrível por ser irreal; é terrível porque é irreversível e férreo. O tempo é a substância de que sou feito.”

Jorge Luis Borges

Este livro, a Cápsula do Tempo e o Grupo de Apoio ao Patrimônio Histórico de Cuité (Graphic) foram iniciativas idealizadas por historiadores e entusiastas da história de Cuité, guiados pelo propósito de resgatar, preservar e difundir informações sobre as raízes e os desdobramentos da *nossa terra* e da *nossa gente* ao longo do tempo. Parte da motivação para a realização dessas ações foi despertada pela passagem do aniversário de 250 anos de fundação do nosso município, comemorada em 17 de julho de 2018. Além disso, reflete a tendência humana de se buscar no passado a natureza do presente e, a partir disso, projetar o futuro.

Como destacou Aécio Cândido no prefácio desta obra: “*O livro que você tem em mãos neste momento dá conta de boa parte da nossa história cotidiana*”. Nos treze tópicos anteriores, passamos por múltiplos aspectos da vida cuitense até o ano de 2018. Neste último tópico, apresento informações sobre a inspiradora Cápsula do Tempo – projeto que deve seguir ativo na cidade até 2068 – e sobre a proposta de um artefato historiográfico digital idealizada para acompanhar a Cápsula até lá: o Scanner do Tempo.

A iniciativa busca atender, ao menos em parte, à constatação de Aécio: “*Cuité tem muita história e pouca historiografia*.”. Para contribuir com essa questão, compartilho neste suplemento editorial informações sobre a Cápsula e o Scanner do Tempo: propostas que ilustram alternativas, conhecimentos e tecnologias que podemos explorar para cuidar dos registros historiográficos da nossa memória coletiva, de modo criativo e estimulante, sem a necessidade de grandes recursos financeiros, envolvendo toda a comunidade e, por que não, também produzindo história.

1 - Natural de Cuité (1981). Editora e revisora de livros desde 2008. Em Cuité, trabalhou na Secretaria Municipal de Educação (2001-2007), onde coordenou a gestão municipal do Programa Bolsa Família. É a editora responsável por este livro e idealizadora do projeto digital que complementa a Cápsula do Tempo de Cuité: o Scanner do Tempo.

A Cápsula do Tempo de Cuité: de 2018 a 2068

A ideia de criar uma cápsula do tempo para Cuité surgiu do historiador Eliel Soares, cuiteense e pesquisador dedicado à memória da região. Inspirado pelas tradicionais cápsulas do tempo, ele propôs reunir, em 2018, um acervo representativo da cidade no momento de seu 250º aniversário de fundação, preservando-o para ser reaberto em 2068 – ano em que Cuité completará 300 anos. O objetivo era simples e profundo: permitir que as gerações futuras pudessem reencontrar, em objetos e palavras, o retrato sensível de um tempo.

A Cápsula foi concebida como um recipiente de vidro transparente, com um metro de largura, cinquenta centímetros de altura e cinquenta de profundidade, fabricado artesanalmente pelo vidraceiro cuiteense conhecido como Netinho da Vidraçaria. O vidro, de seis milímetros de espessura, foi selado com bordas de alumínio e frisos de borracha, garantindo vedação hermética contra o tempo, a umidade e o acaso. Sua transparência simboliza o desejo de uma história clara, legível e acessível, enquanto a solidez de sua estrutura reflete a esperança de permanência.

O acervo depositado dentro da Cápsula é variado e profundamente humano. Ele reúne documentos oficiais de instituições locais, livros e trabalhos acadêmicos, poemas, fotografias de ruas, pessoas e eventos ocorridos entre janeiro e julho de 2018, mensagens escritas à mão por alunos de escolas e por moradores de diferentes bairros, além de objetos cotidianos, materiais gráficos e publicitários, recortes de jornais e até um quadro pintado pelo artista cuiteense Célio Furtado.

Juntos, esses elementos formam um retrato da cidade no tempo: o que ela produzia, como se via, o que sonhava e o que desejava registrar de si. Há também um detalhe curioso e simbólico: entre os itens repousam as “chaves do futuro” – seis pequenos objetos que servirão para desbloquear o acervo digital do projeto Scanner do Tempo, complemento tecnológico da Cápsula.

Além dessas chaves, um grupo de seis crianças e jovens foram batizados como “Guardiões do Tempo”: Flora Albuquerque Venâncio Haus, Crisley Venâncio Marques, Iara Lays Santos Araújo, Ariston da Costa Farias Neto, Rayzza dos Santos Azevedo e o pequeno mascote Guilherme Jardim dos Anjos, que, na data do encerramento da Cápsu-

la, contava apenas um mês de vida. Eles simbolizam o elo entre gerações: o compromisso da juventude em proteger a memória até o reencontro com o futuro.

A solenidade de “abertura” do projeto ocorreu em 17 de julho de 2018, no pátio do museu, com a apresentação pública do artefato e do plano de acervo. A cerimônia de “encerramento” aconteceu dois meses depois, em 23 de setembro de 2018, durante as festividades em homenagem a Nossa Senhora das Mercês, padroeira da cidade. Por coincidência – ou por providência simbólica –, as duas datas acabaram selando duplamente a história: homenageando Caetano Dantas Correia, o fundador que doou as terras para a construção do patrimônio da santa, e a própria Nossa Senhora das Mercês, que o inspirou.

Assim, a Cápsula foi depositada no mesmo solo que acolheu as primeiras fundações da memória social de Cuité. Desde então, a Cápsula do Tempo de Cuité tornou-se mais do que um projeto histórico: é uma obra coletiva e afetiva, feita de mãos e gestos de uma comunidade que aprendeu a registrar o seu próprio tempo. Ela guarda, em silêncio, não apenas papéis e objetos, mas a promessa de um reencontro – quando, em 2068, outra geração abrirá o vidro e encontrará, dentro dele, o reflexo do que fomos.

O Scanner do Tempo

O Scanner do Tempo é uma proposta de instalação artístico-funcional – uma espécie de *máquina historiográfica* – pensada para compor o monumento da Cápsula do Tempo de Cuité, construído no pátio do Museu do Homem do Curimataú. Mais do que um aparato tecnológico, trata-se de um dispositivo de mediação patrimonial, capaz de articular, no mesmo gesto, a materialidade do acervo da Cápsula e a imaterialidade das memórias que ela abriga.

Além disso, o Scanner do Tempo reposiciona o papel do Museu frente à sua própria comunidade. Ao permitir que os registros historiográficos sejam produzidos pela população – e não apenas *sobre* ela –, a proposta rompe com modelos tradicionais de coleta “imperativa” de memórias e aproxima-se das perspectivas contemporâneas de decolonização dos museus, que valorizam narrativas plurais, colaborativas

e cotidianas. Assim, habitantes, visitantes, estudantes e pesquisadores tornam-se coprodutores da história, participando ativamente da documentação do território e de seus modos de vida. Não se trata apenas de uma instalação interativa, mas de um dispositivo que promove uma prática contínua de produção de memória coletiva, em que os próprios sujeitos da história registram suas vivências, percepções e formas de habitar Cuité ao longo do tempo.

A instalação visa criar um sistema capaz de capturar, armazenar e projetar memórias digitais da cidade, formando um *Banco de Memórias Digitais de Cuité* integrado ao acervo da Cápsula e do Museu. Por meio de sensores, câmeras, microfones e dispositivos de captura de dados, o sistema reunirá fragmentos do cotidiano – sons, imagens, sequências de timelapse, informações atmosféricas, movimentos da rua, do museu e de seus visitantes – compondo uma narrativa visual e sensorial da passagem do tempo.

O interior da estrutura octogonal do monumento da Cápsula – reminiscência do antigo coreto que existiu na década de 1970 na Praça Barão do Rio Branco (hoje Praça Cláudio Gervásio Furtado) – poderá abrigar uma estrutura translúcida, reflexiva ou semirrefletiva, sugerindo o formato de uma ampulheta. É nesse espaço que acontecerá a projeção contínua das “memórias do dia”: um fluxo diário de imagens, sons e mensagens enviadas pela comunidade, funcionando como um feed vivo das experiências da cidade.

A programação das projeções seguirá o calendário: a cada dia, serão exibidos apenas os registros correspondentes àquela mesma data. O sistema armazenará memórias de todos os dias e anos, mas a projeção cotidiana permanecerá fiel ao dia presente. Somente depois de 2068, após a abertura da Cápsula, todos os registros poderão ser exibidos e disponibilizados livremente, em qualquer ordem ou combinação. Até lá, estudantes, pesquisadores, visitantes e participantes dos projetos do Museu relacionados à Cápsula e ao Scanner poderão ter níveis de acesso diferenciados às memórias armazenadas no sistema, conforme diretrizes de pesquisa, curadoria e salvaguarda digital definidas pelo Museu.

A proposta prevê que, até 2068, o Scanner do Tempo seja alimentado continuamente pela população, por meio de um aplicativo de

envio de memórias. Qualquer pessoa poderá registrar e enviar fotografias, documentos, relatos, vídeos curtos ou testemunhos de seu cotidiano – compondo um mosaico coletivo da vida cuitense. Esses registros serão processados por um sistema interno de curadoria, organização, indexação, escaneamento e catalogação, capaz de reconhecer metadados, mapear datas e preservar fontes e formatos originais. O banco resultante fortalecerá de forma significativa a documentação do Museu, que ainda não possui seu acervo registrado em sistema informatizado.

Na ocasião da abertura da Cápsula, em 2068, as imagens reunidas poderão ser projetadas sobre o próprio monumento, transformando o coreto em tela e testemunha da história que acolheu, guardou e devolveu ao futuro e à comunidade cuitense.

Como parte desta máquina historiográfica, prevê-se ainda a criação de um relógio-contador marcando, em tempo real: quanto falta para a abertura da Cápsula; data e hora atual; e condições climáticas e atmosféricas.

Esse relógio poderá ser exibido por projeção – inclusive com tecnologia holográfica –, pairando sobre o monumento como um elemento “flutuante”, visível tanto aos visitantes no pátio quanto aos transeuntes da rua em frente ao Museu. Assim, o tempo que passa, o tempo que se guarda e o tempo que retorna tornam-se parte da paisagem cotidiana da cidade.

A amplitude interdisciplinar da proposta permite que o Scanner do Tempo se torne um programa de extensão universitária permanente do Centro de Educação e Saúde (CES), campus de Cuité da UFCG. O projeto envolve tecnologia, museologia, história, artes, ciências da computação, educação, comunicação, design, física, matemática e química. Além disso, oferece oportunidades concretas para que estudantes e pesquisadores desenvolvam sistemas de salvaguarda digital, interfaces de visualização, estudos sobre preservação audiovisual e soluções para desafios conceituais e técnicos. A proposta representa ainda uma oportunidade estratégica para desenvolvimento e consolidação, na região, de práticas contemporâneas de documentação patrimonial colaborativa, envolvendo a universidade, o poder público e a comunidade.

Entre esses desafios está também o sistema de destravamento do Scanner em 2068, que utilizará as “chaves” depositadas na Cápsula: mechas de cabelo (DNA), impressões digitais, uma chave Allen, além

de um baralho, um quadrado mágico e um cubo de Rubik – propositalmente embaralhados em configurações arbitrárias. Embora inseridos de modo lúdico – para despertar curiosidade e criar um enigma para as futuras gerações –, esses objetos podem inspirar pesquisas em criptografia, biometria, proteção de acervos, engenharia reversa e segurança museológica, tornando-se ponto de partida para estudos de impacto acadêmico e social. A própria ideia de “chaves” simbólicas pode estimular investigações sobre salvaguarda do patrimônio digital, autenticação de arquivos e mecanismos de acesso condicional ao acervo.

O Scanner do Tempo é, antes de tudo, um gesto de esperança. Une arte, ciência e tecnologia na construção de uma ponte entre o passado e o futuro, entre o registro e o imaginário, entre o visível e o que ainda será lembrado. Mais do que um experimento museológico, é um convite ao envolvimento coletivo na escrita da história – para que cada cuiateense, em cada tempo, possa deixar sua marca no tecido das memórias.

E quando 2068 chegar, talvez o que apareça refletido nessas imagens seja mais do que a história de uma cidade: será o retrato de como conduzimos nossas gerações – e quanto de nós permanece no tempo, ou como disse Borges, na substância de que somos feitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E INSPIRAÇÕES

BARBOSA, Cátia Rodrigues; BARACHO, Renata Maria Abrantes (Eds.). **Aproximações Entre a Gestão da Informação e do Conhecimento e a Gestão de Acervos no Museu**. In: Anais do Seminário Internacional Ciência e Museologia: Universo Imaginário. Tema: Tecnologia: Informação, Documentação, Patrimônio. 2015.

BARBOSA, Valéria Oliveira. **Véritas Mouseion: Topografia Digital dos Museus de Sergipe e Realidade Aumentada**. 2014.

BORGES, J. L. **Obras completas de Jorge Luis Borges**. Vol. 2. São Paulo: Globo, 2000.

CAVALCANTI, Marina Russell Brandão. **Patrimônio virtual: a reconstrução em 3D e a preservação do patrimônio cultural**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2019.

CHIANCA, Luciana *et al.* **Educação patrimonial e cultura digital: uma proposta em**

extensão universitária. “Série Patrimônio Cultural e Extensão Universitária”, nº. 4, 2014.
COSTA, Luciana Ferreira da. **Tendências temáticas na produção científica em Museologia no Brasil.** *Revista Iberoamericana de Turismo-RITUR.* Penedo, Vol. 7, Dossiê Número 3, dez. 2017, p. 229-267.

DODEBEI, V. **Patrimônio digital: foco e fragmento no movimento conceitual.** *In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 6., 2005, Salvador. Anais. Salvador: UFBA, 2005.

ENTLER, R. **A fotografia e as representações do tempo.** *Revista Galáxia.* São Paulo, n. 14, p. 29-46, dez. 2007.

GAARDER, J. **O pássaro raro.** 5ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

IBICT / IPHAN. “IMAGO – Reflexões para proposição de bancos de imagens”. Evento e caderno técnico. 2023.

KELLY, Damien P. *et al.* **Digital Holographic Capture and Optoelectronic Reconstruction for 3D Displays.** Hindawi Publishing Corporation. International Journal of Digital Multimedia Broadcasting. 2010.

LI, Z.; XIA, F.; ZHENG, G.; ZHANG, J. **Copyright protection in digital museum based on digital holography and discrete wavelet transform.** College of Optics and Electronics Engineering, University of Shanghai for Science and Technology, Shanghai. Faculty of Electric and Automatic Engineering, Shanghai University of Electric Power, Shanghai. 2007.

MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; HERNÁNDEZ, Francisca; CURCINO, Alan. **Patrimônio e Empoderamento dos Atores de Desenvolvimento Local.** *In: Museologia e Patrimônio.* Volume 1. 2019.

MELLO, J. C. **ARQUEO-DIGITAL 360º: tecnologia 3D-Bin aplicada ao acervo arqueológico do Museu do Homem Sergipano (MUHSE).** *In: Edição Especial – ANAIS I Semana de Arqueologia - Unicamp “Arqueologia e Poder”.* Campinas: LAP/NEPAM, 2013.

MELLO, J. C. *et al.* **A museologia na web: sistema de informação sobre patrimônio cultural na era digital.** 2015.

MELLO, J. C.; MONTIJANO, M. C., ANDRADE, ngela F.; LUZ, F. C. **Sistemas de Informação, cyber cultura e digitalização do patrimônio sergipano: a museologia na web.** 2012.

MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE. **Museologia social, educação integral**

e políticas públicas: Comentários sobre a implementação do “Programa de Integração Museus Comunitários e Programa MAIS Educação (MEC)” da Fundação Joaquim Nabuco. In: ANAIS DO 2º SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA. Recife - PE. 2015.

FIGUEIRÔA, Raquel de A. D. **Arqueologia em 3D: perspectivas de digitalização no Museu de Arqueologia de Xingó.** Anais do XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio. 2012.

SANTOS, Suzy da Silva. **Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas.** Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia. 2017.

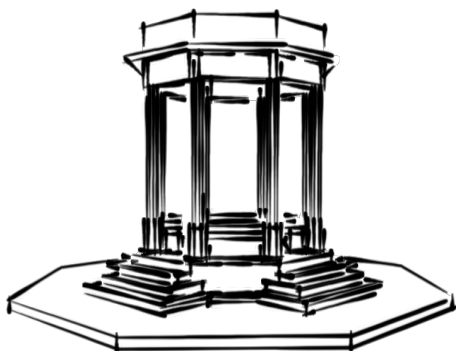
SILVA, A. C. dos S.; LORENZETTI, L.; SILVA, C. S. **Divulgação científica em um Museu de Ciências: um estudo de público tendo como foco as famílias visitantes.** Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 36–53, 2019.

SOARES, Bruno Brulon. **Resenha “A fábrica do patrimônio”** (HEINICH, Nathalie. La fabrique du patrimoine. De la cathédrale à la petite cuillère). Revista Mana, 2009.

SOARES, Bruno Brulon; SCHEINER, Tereza C. M. **A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa.** 2009.

SOARES, Bruno Brulon; SCHEINER, Tereza C. M. **Museus, Patrimônios e Experiência Criadora: Ensaio sobre as bases da Museologia Experimental.** 2019. Museologia e Patrimônio, vol. 1.

SOARES, Bruno Brulon. **Quando o museu abre portas e janelas: o reencontro com o humano no museu contemporâneo.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, 2008.



*Participe conosco dessa
viagem até 2068!
Acesse o QR Code abaixo
para mais informações.*



Esta primeira edição do livro *Nossa terra, nossa gente: tópicos históricos sobre o município de Cuité-PB* traz informações sobre boa parte dos aspectos que envolvem a história cotidiana de Cuité. A obra está dividida em quatro partes, denominadas **Momentos**.

O **1º Momento** contém textos relacionados aos *aspectos históricos e geográficos* de Cuité e aborda desde a presença dos indígenas Tarairiús em nossa região até a história da chegada da luz elétrica; o **2º Momento** trata dos *aspectos culturais*: Festa da Padroeira, personalidades folclóricas, bares da cidade e curiosidades sobre o cotidiano; o **3º Momento** traz um compilado de histórias e dados sobre *política e educação* do município; e o **4º Momento** apresenta duas reflexões sobre *passado, presente e futuro*: a primeira, sobre o progresso da cidade de 1968 a 2018 — passeio conduzido com sensibilidade e maestria pelo cuitense Aécio Cândido; e a segunda, um suplemento editorial que apresenta a **Cápsula** e o **Scanner do Tempo** — este último, uma proposta de artefato historiográfico digital que propõe novos olhares sobre a preservação da memória e do patrimônio histórico de Cuité.

Esta obra é uma homenagem ao **250º aniversário da fundação** da cidade (ocorrida em 17 de julho de 1968) e também um elo entre a geração atual e a geração de 2068, e entre as gerações que construirão as próximas décadas da história de Cuité, até o seu **300º ano de fundação**.

Boa viagem pelo nosso tempo!

ISBN: 978-85-54385-00-2

R. Pedro Simões



MC² EDIÇÕES
mc2edicion.com